

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Clube, futebol e lazer: as dinâmicas cultural e educativa de um
campeonato de futebol amador na cidade de Piracicaba/SP

Milena Avelaneda Origuela

2015

TESE DE DOUTORADO

MILENA AVELANEDA ORIGUELA

**Clube, futebol e lazer: as dinâmicas cultural e
educativa de um campeonato de futebol amador
na cidade de Piracicaba/SP**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba, para obtenção do Título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva

**PIRACICABA
2015**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP
Bibliotecária: Marjory Harumi Barbosa Hito CRB-8/9128

O69c	Origuela, Milena Avelaneda Clube, futebol e lazer : as dinâmicas cultural e educativa de um campeonato de futebol amador na cidade de Piracicaba-SP / Milena Avelaneda Origuela. – 2015. 152 f. : il. ; 30 cm Orientadora: Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva Tese (doutorado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Ciências do Movimento Humano, Piracicaba, 2016. 1. Futebol. 2. Lazer. I. Origuela, Milena Avelaneda. II. Título. CDU – 796.332
------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Clube, Futebol e Lazer: As dinâmicas cultural e educativa de um campeonato de futebol amador da cidade de Piracicaba – S.P.

MILENA AVELANEDA ORIGUELA

Tese de Doutorado defendida e aprovada em 30 de novembro de 2015, pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva - Presidente e Orientadora - UNIMEP

Profa. Dra. Eline Tereza Rozante Porto - UNIMEP

Profa. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni - UNIMEP

Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz - UNESP

Prof. Dr. Odilon José Roble - UNICAMP

*Dedico este trabalho à meus
pais, Selma e Cláudio, por
todo apoio e amor dedicado.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Cláudio e Selma, que estão sempre me apoiando e orientando minhas decisões, possibilitando a realização dos meus sonhos.

À minha avó Manoela, por sua presença forte, por toda sua experiência suas lindas histórias de vida e pela inspiração com sua formidável vontade de viver.

Às minhas irmãs Daniella e Camila, pelo apoio e incentivo para que eu continuasse a trilhar este caminho acadêmico.

À minha querida amiga Sandra por me apoiar nos estudos, e por me acalmar nos momentos de cansaço e desespero, pelo incentivo a focar nos estudos, muito obrigada pelo carinho.

Aos meus amigos da vida, sempre dispostos e curiosos a ouvir sobre o que eu estava pesquisando.

Aos meus amigos do GELC, pela companhia nas alegrias e nas reclamações, sempre me incentivando, foi muito bom conviver com todos vocês nestes últimos anos.

Aos integrantes da banca, por dedicarem seu tempo nesta leitura e contribuir com esta pesquisa.

À todos os meus professores, da graduação e pós graduação, que contribuíram para a minha formação.

Aos funcionários da UNIMEP, especialmente da Secretaria de Curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e da Secretaria Integrada de Pós-Graduação por sempre esclarecerem minhas dúvidas e resolverem os problemas.

À diretoria do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo ao permitirem a pesquisa no clube.

Aos participantes da pesquisa e a todos os frequentadores do Campeonato Livre de Futebol Social do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo pelo convívio aos fins de semana.

À Capes pelo apoio financeiro.

Agradeço especialmente, à Cinthia, minha orientadora, por sua paciência, orientação certa, por acreditar em mim e me guiar neste caminho acadêmico que se iniciou lá em 2010 com as Iniciações Científicas durante minha graduação e culminou neste momento de defesa de doutorado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a dinâmica cultural do Campeonato Livre de Futebol Social do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, em Piracicaba/SP, e como objetivos específicos: 1) Analisar o futebol amador a partir dos gêneros do lazer, prática e assistência e; 2) Identificar e analisar os significados do futebol para os jogadores, espectadores e espectadores/jogadores do campeonato de futebol no clube. O clube tem se mostrado como um local propício para a vivência de atividades do âmbito do lazer. Um dos problemas que se apresenta é que, para o senso comum, a prática do esporte pode ser associada a uma ação ativa por parte dos sujeitos, em contrapartida, a assistência que pode ser relacionada a uma conduta passiva dos mesmos. Outro problema é que os campeonatos existentes dentro de clubes, por apresentarem características semelhantes às do futebol profissional, podem ser compreendidos como uma simples reprodução deste modo de jogar. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de um levantamento das obras de autores da Antropologia, Sociologia e da Educação Física que se centram em um referencial cultural. A pesquisa de campo teve como base o referencial teórico-metodológico da etnografia e utilizou técnicas como a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Algumas similaridades com o futebol profissional foram os uniformes, regras e punições, aquecimento, rituais e gritos, a forma como os espectadores se comportam, a predominância de homens em relação às mulheres, os xingamentos aos árbitros e a outros jogadores. As diferenças observadas foram condutas em que predominam as ironias, a brincadeira, o lúdico, a possibilidade da educação pelo lazer e a ressignificação de valores como a sociabilidade e a amizade. No campeonato investigado há uma tensão presente, pois neste espaço de realização de atividades do âmbito do lazer no clube, pode-se vivenciar o futebol de forma recreativa, em que valores questionadores da sociedade capitalista estão presentes, ao mesmo tempo em que tal elemento da cultura se apresenta com características próximas ao futebol profissional. Concluímos que o lazer no clube proporciona às pessoas a construção de valores que tensionam o modelo de futebol profissional, assim como outros valores que predominam na sociedade atual. Assim, ocorre no clube um processo cultural e de educação pelo e para o lazer. Desta forma, este trabalho poderá contribuir para o debate nos campos do Lazer e da Educação Física, no sentido de demonstrar que instituições como o clube são espaços privilegiados para o desenvolvimento de ações pedagógicas no sentido da educação para e pelo lazer.

Palavras-chave: Atividades de Lazer; Futebol; Clube; Cultura.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the cultural dynamic of Campeonato Livre de Futebol Social (Free Social Soccer Championship) at Centro Cultural e Recreativo (cultural and leisure center) Cristóvão Colombo, in Piracicaba/SP. The specific objectives are: 1) To analyze non-professional soccer from the leisure genres, practice and watching perspective, and; 2) to identify and analyze the meanings of soccer for players, spectators and spectators/players from non-professional soccer league. The club has been a useful place to experience activities during leisure time. One of the problems identified is that, for the common sense, the sports practice can be associated with an active action, on the other hand, watching sports may be related to a passive attitude. Another problem is that the leagues inside clubs have similar characteristics with professional soccer, so they can be understood as a simple reproduction of this way of playing. Bibliographic and field research was used as methodology. Bibliographic research was made from a survey of the works of authors from Anthropology, Sociology and Physical Education area who focus on a cultural reference. The field research was based on the theoretical-methodological referential of ethnography and used techniques such as participant observation and semi-structured interviews. Some similarities with professional soccer were the uniforms, rules and punishments, warm-up before games, rituals and shouting, the way spectators behave, the predominance of men over women, offences to referees and other players. The differences were ironic behavior, jokes, playfulness, the possibility of education through leisure and new meanings about values as sociability and friendship. In the championship investigated there is a tension, because it is a space for leisure activities in the club, people can experience the soccer recreationally, where values of capitalist society are questioning, at the same time that such a cultural element appears with similar characteristics in the professional soccer. We concluded that leisure in the club provides people the opportunity to build values that promote tension to the professional soccer model, as well as other values that predominate in society today. Therefore, there is a cultural and educational process through and for leisure inside the club. Thus, this work could contribute to the fields of Leisure and Physical Education showing that institutions like the club are privileged spaces for the development of pedagogical actions towards education through and for leisure.

Key words: Leisure Activities; Soccer; Club; Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CAMINHO PERCORRIDO	13
2.1 Sobre as entrevistas.....	18
3 O LAZER NO CLUBE	23
3.1 O futebol no setor corporativo do lazer.....	30
3.2 O futebol e os gêneros do lazer.....	37
4 O REFERENCIAL CULTURAL COMO BASE PARA O ESTUDO DE UM CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR NO CLUBE	45
4.1 O conceito de cultura.....	48
4.2 A Antropologia Interpretativa de Geertz	59
5 A PRÁTICA E A ASSISTÊNCIA DO FUTEBOL NO CLUBE COMO UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL	71
6 ENTRANDO EM CAMPO: O CAMPEONATO DE FUTEBOL SOCIAL LIVRE DO CLUBE CRISTÓVÃO.....	85
6.1 O cenário	85
6.2 Pré-jogo	93
6.3 O beber e o fumar.....	96
6.4 Xingamentos e falação	99
6.5 Os “profissionais”	101
6.6 Brincadeiras e ironias	104
6.7 A final.....	108
7 OS SIGNIFICADOS DA PRÁTICA E ASSISTÊNCIA DO FUTEBOL PARA FREQUENTADORES DO CLUBE CRISTÓVÃO	114
7.1 Os jogadores	114
7.2 Os espectadores.....	121
7.3 Os jogadores/espectadores.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS	148

1 INTRODUÇÃO

O futebol se insere na vida cotidiana de muitas formas, e o que mais nos interessa, é o fato de os sujeitos atribuírem a esse elemento da cultura um conjunto de significados, sendo os mesmos de diferentes lugares, estratos sociais, gêneros ou idades. Ao pensarmos no esporte¹ de maneira geral, é notável sua importância social e cultural, além de ser considerado expressão hegemônica no contexto das práticas corporais e de movimento. O esporte se tornou tão relevante que passou a ser tema de interesse dos pesquisadores da Sociologia e Antropologia, da Educação Física e de outras áreas, em busca da sua compreensão. É, assim, um elemento da cultura e embora seja considerado tão corriqueiro pelas pessoas, ao ser analisado pelo olhar antropológico mostra-se bastante peculiar.

Ao observarmos esse elemento da cultura, podemos ver que ele faz parte da cultura brasileira com suas diversas multidimensões, como jogo, esporte, rito, espetáculo. O desejo de observar mais de perto esse fenômeno foi o motivo desta pesquisa.

Desde a graduação em Educação Física, os esportes de maneira geral, mais especificamente o futebol, tem sido objeto de interesse e estudo. A escolha, portanto, foi de seguir um caminho de investigação pautado nos estudos do lazer, na vivência e fruição deste esporte no tempo disponível escolhido pelas pessoas. No Mestrado em Educação Física, decidimos por investigar quais eram os significados de se assistir aos jogos de futebol em um bar na cidade de

¹ Valter Bracht (2005) define o esporte moderno como uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo além de abarcar outras características como rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento. Neste estudo, entretanto, trataremos do futebol amador como jogo, no sentido deste como elemento da cultura, vivenciado de forma lúdica, nos quais as regras podem ser modificadas pelos participante.

Piracicaba/SP. Impressionava-nos a quantidade de pessoas presentes nos bares nos dias dos jogos, e tentamos entender o que levava as pessoas a saírem de suas casas, confortáveis, e irem assistir aos jogos de futebol em um local muito menos confortável, barulhento, no qual, muitas vezes, teriam que pagar e consumir algo. Após algumas observações e entrevistas, concluímos que os sujeitos atribuem como significados a esta experiência o encontro com os amigos, a festa e a confraternização, entretanto, nunca deixando de lado o interesse no espetáculo esportivo. Então vimos que a questão não era somente o jogo de futebol, nem somente os amigos, o que interessava era ter todos estes elementos juntos, no momento destinado às atividades do contexto do lazer.

Ao conversar com colegas, amigos e várias outras pessoas sobre futebol, e demonstrar o desejo de entender melhor esse fenômeno, alguns nos contaram sobre a existência de um grande campeonato de futebol amador realizado na cidade de Piracicaba/SP e que já acontece há muitos anos. O evento ao qual nos referimos é o Campeonato Livre de Futebol Social, realizado anualmente no Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo (C.C.R.C.C.), clube situado na cidade de Piracicaba/SP. Anualmente, o campeonato tem mais de 1500 jogadores, sem contar os associados do clube, os quais somente assistem às partidas.

Os clubes esportivos e recreativos, conhecidos também como sociorrecreativos, são equipamentos específicos de lazer e de possível vivência do conteúdo físicoesportivo. Por que as pessoas vão todos os fins de semana jogar futebol no clube? E por que muitos vão para assistir jogos que não têm o nível dos profissionais, não são como os espetáculos esportivos produzidos pela mídia, mas são jogos com pessoas comuns, amadores?

No caso do futebol amador como atividade no lazer, ele pode ser vivenciado segundo os gêneros do lazer: prática, conhecimento e assistência². A maioria dos estudos do lazer enfoca a questão da vivência, no sentido da *prática* (STIGGER, 1997; MYSKIW, 2012), embora atualmente já existam alguns estudos enfocando a *assistência* aos jogos de futebol (GASTALDO, 2005; SANTOS, AZEVEDO, 2008; ORIGUELA, LOPES DA SILVA, 2014; 2015).

Um dos problemas desta pesquisa é que a prática do esporte tem sido associada à ação (ativa) e, por outro lado, a assistência considerada passiva, ou apenas uma forma de consumo. No entanto, a questão deve ser revista, porque tanto a prática como a assistência podem ser ativas ou passivas. Entendemos que a questão tem a ver com a conduta da pessoa em relação à atividade realizada, se é vivenciada de forma conformista, crítica e/ou criativa.

Competições esportivas, principalmente as de futebol, organizadas dentro de clubes sociorrecreativos, tendem a privilegiar a prática do esporte em detrimento da assistência. Desta forma, pode-se entender que este modo de organização de jogos privilegie somente um perfil de associados, os que jogam futebol, excluindo de certa maneira os que gostam de assistir aos espetáculos esportivos.

Além disso, outro problema é que, os campeonatos de futebol nos clubes sociorrecreativos possuem diversas características semelhantes ao profissional, como regras, arbitragem, regulamentos, uniformes, tempo de jogo entre outros. Isso pode dar uma ideia inicial de que este espaço proporciona apenas a reprodução do futebol de alto rendimento por parte de seus praticantes. No entanto, o campeonato de futebol no clube pode envolver outros elementos

² Referimo-nos aos gêneros do lazer propostos por Dumazedier (1999, p. 103): gênero produtivo (realização, expressão); não produtivo (observação, contemplação ou assistência). Marcellino (2012) também aponta três gêneros do lazer: prática, conhecimento e assistência.

que levem ao tensionamento³ deste modelo do esporte de alto rendimento, por ser praticado por pessoas comuns, não necessariamente atletas, no tempo disponível.

Este trabalho tem como objetivo geral: analisar a dinâmica cultural do Campeonato Livre de Futebol Social, e como objetivos específicos: 1) Analisar o futebol amador a partir dos gêneros do lazer, prática e assistência e; 2) Identificar e analisar os significados do futebol para os jogadores, espectadores e espectadores/jogadores de um campeonato de futebol amador.

No capítulo 2 “Caminho Percorrido”, fazemos a descrição metodológica e contamos como foram realizados o levantamento bibliográfico, a pesquisa de campo e sua análise.

Na sequência, no capítulo 3 “O lazer no clube”, apresentamos o conceito de lazer trabalhado neste estudo e algumas relações com o jogo e o lúdico. Além disso, trazemos as características dos clubes sociorrecreativos e a relação deles com os conteúdos do lazer, destacando o futebol como principal jogo vivenciado no clube. E, ainda, mostramos as diferentes configurações do futebol e quais as particularidades do futebol amador.

No capítulo 4 “O referencial cultural como base para o estudo de um campeonato de futebol amador no clube”, apresentamos o conceito de cultura e como esta tem sido tratada dentro dos estudos antropológicos. Neste capítulo, destacamos a Antropologia Interpretativa de Geertz (2011) como base para nossa discussão.

³ Tensionamento vem da palavra tensão, que segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagno (2007), significa conexão entre dois opostos que estão ligados apenas por sua oposição. No caso deste estudo quando falamos do tensionamento entre o futebol amador e o futebol profissional queremos dizer que estes possuem conexões, com muitas características em comum, no entanto, existe esta “tensão” ou oposição nas formas de vivenciar estes estilos de futebol.

No capítulo 5 “A Prática e a assistência do futebol no clube como uma construção cultural” apresentamos o levantamento de autores que têm como base um referencial centrado, sobretudo, nos estudos antropológicos para realizar suas investigações sobre o futebol. Esse levantamento também é o pano de fundo para a análise da pesquisa de campo.

No capítulo 6 “Entrando em campo: o Campeonato de Futebol Social Livre do Clube Cristóvão”, fazemos uma descrição do campeonato investigado, destacando algumas relações, cenas e acontecimentos, além dos dados, análise e interpretações sobre o evento observado.

No capítulo 7 “Os significados da prática e assistência do futebol para frequentadores do clube Cristóvão”, apresentamos os resultados das entrevistas com os três grupos investigados (os jogadores, os espectadores e os jogadores/espectadores), bem como a análise das respostas destes sujeitos.

Ao final apresentamos as considerações finais dos resultados obtidos na pesquisa.

Esta tese segue o formato do Manual para Normalização de Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano disponível em <http://www.unimep.br/anexo/adm/21082014073845.pdf>; citações e referências baseadas na NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

2 CAMINHO PERCORRIDO

Neste capítulo faremos um roteiro sobre o caminho percorrido nesta pesquisa. Tomamos como base o referencial cultural. Utilizamos alguns estudos sociológicos para a discussão do lazer, especialmente das obras de Nelson Carvalho Marcellino. Já para as questões culturais, Roberto DaMatta, Marco Paulo Stigger, Édson Luis Gastado, Simoni Lahud Guedes, José Guilherme Cantor Magnani, Eunice Durham e Clifford Geertz contribuíram com suas pesquisas e reflexões.

Realizamos pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica, tendo como base as ideias de Severino (2007), foi efetuada a partir de um levantamento nos Sistemas de Bibliotecas da UNIMEP e UNICAMP, correspondente às obras da Antropologia, Sociologia e da Educação Física. Foram consultadas as bases Scielo, Portal Periódicos Capes e o *site* acadêmico Google Scholar. Para a realização deste levantamento, foram consultados livros, dissertações, teses e periódicos. As seguintes palavras-chave, combinadas entre si, foram base para a pesquisa: lazer, futebol, clube e cultura.

Para o tratamento dos textos selecionados desta pesquisa utilizamos as fases de Severino (2007): análise textual, na qual se adquire uma visão geral dos textos; análise temática, com a compreensão do texto além de determinar o tema-problema, a ideia central e as ideias secundárias e a análise interpretativa, onde há a interpretação do texto, nos capacitando para a associação das ideias e críticas.

A natureza da discussão é qualitativa. De acordo com Minayo (1994, p.21) esse tipo de pesquisa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”.

A segunda parte da metodologia, a pesquisa de campo, foi realizada no Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo (C.C.R.C.C.), situado na cidade de Piracicaba/SP, durante o Campeonato de Futebol Social Livre do ano de 2014. Esta fase da pesquisa ocorreu nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2014. Nosso contato com o clube iniciou-se em março (2014), quando enviamos o projeto por *e-mail* e em mãos para o Sr. Odair Santana, na época o Diretor de Esportes. Somente em abril conseguimos agendar uma reunião e o Sr. Odair achou a ideia muito interessante, concordou com a pesquisa, mas disse que só poderia nos autorizar oficialmente com o consentimento do presidente do clube. Ele nos informou que, em maio de 2014 haveria a eleição para a troca de presidente do clube e pediu para que aguardássemos esse período de transição, para só então conversar com o novo presidente sobre a pesquisa e nos conceder as devidas autorizações. Após a eleição de novo presidente, houve também a troca de vários gestores dos demais departamentos, incluindo o Diretor de Futebol, o qual, agora, é o Sr. Cássio Aguiar Secamilli, este, por fim, providenciou a autorização para a pesquisa e permissão para a entrada no clube todos os fins de semana. Essa autorização só chegou em nossas mãos em 29 de setembro de 2014.

Esta é uma pesquisa qualitativa de enfoque etnográfico e, portanto, utiliza a etnografia como referencial teórico-metodológico. A cultura é o pilar fundamental para nosso discurso e forma de análise dos dados, e para isso nos baseamos em alguns princípios da Antropologia Interpretativa destacados por Geertz (2011).

Segundo Geertz (2011, p. 9) “[...] a cultura é pública por que o significado o é”. Como cultura, o autor defende um olhar essencialmente

semiótico, acreditando que o ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e a cultura sendo essas teias e sua análise, uma ciência interpretativa em busca do significado. Ele afirma que os praticantes da Antropologia Social fazem etnografia, uma produção de conhecimento que não pode ser reduzida a uma simples técnica de pesquisa. O pesquisador, ao fazer uma etnografia, não segue somente as rotinas automatizadas de coleta de dados, ele encontra uma multiplicidade de estruturas complexas, entrelaçadas, estranhas, implícitas que precisa primeiro apreender e depois apresentar.

A etnografia é uma descrição densa. Para o autor, há quatro características nesse tipo de descrição:

Ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis (...). Há ainda, em adiantamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica (GEERTZ, 2011, p.15).

A primeira, segunda e terceira características da descrição densa, significam que o pesquisador inscreve o discurso, ou seja, o anota. Transforma os acontecimentos que só existiram em um determinado momento em relato que pode ser consultado novamente. O discurso social interpretado nesta pesquisa é o dos participantes do campeonato de futebol no clube, e envolve, tanto o dito (entrevistas), como o não-dito (observações). A quarta característica da descrição densa é que ela é microscópica. Em nosso caso se refere à pesquisa em um local específico, um olhar “microscópico” de um grupo ou comunidade, no caso os participantes do Campeonato Livre de Futebol Social do clube Cristóvão na cidade de Piracicaba/SP.

Vale lembrar também que o *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Não estudaremos “o” clube, mas “no” clube. O que vamos interpretar é o discurso

social dos participantes que frequentam este espaço. Para atingirmos nosso objetivo utilizamos alguns procedimentos e técnicas, no caso observações participantes e entrevistas semiestruturadas.

A observação participante segundo Bruyne; Herman e Schoutheete (1977), pressupõe observação direta e convívio com o grupo investigado, permitindo o acesso aos fatos, tais como são para os sujeitos observados. Para as observações participantes, frequentamos todo o espaço destinado ao Campeonato no clube, ora sentadas em alguma arquibancada, observando os jogos e as relações entre os sujeitos, ora transitando pelos arredores dos campos de futebol.

Para a prática etnográfica não existem fórmulas prontas, mas existem alguns procedimentos que temos que levar em consideração. Um desses procedimentos se refere à rotina de trabalho e, para isso, é indispensável ao pesquisador um diário de campo. Pires (2011, p.146) define o que é o diário de campo:

O diário de campo é um instrumento poderoso na pesquisa antropológica. Estejam sempre com ele a postos (não necessariamente em mãos, para evitar a natural curiosidade daqueles que se sabem observados) e reservem um momento ao longo do dia para relatar os acontecimentos passados. Os diários podem ser exclusivamente descritivos, mas devem ser exaustivamente minuciosos. Mesmo que a princípio não consigamos enxergar a necessidade de mencionar detalhes, eles podem, no mínimo, fazer a diferença no futuro num processo de rememoração do trabalho de campo através da leitura do diário. A sugestão é que tudo seja anotado.

Sobre como usar o diário de campo, Magnani e Aquino (2012) comentam que se pode usar o equipamento mais conveniente para o pesquisador, um gravador, um computador ou um simples caderninho, o importante é conversar, observar, ser interrompido e retomar uma conversa. O autor cita Geertz, dizendo que é preciso “estar lá” e “escrever aqui” e, após a

observação precisa haver o momento da transcrição. Ele ainda recomenda ir a campo, observar tudo, anotar, olhar, ouvir e, de volta à casa e, com base nas observações, mesmo fragmentárias do caderno de campo, passar tudo a limpo. Somente após esse processo e da leitura atenta destes relatos é que vão aparecer os famosos *insights*, as primeiras linhas de interpretação e de reflexão. Ter um *insight* é, para Magnani e Aquino (2012), a experiência etnográfica, seria finalmente encontrar e entender os significados.

Outro procedimento que utilizamos em nosso estudo são as entrevistas semiestruturadas, consideradas por Triviños (1987) como um dos principais meios na pesquisa qualitativa em Ciências Humanas. A prática etnográfica utiliza este procedimento para o trabalho de campo, por entender que as entrevistas possibilitam sabermos qual é o ponto de vista sobre algo diretamente do nosso informante. De acordo com Geertz (2011, p.11), é como uma informação em primeira mão, é a primeira interpretação, do “nativo”, porque “[...] é a *sua* cultura [...]” e, ao escrevermos uma pesquisa ou texto antropológico, fazemos interpretações de segunda e terceira mãos.

De qualquer forma, com base nesse referencial teórico-metodológico, a etnografia, e utilizando as técnicas e procedimentos como as observações, entrevistas, diários de campo, teremos acesso às informações como são para os sujeitos, possibilitando a interpretação do seu papel social e da dinâmica cultural dos envolvidos, no caso de nossa pesquisa, do campeonato de futebol amador no clube.

Ainda podemos acrescentar como necessário em nosso campo, o que DaMatta (2010) chama de “estranhar o familiar”. Essa transformação ocorre

quando a Antropologia se volta para a sociedade, e não se restringe mais aos estudos dos povos primitivos.

O problema é, então, o de tirar a capa como membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo - estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (DAMATTA, 2010, p.181).

Isso não quer dizer que tudo que nos é familiar seja conhecido no sentido de proximidade e intimidade. Se olharmos os dados desta forma, ampliando o sentido social da familiaridade e supondo que conhecemos tudo o que está a nossa volta estaremos assumindo a atitude do senso comum (DAMATTA, 2010). A questão aqui foi transformar o familiar em exótico para que fosse possível perceber os significados do jogo de futebol para participantes selecionados para a investigação. Jogos de futebol, campeonato e as relações advindas destes, seus códigos, práticas e valores parecem-nos familiares e portanto, foi necessário, como propõe o próprio DaMatta, um desligamento emocional para estranhar a familiaridade do campo estudado.

2.1 Sobre as entrevistas

Separamos os entrevistados em três grupos: os jogadores, os espectadores, e os que são jogadores e também espectadores. O primeiro critério para esta divisão foram observações iniciais realizadas numa primeira visita no clube, durante o campeonato. Inicialmente tivemos como pressuposto que este tipo de divisão seria relevante para a pesquisa por mostrar possibilidades de acesso das pessoas ao futebol no clube investigado. Um segundo critério utilizado para esta divisão foi perguntar aos entrevistados como participavam do

campeonato: se jogavam, se assistiam ou se jogavam e também assistiam aos jogos do campeonato. Dependendo da resposta da pessoa fazíamos as perguntas específicas para aquele grupo.

Entrevistamos 60 sujeitos no total, sendo 20 de cada grupo estabelecido e a definição da amostra foi por conveniência (GIL, 2014). Utilizamos, ainda, como base para definir o número de entrevistados, a saturação de dados. Quando colhemos os dados e notamos repetições das respostas, ou seja, dados recorrentes, atingimos o 'ponto de saturação' (DUARTE, 2002). Nos três grupos de entrevistados chegamos ao ponto de saturação antes de atingirmos as 20 entrevistas em cada um, entretanto entrevistamos os 20 sujeitos, conforme proposto na metodologia, respeitando a documentação enviada para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIMEP.

Para recrutarmos os entrevistados, frequentamos o espaço do campeonato no clube, durante o período em que os jogos eram realizados e, após as observações, nos direcionamos a alguns escolhidos, perguntando o que faziam no clube com relação ao campeonato (se eram jogadores, jogadores e espectadores ou somente espectadores), e perguntávamos se poderiam participar da pesquisa. Um dos critérios de participação era que o entrevistado tivesse mais que 18 anos de idade. A escolha por pessoas a partir desta idade se deu por dois motivos. O primeiro, porque, embora o campeonato aceite participantes a partir dos 15 anos de idade, observamos que a maioria parecia ser de adultos, maiores que 18 anos. O segundo motivo foi para viabilizar o processo da pesquisa no que se refere à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso dos menores de idade, tínhamos que fazer contato com os pais ou responsáveis (nem sempre presentes no clube), para a assinatura dos termos e

autorização para a participação na pesquisa, dificultando, assim, o processo.

Quanto aos jogadores, entrevistamos 20 sujeitos que estavam inscritos em algum dos times do campeonato em 2014, e que nos responderam que somente jogavam. Para estes, o roteiro da entrevista foi o seguinte:

- 1 – Tipo de participação no campeonato;
- 2 - Tempo que joga no campeonato no clube C.C.R.C.C.;
- 3 - Tempo que participa de campeonatos similares em outro clube;
- 4 - Significados atribuídos a jogar um campeonato de futebol amador.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram (dependendo da resposta outras perguntas poderiam ser formuladas para atingirmos o objetivo da pesquisa):

1 – Você joga ou assiste aos jogos, ou você joga e também assiste aos jogos do campeonato?

2 - Há quanto tempo você joga futebol no Campeonato Livre de Futebol Social do C.C.R.C.C.?

3 – Você participa/participava de outros campeonatos em outros locais ou em outros clubes?

4 – Quais os significados de se participar jogando um campeonato de futebol amador?

5 – Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o tema abordado?

O segundo grupo foi o dos espectadores, ou seja, pessoas que responderam que somente assistiam aos jogos no clube. Selecionamos para a pesquisa 20 sujeitos e o roteiro da entrevista foi o seguinte:

- 1 – Tipo de participação no campeonato;
- 2 - Tempo que assiste ao campeonato no clube C.C.R.C.C.;

3 – Frequência que assiste aos jogos do campeonato no clube;

4 - Significados atribuídos a assistir aos jogos de futebol no clube.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram (dependendo da resposta outras perguntas poderiam ser formuladas para atingirmos o objetivo da pesquisa):

1 – Você joga ou assiste aos jogos, ou você joga e também assiste aos jogos do campeonato?

2 – Há quanto tempo você assiste aos jogos deste campeonato?

3 – Qual a frequência que você assiste aos jogos deste campeonato?

4 – Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?

5 - Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o tema abordado?

O terceiro grupo foi o dos jogadores/espectadores, ou seja, os sujeitos nos responderam que jogavam e assistiam aos jogos do campeonato. Entrevistamos também 20 participantes. O roteiro para a pesquisa foi:

1 – Tipo de participação no campeonato;

2 – Tempo que assiste e joga no campeonato no clube C.C.R.C.C.;

3 – Frequência que assiste e joga no campeonato no clube;

4 - Significados atribuídos a assistir e jogar futebol no campeonato do clube.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram (dependendo da resposta outras perguntas poderiam ser formuladas para atingirmos o objetivo da pesquisa):

1 – Você joga ou assiste aos jogos, ou você joga e também assiste aos jogos do campeonato?

2 – Há quanto tempo você assiste e joga neste campeonato?

3 – Qual a frequência que você assiste e joga neste campeonato?

4 – Quais os significados de se assistir e jogar futebol amador no clube?

5 - Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o tema abordado?

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética, protocolo de pesquisa nº 72/2014 e está de acordo com os critérios da Portaria 196/96 do Departamento de Saúde Nacional em matéria de pesquisa com seres humanos. Todos os sujeitos do estudo autorizaram sua participação na pesquisa e visualização de resultados, de acordo com a declaração 196/96.

3 O LAZER NO CLUBE

Como partimos do sentido de cultura como produto e processo utilizamos neste trabalho o conceito de lazer do sociólogo Nelson Carvalho Marcellino (2004) o qual afirma que, o lazer não se concebe na sua especificidade abstrata, seu entendimento não é estabelecido de forma isolada em uma ou outra atividade, mas como um componente da cultura historicamente situada. Seu significado na sociedade contemporânea é bastante diferente do entendimento da Antiguidade Clássica, é uma questão de cidadania, de participação cultural, sendo gerador de novos valores que contestam a sociedade.

Marcellino (2004) entende o lazer como cultura levando em consideração, portanto, a mesma como produto e processo das manifestações humanas, a produção de significados. O autor conceitua o lazer como

[...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2004, p. 31).

Este conceito também inclui a esfera do tempo. A consideração do aspecto tempo tem provocado alguns mal entendidos. Um deles é quando se considera o tempo na caracterização do lazer como tempo “livre”. Sob o ponto de vista histórico, tempo algum pode ser livre de coações ou normas sociais. Marcellino (2012) prefere usar o termo tempo “disponível”, mas, mesmo assim, ele comenta que isto seria considerar o lazer como esfera permitida e controlada da vida social com as mesmas características que podem ser alienantes, verificadas em outras áreas de atividade humana. De qualquer forma, quando falamos em tempo disponível consideramos atividades desenvolvidas no tempo

liberado do trabalho, das obrigações profissionais, familiares, religiosas, escolares e sociais.

Outro aspecto que temos que considerar ao falarmos de cultura e lazer, e no caso de nossa pesquisa em que trataremos do jogo e sua dinâmica cultural, é o lúdico. O lúdico é considerado por Pinto (1995, p. 20) como vivência privilegiada no lazer, que materializa a experiência cultural, movida pelos desejos de quem joga, coroada pelo prazer. Segundo a autora, concretizar o lúdico é "[...] renovar relações interpessoais, experiências corporais, ambientes, temporalidades e energias; é reencontrar consigo mesmo, com o que gosta e deseja [...]".

Heloísa Bruhns (1993) afirma que é preciso redimensionar o lúdico para além de uma diversão ingênua e que isso só se torna possível por meio da descoberta da dimensão humana em sua interação com o meio e pela busca do significado do lúdico na produção social, em suas raízes históricas e culturais.

Para Marcellino (1990), o lúdico pode significar uma experiência revolucionária, uma vez que permite não só consumir cultura, mas também, criá-la e recriá-la, vivenciando valores e papéis externos a ela. Assim como seu conceito de lazer, o autor relaciona o lúdico com a cultura no sentido de produção de significados.

Debortoli (2002) aponta o lúdico como uma das dimensões da linguagem humana, que possibilita ao sujeito criador ser capaz de dar significado à sua existência, ressignificar o mundo. É uma capacidade de se 'brincar com a realidade', transformando o mundo.

Gomes (2004) concorda com esse sentido de Debortoli (2002) que relaciona o lúdico com a linguagem humana e, sendo desta maneira,

manifestando-se de diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, dentre outras) e ocorrendo em todos os momentos da vida - no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência etc.

Equivocadamente relegado à infância, o lúdico tem sido sinônimo de determinadas manifestações (como festividades, jogos, brinquedos, danças e músicas, entre inúmeras outras), entretanto, as práticas culturais não são lúdicas em si. “É a interação do sujeito com a experiência vivida que possibilita o desabrochar da ludicidade” (GOMES, 2004, p. 145).

Werneck⁴ (2003, p. 37) afirma que o lúdico constitui novas formas de fruição da vida social, marcadas pelos sentidos e emoções com a mescla de “[...] alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, satisfação e expectativa, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite”. Pressupõe-se, assim, a valorização estética e a apropriação do processo vivido e não somente o produto alcançado mesmo quando não se obtém o resultado esperado.

Nossa pesquisa se dá com pessoas adultas e precisamos assim falar da relação desta fase da vida com o lúdico. Marcellino (1990) comenta que o “furto” do lúdico na vida adulta ocorre por conta das características da sociedade contemporânea, que visa à produtividade e valoriza o trabalho.

Schwartz (2004) também afirma que a inibição lúdica durante o ciclo vital gira em torno da hipótese de que os compromissos de trabalho e as cobranças de rendimento e seriedade estão em oposição a viver mais espontânea e simplesmente. Independentemente da idade cronológica, o comportamento de brincar faz parte da espécie humana, no entanto, depois de uma ‘certa idade’, agir

⁴ Werneck (2003) e Gomes (2004) citadas anteriormente são a mesma pessoa, porém mantivemos a forma de citação das referentes obras.

ludicamente na sociedade atual parece algo não natural.

No entanto, para o adulto o lúdico pode se manifestar por meio dos conteúdos culturais do lazer⁵ e não mais de uma forma restrita a jogos e brincadeiras infantis. Ao pensarmos nas atividades do âmbito do lazer, uma das possibilidades de vivência de brincadeiras e do jogo entre os adultos, são os jogos de futebol. No caso desta pesquisa o destaque se dá em relação aos jogos no clube, espaço para o lazer, onde o lúdico pode ser vivenciado por todas as faixas etárias, especialmente pelos adultos, os quais podem participar jogando o campeonato.

Huizinga (1986), autor clássico que aponta o jogo como elemento da cultura, afirma que o lúdico pode ser facilmente descartável para a faixa etária adulta, dizendo que

[...] seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas "horas de ócio". Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual (p.10-11).

Para Huizinga (1986) o jogo⁶ é uma função significativa, tem sentido, transcende necessidades e emite sentido à ação do jogador, com características como a fascinação, seguida da intensidade e da excitação. O autor afirma que a relação da cultura com o jogo se dá pelo fato de o jogo ser uma das principais

⁵ Segundo Dumazedier (1980) os conteúdos do lazer são divididos por interesses: artísticos, intelectuais, físicos, manuais e sociais. Camargo (1979) acrescenta os interesses turísticos.

⁶ De acordo com o Dicionário de Filosofia (ABBAGNO, 2007), jogo é uma atividade ou operação que se exerce ou se executa por si mesma, e não pela finalidade à qual tende ou pelo resultado que produz. Por este caráter, Aristóteles aproximou o jogo à felicidade e à virtude, pois essas atividades também são escolhidas por si mesmas e não são "necessárias", como as que constituem o trabalho.

bases da civilização, tem uma função cultural. Huizinga (1986) propõe uma visão de que o jogo é anterior à cultura, porque os animais brincam assim como os homens.

Huizinga (1986) afirma que a maioria das respostas quando se tenta identificar o significado do jogo é que se preocupam apenas em saber o que o jogo é em si mesmo e o que significa para os jogadores. Ele destaca que tem que se prestar atenção ao seu caráter estético e que o jogo é intenso e fascinante.

Desta forma, considerando as características formais do jogo Huizinga (1986, p. 16) diz que é:

[...] uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro dos limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras.

Sendo o lúdico base da cultura, é essencial sua vivência, seu experimento diário, podendo ser vivenciado no lazer (espaço privilegiado), valores que nem sempre o adulto consegue vivenciar no seu cotidiano, realçando sua importância cultural, como elemento fundamental da cultura, de uma perspectiva antropológica (HUIZINGA, 1986).

O lazer também sugere um duplo aspecto educativo: como veículo de educação (educação pelo lazer), isto é, a educação por meio das atividades do contexto do lazer; e como objeto de educação (educação para o lazer).

Sobre a educação pelo lazer, Requixa (1980) ressalta que seria adequado considerar as atividades no lazer como instrumentos no auxílio do esquema educacional. A pessoa que participa de atividades do âmbito do lazer, como a leitura, o teatro ou o cinema por exemplo, sofre motivações para que procure mais conhecimento. O autor argumenta que a vivência das atividades no

lazer são o melhor estímulo educativo para o próprio lazer. O desenvolvimento pessoal e social, considerados funções ou possibilidades do lazer são, “[...] mais proximamente identificáveis, pela educação social, em seu sentido mais amplo de “educação para a vida”” (REQUIXA, 1980, p. 53).

O sujeito pode enriquecer sua personalidade, na medida em que adquire elementos para pensar, criticar e agir de forma mais liberada dos condicionamentos que possam automatizar seus pensamentos e ações. Alguns destes elementos para o desenvolvimento humano promovem o bem-estar social e uma participação ativa no atendimento de necessidades e desejos de ordem individual, familiar, profissional, cultural e comunitária (REQUIXA, 1980).

Segundo Requixa (1980), há na vivência das atividades no lazer, um conteúdo psicológico e um social. Essas afirmações são no sentido da necessidade da satisfação humana de contatos sociais, fazendo com que as relações entre as pessoas sejam, até mesmo mais importantes que o próprio conteúdo das atividades. Além da própria vivência nestes grupos, as relações interpessoais oferecem aos sujeitos a oportunidade de expressão individual, de se satisfazerem em algo e de se orgulharem. Na prática, das atividades do contexto do lazer emerge o conteúdo social, ou seja, a favor da comunidade.

Em condições ideais, as atividades do âmbito do lazer oferecem oportunidades para os sujeitos exercitarem seu poder criativo, de realizarem opções, mas, principalmente, de aprimorarem suas percepções dos problemas, incentivando, assim, a colaboração com sua comunidade, em trabalho desinteressado e benéfico, para si e para o grupo (REQUIXA, 1980).

Requixa (1980) ainda comenta que a evolução rápida e complexa de nossa sociedade exige uma rápida e melhor adaptação das atividades no lazer.

Sendo assim, o lazer, em seu caráter educativo, tem a possibilidade de ampliar a criatividade, estimular o aprimoramento das pessoas e despertar os sujeitos para a importância da participação e colaboração para o progresso da sociedade.

Com relação ao segundo aspecto educativo, a educação para o lazer, Requixa (1980) comenta que o ser humano tem sido educado, racionalmente, para se equilibrar entre o trabalho e o lazer. O autor ainda afirma que, mesmo em países desenvolvidos faltam elementos racionais para o correto aproveitamento do tempo livre. É necessário um incentivo para a diversificação na procura das atividades do contexto do lazer.

Para o desenvolvimento de atividades no tempo disponível, seja na prática ou na assistência, de forma não conformista e sim crítico-criativa, é preciso aprendizado. Isso compreende difundir o significado do lazer, esclarecer sua importância, incentivar a participação e transmitir informações que o desenvolvam ou aperfeiçoem (MARCELLINO, 2012).

Destacando as possibilidades educativas do lazer, Marcellino (2007b) tece uma crítica à Requixa (1980), quando coloca a possibilidade, por exemplo, de excluídos do sistema educacional recuperarem no lazer as oportunidades perdidas. Marcellino (2007b) afirma que, desta maneira, se refletiria uma tendência compensatória, ao se considerar o lazer como veículo de educação com a valoração utilitarista do lazer.

Para Marcellino (2007b, p. 63-64):

só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado, [...] como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social.

Vemos, assim, como possibilidade de vivência lúdica, os jogos de futebol no clube, incluindo todas as formas de fruição desta modalidade, seja

jogando ou assistindo. O clube, como espaço de lazer, possibilita também as conversas, os encontros, beber com os amigos, enfim, uma variedade de relações sociais prazerosas e desfrutadas no tempo disponível. Além disso, as atividades do âmbito do lazer no clube, especificamente a prática e assistência do campeonato de futebol amador são possibilidades de educação pelo e para o lazer. No próximo tópico apresentamos quais as características do futebol no setor corporativo do lazer.

3.1 O futebol no setor corporativo do lazer

O lazer pode permear diferentes esferas no ambiente capitalista. Neste estudo enfocamos o setor corporativo do lazer. Porém, há certa dificuldade em definirmos o que é exatamente esse setor e o que o diferencia do público. Segundo Pereira e Grau (1998), existem quatro esferas ou formas de propriedade relevantes no capitalismo contemporâneo:

[...] a propriedade pública estatal, a pública não-estatal, a corporativa, e a privada. A pública estatal detêm o poder de Estado e/ou é subordinada ao aparato do Estado; a pública não-estatal está voltada para o interesse público, não tem fins lucrativos, ainda que sendo regida pelo Direito privado; a corporativa também não tem fins lucrativos, mas está orientada para defender os interesses de um grupo ou corporação; a privada, finalmente, está voltada para o lucro ou o consumo privado (PEREIRA; GRAU, 1998, p. 17).

Essa dificuldade se dá, principalmente porque as instituições corporativas são estabelecidas “sem fins lucrativos”, mas não são necessariamente públicas. Em termos formais, o controle social institucionalizado de caráter público está orientado para o interesse geral, enquanto o corporativo se relaciona com a defesa dos interesses de um determinado grupo. No caso deste estudo, entendemos assim os clubes sociorrecreativos como integrantes do

setor corporativo do lazer.

Muitos dos clubes sociorrecreativos, de maneira geral, são concebidos como uma associação ou sociedade civil, sem fins lucrativos, que são regidos pelas leis do país, além de possuírem uma constituição jurídica própria, representada pelo seu estatuto, cuja função é apresentar aos seus associados suas normas e regulamentos internos. Os clubes são constituídos por uma comunidade de pessoas que pagam diretamente pelos serviços recebidos (mensalidade) e possuem uma estrutura composta por equipamentos esportivos (quadras, piscinas, salas de jogos etc), programações com atividades físicoesportivas e eventos sociais (festas, shows, bailes), o que se assemelha muito à estrutura do setor público [governamental], em que a oferta é considerada gratuita. Esses recursos econômicos são administrados por um grupo de sócios escolhidos pelos próprios associados, por meio de uma assembleia geral, para administrarem o clube, a partir dos seus órgãos competentes (diretoria executiva, conselho deliberativo e conselho fiscal), conforme rege o estatuto de cada associação (CAPI, 2006).

Segundo Pereira e Grau (1998, p. 2) os clubes denominados corporativos são instituições que não recebem contribuição econômica nem estrutural de nenhum órgão público ou privado, não possuem fins lucrativos e estão “[...] orientados para defender os interesses de um grupo ou corporação”.

No Brasil, existem duas instituições que regulamentam a abertura e funcionamento dos clubes. A CBC (Confederação Brasileira de Clubes) e a FENACLUBES (Federação Nacional de Clubes). A CBC, há mais de 20 anos representa os clubes esportivos sociais no planejamento das atividades do esporte e seu subsistema específico em todo o território nacional, em

cumprimento às alterações que instituíram esta como integrante do Sistema Nacional do Desporto. Já a FENACLUBES é uma entidade sindical, que atua em âmbito nacional, coordenando, protegendo e defendendo a coordenação de clubes e sindicatos. Segundo a CBC, existem 13.826 clubes no Brasil, com mais de 55 milhões de associados e sócios torcedores⁷.

Sobre o associativismo, Oliveira (1981) propõe pensarmos nas formas de participação associativa, que, na maioria das vezes, não é levada em consideração. Uma delas, é a participação por meio de relações pessoais, nas quais as pessoas se conhecem e se encontram frente a frente, seriam os contatos entre amigos, parentes, colegas etc. Uma segunda forma de participação associativa seria por meio dos grupos. É como a forma anterior, porém em uma escala ampliada acontecendo em bailes, festas, reuniões, churrascos etc. Há ainda uma terceira, que inclui extensivamente as duas formas anteriores, a participação em associações ou clubes. Essa forma de associação se trata de um conglomerado humano de maior porte, no qual nem todos se conhecem e, assim, estabelecem-se canais indiretos e participação. O quarto enfoque se expressa nos movimentos sociais, que, no caso, além dos participantes não se conhecerem, pode haver um distanciamento geográfico de regiões ou cidades.

Podemos, assim, definir as associações voluntárias como grupos informais que são constituídos livremente, aos quais se tem acesso por livre escolha, e que buscam interesses mútuos e pessoais, ou então, interesses coletivos (BOBBIO et al, 1986). Barreto (1987), ao falar sobre o associativismo no Brasil, comenta que, entre as diferentes associações, existem os clubes esportivos e recreativos, que proporcionam atividades no âmbito do lazer às

⁷ Fonte: cbc-clubes.com.br (Acesso em abril 2015).

populações. Em um de seus estudos, Marcellino (1999) identifica os clubes denominando-os como:

[...] formas de associação voluntária que visam atingir certos objetivos comuns, de caráter recreativo ou cultural, gozando de autonomia e estabelecendo, mediante eleições, a admissão de seus membros. O termo é empregado para designar organizações em que há um vínculo social, ou um desejo de sociabilidade entre os componentes, com base em acordo formal sobre um objetivo comum. Algumas definições concebem o clube como local de reuniões, geralmente com edificações (MARCELLINO, 1999, p. 49).

Ao olharmos para os clubes sociorrecreativos como espaços, podemos afirmar que estes são equipamentos específicos de lazer, ou seja, estruturas físicoarquitetônicas construídas especialmente para que as pessoas possam desfrutar as atividades no tempo disponível (REQUIXA, 1980). Os clubes podem ter dimensões diversas, localizando-se nas áreas urbanas ou nas áreas rurais (clubes de campo, embora estes estejam atualmente dentro de algumas cidades, especialmente no interior), alguns oferecem uma gama ampla de atividades enquanto outros ofertam apenas uma modalidade esportiva e ainda são considerados clubes, como por exemplo, os clubes de golfe.

Silva (2009) comenta que os clubes sociorrecreativos apresentam características específicas, que diferem de outros segmentos do lazer, constituindo-se como uma rede de sociabilidade complexa – tanto pelas inúmeras relações com as diversas instituições da sociedade, bem como, influenciando a convivência social dos indivíduos, além de exprimir diversas formas de sociabilidade do cotidiano das pessoas. Os clubes, independente de sua origem e forma de constituição representam para a sociedade um conjunto de referências que fornece significado à população, seja ela associada ao clube ou não. A representação social do clube transmite à população um estilo de vida característico destes espaços. Algumas relações sociais dentro dos clubes podem

ser oriundas da convivência no trabalho, na vizinhança, nas práticas religiosas, mas, também, podem ser construídas dentro dos clubes, e, desta forma, estas relações também podem se estender para fora deles.

Os clubes podem propiciar diversas formas de manifestação de atividades do contexto do lazer, como por exemplo, as dos interesses sociais. A procura dos contatos pessoais, estabelecimento de vínculos afetivos e uma série de outras formas de relacionamentos sociais são alguns exemplos. Muitas vezes, outros interesses do lazer, como o artístico ou físicoesportivo, servem de base para a satisfação de interesses sociais, mesmo porque, esse limite entre os interesses, muitas vezes, não é observado de forma clara na realidade (MARCELLINO, 2012).

Bramante (2003), ao realizar uma pesquisa com associados e não associados dos clubes sociorrecreativos AABBs (Associações Atléticas Banco do Brasil), que contava na época com mais de 250 mil sócios, aponta que o futebol, piscina/natação, leitura, cinema e caminhada representavam o “lazer predileto” (p. 37) dos sócios desta instituição. Isso pode ser compreendido porque a maioria dos clubes possui os equipamentos básicos para desfrute das duas primeiras opções. Esses dados confirmam a premissa de que há um excesso de preocupação com a construção/manutenção de espaços físicos, dando ênfase, portanto, ao conteúdo físicoesportivo do lazer, que o autor denomina monocultura do lazer.

Os espaços e a oferta de atividades dos clubes sociorrecreativos, têm um enfoque maior no conteúdo físicoesportivo, muitas vezes, em detrimento de outros conteúdos, e, assim, podem incentivar a manutenção da visão funcionalista de lazer. Marcellino (2007a) comenta que esta visão possui quatro nuances:

romântica, moralista, compensatória e utilitarista e que estas têm uma íntima relação entre si, são interligadas, mas separadas nestas definições para fins de estudo. Podemos notar que, ao darem ênfase aos espaços para a vivência dos conteúdos físicoesportivos do lazer, os clubes ressaltam essas nuances do funcionalismo, utilizando, por exemplo, o esporte na manutenção do *status quo*.

Os clubes sociorrecreativos, ao darem maior destaque ao esporte e atividades relacionadas trazem a visão moralista, de que o esporte pode melhorar o comportamento de jovens rebeldes, ou a visão compensatória, que o esporte recupera, distrai, relaxa a “cabeça”, ajuda “pôr para fora” o estresse, faz esquecer do trabalho, dos problemas.

Há, ainda, a visão de que a prática de esportes é boa, em detrimento do conhecimento e da assistência aos esportes, como sendo ligados à passividade e ao consumo. Marcellino (2012) afirma que, tanto a prática como o consumo podem ser ativos ou passivos. O autor questiona a valorização como “inferior” ou “superior” em relação a se participar passivamente ou praticar uma atividade. Para o autor, o que é determinante é a atitude do indivíduo em relação à prática ou ao consumo. Sendo assim, o espectador pode ser até mais ativo que o praticante. A diferença entre uma atividade ser ativa ou passiva não está no gênero (prática ou assistência), mas sim, no nível de participação da pessoa envolvida. Estes níveis podem ser classificados em três estágios: elementar, que é caracterizado pelo conformismo, repetição sem se pensar no que se faz ou assiste; médio, onde existe a criticidade; e superior ou inventivo, quando se usa a criatividade.

Sobre as questões da prática e assistência ao esporte, no campeonato estudado notamos um público presente que somente assiste aos jogos de futebol

no clube. Isso vem nos mostrar que os clubes sociorrecreativos poderiam enfatizar outros gêneros do lazer além da prática, ou, até mesmo, não ficarem limitados a um ou outro conteúdo cultural do lazer, ou apenas a algumas atividades, mas serem espaços para escolha/opção do que fazer no tempo disponível, de maneira ampla pela população.

Concordamos que a maioria de ofertas de atividades do âmbito do lazer nos clubes se relaciona ao conteúdo físicoesportivo, porém, discordamos, de certa forma, que este conteúdo seja algo restrito e vivenciado de forma única. Entendemos que estes espaços destinados ao conteúdo físicoesportivo possibilitam também a vivência do conteúdo social. O campeonato investigado neste estudo é um exemplo de como o conteúdo físicoesportivo está intrinsecamente ligado ao conteúdo social.

Um dos exemplos que podemos citar neste sentido, foi uma pesquisa anterior de Origuela (2014), na qual foram investigados os significados de se assistir aos jogos de futebol em um bar na cidade de Piracicaba/SP. Pelas observações e entrevistas, o estudo concluímos que havia o interesse dos participantes da pesquisa no jogo em si (conteúdo físicoesportivo), porém havia também o interesse social do lazer diretamente relacionado ao físicoesportivo, pois a maioria dos entrevistados respondeu que o significado de se assistir aos jogos de futebol no bar era estar com os amigos, encontrar com outros, festejar e confraternizar.

O cotidiano do associado no clube, na maioria dos casos, está relacionado às atividades físicoesportivas, seja com a prática de alguma modalidade esportiva, na participação informal com amigos, ou como espectador de campeonatos e apresentações. No caso de alguns clubes, a presença

marcante dos esportes, especialmente o futebol, é notada pela ampla divulgação nos meios de comunicação, tanto internamente, como externamente aos clubes. Um exemplo disso, no caso do clube deste estudo, é a criação de uma página da rede social *Facebook*®, especializada em informações e fotos sobre o Campeonato Livre de Futebol Social.

3.2 O futebol e os gêneros do lazer

É notável que os conteúdos físicoesportivos tenham maior destaque e investimento nos clubes sociorrecreativos. O esporte, de maneira geral, tem se mostrado como uma das opções muito ofertadas pelos clubes no que tange ao lazer e pode ser vivenciado de diferentes formas, no alto rendimento, no âmbito recreativo, entre outras. A maioria dos estudos do lazer enfoca a questão da vivência no sentido da prática (STIGGER, 1997; MYSKIW, 2012), entretanto, a assistência ao esporte tem se mostrado tão comum quanto a prática deste. Alguns estudos sobre o futebol vivenciado no sentido da assistência aos jogos têm sido realizados recentemente (GASTALDO, 2005; SANTOS, AZEVEDO, 2008; ORIGUELA, LOPES DA SILVA, 2014; 2015).

A prática e a assistência, juntamente com o conhecimento, são considerados os três gêneros do lazer (MARCELLINO, 2012; DUMAZEDIER, 1999) e é fundamental que as pessoas possam ter esses três gêneros como opção de escolha. Seria interessante, assim, que os clubes sociorrecreativos ofertassem aos associados, tanto atividades relacionadas à prática, bem como, à assistência e ao conhecimento, no que tange ao esporte.

Bracht (2005) propõe um 'esquema' dual, ao falar da gênese do

esporte moderno, mesmo reconhecendo a multifacitude do fenômeno esportivo hoje em dia e concordando que seja necessária uma abordagem mais diferenciada ou complexa. O esquema proposto é a divisão em 1) esporte de alto rendimento ou espetáculo e 2) esporte como atividade de lazer. O esporte como atividade no lazer não é homogêneo, pois nele podemos encontrar características derivadas do esporte de alto rendimento ou espetáculo, sendo assim muito semelhante a este ou muito diferente em alguns aspectos.

Embora o autor anteriormente citado separe o esporte como alto rendimento ou espetáculo em oposição ao recreativo, praticado no contexto do lazer, entendemos que essa polaridade deve ser revista⁸. Ao considerarmos como possibilidades no tempo disponível os seus três gêneros: conhecimento, prática e assistência, esta última pode ocorrer, tanto de forma amadora, como profissional, em outras palavras, podemos assistir a um jogo amador em um clube, mas também, a um jogo do alto rendimento e, dessa forma, vivenciarmos este também como uma experiência no âmbito do lazer. Portanto, nem sempre é possível essa divisão proposta pelo autor.

Ao seguirmos este raciocínio, podemos ainda destacar que alguns clubes possuem, além do associado, também o sócio torcedor, como é o caso dos que possuem equipes profissionais de futebol. O time profissional poderia ser enquadrado, de acordo com o esquema de Bracht (2005), no esporte de alto rendimento, no entanto, podemos pensar que o sócio torcedor, ao assistir aos jogos dessas equipes, vivenciam o esporte como atividade recreativa no âmbito do lazer, mas, sob o ponto de vista do gênero da assistência e não da prática.

⁸ O Ministério do Esporte, no documento “Política Nacional de Esporte”, subdivide o esporte em diversas categorias, entre elas o esporte de rendimento e o esporte-lazer, mas não deixa claro suas definições conceituais.
Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/arquivos/conselhoEsporte/polNacEsp.pdf>

Quando pensamos na sociedade brasileira, podemos identificar uma profunda relação entre a mesma e o futebol. DaMatta (1982) afirma que o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil é uma maneira pela qual a sociedade brasileira fala e se apresenta. Guedes (2009) corrobora esta afirmação, ao dizer que, no caso dos brasileiros, o futebol é um esporte nacional, não apenas porque é jogado por muita gente, mas porque é tematizado o tempo todo.

Damo (2003) afirma que o antropólogo Roberto DaMatta foi um dos pioneiros a incluir o futebol no conjunto dos fatos sociais relevantes ao entendimento da sociedade brasileira. Por um lado, enquanto Damo (2003) ressalta a importância dos estudos de DaMatta para o futebol, por outro faz uma crítica a este por conta de seu referente ser o futebol profissional ou espetacularizado. O autor ainda comenta que a maioria dos estudos que se seguiram sobre futebol citava DaMatta, reproduzindo, assim, a mesma perspectiva.

Podemos pensar no futebol nos clubes sob os aspectos dos conteúdos culturais e dos gêneros do lazer, e ainda nos perguntar como é exatamente esse futebol jogado no clube. Seria do tipo amador? Profissional? Comunitário? De várzea? Pelada? Durante nossa investigação sentimos a necessidade de classificar este tipo de atividade de uma forma mais precisa para sabermos sobre o que estamos falando realmente.

Damo (2003), ao fazer uma crítica ao monopólio temático exercido pelo futebol, argumenta que, para a diversidade futebolística ser melhor visualizada e compreendida, deveríamos pensar em quatro modelos configuracionais de futebol: o profissional, que é o futebol-espetáculo ou de alto rendimento/*performance*; de bricolagem, também conhecido como fute, pelada,

baba, racha e outras designações locais; o comunitário, dependendo do contexto é conhecido como futebol de várzea, de bairro ou amador; e o futebol escolar, vinculado à instituição escolar como ferramenta pedagógica, especialmente utilizado pela Educação Física. Embora o autor enquadre as definições do futebol em categorias, diferente de Bracht (2005), para Damo (2003) essas são mais conexas e não tão polarizadas.

Baseado nas noções de campo, de configuração e de tipo-ideal - identificadas com Bourdieu, Elias e Weber, respectivamente - Damo (2003) apresenta essas configurações que compreendem as segmentações possíveis de um universo amplo e diversificado unificado pelo termo futebol. As quatro segmentações ou matrizes são conexas umas às outras, mas cada qual possui sua especificidade. O que permite distingui-las não é propriamente o significado atribuído à prática, mas o espaço, o tempo e a morfologia social (composição do público, redes específicas de relações e interesses, divisão social do trabalho dentro e fora do espaço-tempo de jogo e conexões diversas para além do futebol, do esporte e das práticas corporais).

Como o Damo (2003) comenta, esta categorização proposta é uma alternativa entre a classificação dicotômica de amadorismo/profissionalismo. Em alguns casos, se fala do amador como aquele que pratica o esporte por amor, enquanto o profissional é aquele que recebe um salário para jogar, em outros casos o amador é quem joga no tempo "livre" das obrigações, enquanto o profissional é visto como trabalho. Além disso, o esporte amador é visto também como quem faz de qualquer jeito e o profissional é o sério, com mais empenho. Em termos acadêmicos, Damo (2003) afirma que o que separa estes dois segmentos é, principalmente, a remuneração, mas em alguns casos, se

acrescenta a legislação trabalhista e, em outros, a exigência de alta *performance*.

Note que, nas definições do autor, não encontramos especificamente o futebol do clube, mas, ao definirmos mais profundamente as características destas configurações, poderemos chegar a algumas conclusões. Vejamos mais de perto as quatro categorias elencadas por Damo (2003):

1 - Futebol profissional: é caracterizado pela forma monopolista e hierárquica da FIFA (Federation Internationale de Football Association), e de suas afiliadas confederações, federações nacionais e estaduais, com o estabelecimento de normas entre os clubes, direitos e comércio das imagens, negociações de jogadores etc. Também se caracteriza por uma divisão social do trabalho: os profissionais diretos (jogadores, técnicos, treinadores, fisiologistas), os especialistas (narradores, jornalistas, comentaristas, fotógrafos) e os torcedores (os que assistem ao espetáculo). Existe ainda uma característica com relação à distinção clara e precisa entre quem pratica e quem assiste. Exige-se empenho e dedicação exclusiva, não somente por parte dos atletas mas também de todos os profissionais diretos envolvidos, e todos são remunerados como trabalho. Quando nos referirmos ao modelo profissional ou futebol profissional entendemos este conjunto de regras.

2 - Futebol de Bricolagem: é o futebol jogado com o que se dispõe em termos humanos, de espaço e tempo, são as famosas peladas ou rachas. Isso não quer dizer que esse tipo de jogo não tem empenho ou intensidade. Com relação à divisão social do trabalho, neste caso, é praticamente inexistente em relação ao futebol profissional, ou seja, os participantes não são remunerados e não há a mesma plasticidade em termos estéticos e de *performance* como há no profissional. Enquanto no profissional existem muitos espectadores, no caso das

peladas, os espectadores são poucos ou quase inexistentes.

3 - Futebol Comunitário: tem características tanto do profissional como do de bricolagem, mas é vinculado ao tempo disponível dos praticantes. É realizado em campos mais padronizados do que das peladas, mas sem a rigidez e formatação do futebol profissional. Esta configuração também é conhecida como futebol de várzea. A divisão social do trabalho fora de campo existe, mas é precária, diferente, assim, do futebol profissional e do bricolagem. Neste caso, quase todos os times de várzea têm um técnico e também um dirigente e um massagista, mas o técnico de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana.

A mídia ignora a existência desse tipo de futebol, e raramente algum jornal local de cidades de menor porte publica uma nota sobre algum campeonato, destacando o patrocínio de empreendedores locais. O futebol comunitário tende a se organizar em forma de associações clubísticas e estas em outras associações mais amplas, as quais são chamadas de ligas. As ligas raramente excedem um bairro, vila ou cidade de pequeno porte, uma espécie de circuito fechado ou reduzido, muito distante do que a FIFA representa. Resumindo, esse tipo de configuração não demanda o mesmo capital do profissionalismo, mas também não é tão “descomprometido” ou desorganizado quanto o futebol de bricolagem.

4 - Futebol Escolar: a quarta configuração se trata do futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da Educação Física, como parte das disciplinas legalmente constituídas. A diferença desta configuração em relação às demais é, obviamente, a instituição escolar, ela mesma passível de variações em termos de significado e função, de acordo com diferentes contextos históricos. No

caso do futebol escolar, ele tem sido problematizado juntamente com outros esportes, especialmente no processo de reflexão enunciado pela Educação Física, visando repensar o tecnicismo, a reprodução das distinções de gênero e a competitividade excessiva, entre outros.

Além disso, essa configuração de futebol parece estar migrando para o interior dos clubes esportivos e para as escolinhas de futebol. É interessante notar que, nestes espaços, especialmente nas escolinhas, não apenas se ensinam e se aprendem as técnicas futebolísticas, mas os profissionais destes espaços acreditam que este futebol é um processo disciplinador, formador do caráter, metódico, criterioso e assim por diante.

Damo (2003) reconhece que há outras configurações ou modelos de futebol, além do profissional. Há também histórias e estilos de sociabilidades, personagens e atores, que podem nos contar quais são os significados desse jogo tão absorvente. Estas configurações foram pensadas em relação a algumas categorias, como tempo, espaço, modo de distribuição do trabalho, e podem nos auxiliar nas investigações futuras sobre o futebol nas Ciências Sociais.

Se pensarmos nos diferentes tipos de clubes que temos no país, estas categorias de futebol elencadas por Damo (2003) podem ser observadas em muitos deles. Temos clubes que, além de oferecerem atividades do contexto do lazer e espaços e equipamentos de convivência para os associados, possuem também grandes equipes de futebol de nível profissional, como Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras, só para citarmos alguns da cidade de São Paulo. Estes clubes possuem destacadamente a categoria profissional e a escolar, com as escolinhas infantis e juvenis.

Alguns clubes têm estrutura capaz de abrigar todas as categorias de Damo (2003), já outros não possuem equipes profissionais, mas oferecem estrutura para a vivência do futebol de bricolagem e comunitário. No caso do clube estudado nesta pesquisa, notamos que ele é bem próximo da categoria de futebol comunitário, mas sem deixar de abrigar algumas características das outras configurações. O jogo de futebol do Cristóvão possui campo com medida padronizadas mas diferentes do profissional, alguns dos times possuem técnicos mas que não recebem para a função, entre outras características que trataremos a frente.

Com essa discussão proposta por Damo (2003), notamos que as características de cada configuração são úteis na análise da pesquisa de campo, e concordamos com o autor que existem outros “futebóis” (p.1), além dos destacados pelo mesmo. Ao falarmos neste estudo do futebol jogado no clube optamos por utilizar a expressão “futebol amador” por ser uma categoria que se diferencia do alto rendimento, pelo fato do clube ser um espaço específico de lazer e esse tipo de futebol ser jogado no tempo disponível das pessoas. Além disso, os próprios participantes do campeonato analisado se referem aos jogos como sendo de “futebol amador”, como se aquele campeonato fosse um grande “palco” para a vivência de uma atividade do âmbito do lazer, com a oportunidade de sociabilidade entre jogadores, amigos e familiares. Sendo assim, precisamos analisar algumas características do campeonato desta pesquisa para podermos estabelecer uma definição mais precisa, de acordo com a classificação de Damo (2003). No próximo capítulo trataremos do referencial cultural para termos subsídios para a investigação de um campeonato de futebol amador no clube.

4 O REFERENCIAL CULTURAL COMO BASE PARA O ESTUDO DE UM CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR NO CLUBE

O trabalho proposto nesta tese tem como base uma construção pautada nos estudos da cultura. Entendemos assim ser necessário situar o leitor sobre qual Antropologia estamos falando e qual o conceito de cultura adotado. Nossa formação científica não é da Antropologia, no entanto, nos apropriamos dos conceitos teórico-metodológicos desta ciência para abordarmos o tema futebol.

Antropologia é uma ciência sistemática, que coloca o ser humano como centro dos estudos. Segundo Haviland et al (2011) muitas disciplinas estudam o ser humano, por exemplo, a Anatomia e a Fisiologia estudam o ser humano como organismo biológico, enquanto as Humanidades enfocam as relações humanas, as realizações artísticas e filosóficas da cultura, entre outros aspectos. A Antropologia, no entanto, focaliza a interconexão e a interdependência de todos os aspectos da experiência humana em todo lugar, no presente e no passado, muito antes até mesmo do surgimento da escrita.

A Antropologia se divide basicamente em quatro áreas ou subdisciplinas: antropologia física (biológica), antropologia cultural⁹, antropologia linguística e a arqueologia (HAVILAND et al, 2011). Cada uma dessas áreas tem uma abordagem diferente no estudo do ser humano, mas todas têm em comum coletar e analisar dados essenciais para explicar suas semelhanças e diferenças ao longo do tempo e espaço.

⁹ Nos Estados Unidos usa-se Antropologia Cultural enquanto na Inglaterra e no Brasil se faz a distinção entre Antropologia Cultural e Social. A primeira tem como foco os aspectos culturais e a segunda as estruturas sociais.

Como busca uma extensa base de ideias e práticas não se limitando a um único aspecto social ou biológico, o antropólogo tem uma visão ampla e inclusiva do organismo biológico e cultural complexo que é o ser humano. Essa perspectiva holística ajuda o antropólogo a ter consciência do impacto que seus próprios valores (concepções e conceitos) culturais podem causar na pesquisa. O antropólogo precisa manter a consciência crítica com relação às suas suposições sobre a natureza humana, verificando várias vezes se as próprias crenças e ações estão influenciando a pesquisa e se empenhando em obter conhecimento objetivo sobre as pessoas. O antropólogo contribui para a diversidade do pensamento e do comportamento humano, de forma a entender sobre muitas coisas que o seres humanos têm em comum (HAVILAND et al, 2011).

Para fins deste estudo enfocaremos a Antropologia Cultural ou como preferimos, Antropologia Social. Este viés estuda os padrões comuns de comportamento, pensamentos e sentimentos humanos. O foco é o ser humano como produtor e reproduzidor de cultura (HAVILAND et al, 2011).

Beattie (1971) comenta que a Antropologia Social moderna se interessa pelas várias relações sociais que mantêm as pessoas unidas em comunidades e nas ideias destas mesmas pessoas, suas crenças e valores. A Antropologia Social contemporânea é um estudo de relações entre diferentes tipos de pessoas num elevado nível de abstração. É um estudo empírico no qual o foco são as pessoas reais, vivendo em suas vidas cotidianas em seu próprio território. O autor ainda comenta que os antropólogos não podem estudar as relações sociais sem referência às crenças e valores associados a elas.

Esses valores são o que as pessoas valorizam, o que elas consideram importante. A ideia de valor é positiva, fornece incentivo à ação, enquanto um

valor negativo é algo não desejado. O antropólogo social não se interessa por todos os valores, apenas aqueles que são institucionalizados e partilhados por membros de uma sociedade ou grupo, seu interesse não são os valores individuais, mas os sociais. Os valores sociais de um povo são suas ideias, seus ideais, é a forma como deveriam se comportar perante os outros (BEATTIE, 1971).

Segundo Mair (1984), os antropólogos sociais estão mais interessados nos fatos sociais do que culturais, no sentido de estarem mais interessados nas interações das pessoas que vivem em sociedade e não nas características individuais, mesmo que consideradas um produto da cultura. Para os antropólogos sociais um estudo de campo diz respeito a uma sociedade ou grupo.

Mair (1984) cita Radcliffe-Brown ao dizer que o campo de estudo de um antropólogo poderia ser “qualquer localidade conveniente de tamanho adequado” e que tendo escolhido sua sociedade ou grupo sua tarefa seria estudar sua estrutura. Essa estrutura consiste nas relações entre as pessoas e que não são reguladas por direitos e obrigações reconhecidos.

No estudo das estruturas sociais, dois termos são bastante utilizados: *status* e papel. *Status* significa a posição de uma pessoa relativamente às outras com as quais se mantém relações sociais e sempre subentendem uma relação com alguém, filho, marido, amigo etc. Já os papéis abrangem deveres como liderança, comando, proteção, obediência, cooperação etc. No senso comum, o papel representa uma parte numa peça, como a fala de um ator. Normalmente fazemos tudo o que podemos para desempenhar nosso papel e a mudança social acontece quando as pessoas têm novas ideias para desempenhá-los. O controle

social abrange todas as pressões sociais dirigidas para que as pessoas desempenhem seus papéis de acordo com as expectativas.

O termo *grupo* tem um significado especial para os antropólogos sociais. Não é qualquer reunião de pessoas mas significa uma “[...] comunidade corporativa com existência permanente [...]” uma reunião de pessoas com interesses e regras em comum (MAIR, 1984, p.21).

4.1 O conceito de cultura

A Antropologia entende a cultura como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. “Esses padrões são aprendidos socialmente, não são adquiridos pela herança biológica” (p.9). As manifestações da cultura podem variar de um lugar para outro mas uma pessoa não tem “mais cultura” que a outra (HAVILAND et al, 2011).

O conceito moderno de cultura foi elaborado no fim do século XIX e a primeira definição clara e compreensiva foi do antropólogo britânico Sir Edward Burnett Tylor. Em 1871, ele definiu cultura como “[...] um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, lei, moral, costumes e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridas pelos homens como membro de uma sociedade” (p.69).

No entanto, esta conceituação, segundo Mair (1984) tem sido comprimida em uma afirmação de que a cultura abrange todos os tipos de comportamento aprendido e, muitas vezes, que a característica diferenciadora do estudo da cultura diz respeito a culturas e maneiras. Uma cultura é a posse comum de um grupo de pessoas que partilham as mesmas tradições e, em termos sociais, esse grupo é uma sociedade. Mair (1984) prossegue falando da

cultura, dizendo que se considerarmos as pessoas apenas como portadoras de cultura talvez concluiremos que uma cultura é um conjunto de regras e técnicas com existência independente e isso é chamado de reificação da cultura.

Macedo (1982) destaca que a Antropologia vem de uma longa tradição de análise da cultura e que seu mérito foi o de demonstrar que a heterogeneidade cultural é o resultado do ser humano ser capaz de criar diversas soluções para questões básicas da manutenção da vida. A autora afirma que a análise do problema da cultura vem a partir do reconhecimento “[...] de que não existe atividade humana desvinculada da construção de significados que passam a dar sentido à existência.” (p. 35). A análise da cultura, entretanto, não pode se limitar ao produto da atividade humana, mas deve considerar o processo dessa produção, ou seja, “[...] o modo como esse produto é socialmente elaborado.” (MACEDO, 1982, p. 35).

Algumas definições fazem uma distinção entre comportamento real e ideias, valores e percepções abstratas do mundo que fornecem informações para esse comportamento. Segundo Haviland et al (2011, p.190)

[...] cultura é muito mais que o comportamento observável; são ideias, valores, percepções de uma sociedade, compartilhados e socialmente transmitidos, empregados para entender a experiência e gerar comportamentos que os reflitam.

Por meio dos estudos comparativos de muitas culturas humanas os antropólogos conseguiram entender as características básicas evidentes de que toda cultura é socialmente aprendida, compartilhada, baseada em símbolos, integrada e dinâmica. Haviland et al. (2011) examinam cada uma destas características e nos dão algumas noções gerais sobre cultura.

A cultura é aprendida. Toda cultura é socialmente aprendida e não herdada biologicamente. Entre os humanos existe a enculturação que é um

processo pelo qual a cultura de uma sociedade é transmitida de uma geração para a seguinte, por meio do qual os indivíduos se tornam membros dessa sociedade. Por exemplo, os animais comem e bebem quando sentem necessidade. Os seres humanos aprendem a comer e beber em certos horários culturalmente prescritos e sentem fome conforme esse horário se aproxima. Além disso, outra variação é o que é comido, como é preparado, como e onde é consumido (HAVILAND et al., 2011).

Através da enculturação as pessoas aprendem as formas sociais adequadas para satisfazer necessidades biológicas como o sono, a fome, o abrigo, a companhia, autodefesa e satisfação sexual. Essas necessidades não são aprendidas, o que é aprendido é como elas são satisfeitas, cada cultura a sua maneira (HAVILAND et al, 2011).

A cultura é compartilhada. Como um conjunto compartilhado de ideias, valores, percepções e padrões de comportamento, a cultura “[...] é o denominador comum que torna os atos dos indivíduos inteligíveis para os outros membros de sua sociedade.” (p.192). Por sociedade podemos definir um grupo organizado, ou um grupo de pessoas que compartilham território, linguagem e cultura, que atuam juntas para a sobrevivência e o bem-estar coletivo, estão ligadas por um senso de identidade comum (HAVILAND et al., 2011).

A cultura é baseada em símbolos. O comportamento humano envolve símbolos – signos, sons, emblemas e outros elementos que se relacionam a algo e o representam de forma significativa. Os símbolos adquirem significados específicos quando as pessoas os usam em sua comunicação. O aspecto simbólico mais importante da cultura é a língua, ou seja, o uso de palavras para representar objetos e ideias. Por meio da língua os seres humanos conseguem

transmitir a cultura de uma geração para outra, possibilitando, assim, o aprendizado cumulativo de experiência compartilhada (HAVILAND et al., 2011).

A cultura é integrada. A cultura inclui o que as pessoas fazem para sobreviver, o modo como trabalham juntas, como transformam o ambiente e constroem suas moradias, o que comem e bebem, qual sua religião, o que consideram certo e errado, com quem se casam, como educam os filhos, como enterram seus mortos. Os antropólogos não se concentram num destes aspectos isoladamente, eles olham cada um destes aspectos dentro de um contexto geral, costumam imaginar a cultura como um sistema bem estruturado, composto de partes diferentes mas que juntas formam um todo organizado. Eles reconhecem que a realidade é complexa e entrelaçada e que as divisões entre as unidades culturais nem sempre são nítidas (HAVILAND et al., 2011).

De maneira geral, os aspectos culturais de uma sociedade ou grupo são organizados em três categorias: estrutura social, infraestrutura e superestrutura. A estrutura social são as relações governadas por regras com direitos e obrigações e que mantêm os membros de uma sociedade unidos.

A infraestrutura são as práticas de subsistência de uma sociedade e o uso de recursos disponíveis para atender às necessidades básicas. A superestrutura é o corpo de ideias, valores e crenças, por meio do qual um grupo dá sentido ao mundo, sua percepção de mundo. Toda cultura é um sistema integrado e dinâmico de adaptação que responde a uma combinação de fatores internos como os econômicos, sociais e ideológicos, e os externos, ambientais e climáticos. Em um sistema cultural existe uma relação funcional entre a base econômica (infraestrutura), a organização social (estrutura social) e a ideologia (superestrutura) (HAVILAND et al., 2011).

A cultura é dinâmica. Podemos dizer que a cultura é dinâmica porque responde aos movimentos e às ações que acontecem internamente e em torno deste sistema. Sempre existem os problemas, choques, atritos, competições, e em uma sociedade a cultura tem de ser capaz de lidar com essas tensões e exigências diárias para que consiga sobreviver (HAVILAND et al., 2011).

Antes de localizarmos o leitor sobre qual o conceito de cultura que trabalhamos no presente estudo, trazemos algumas discussões sobre as tentativas de se conceituar cultura. O antropólogo Roger Keesing (1974), em seu artigo “Theories of culture” (Teorias da Cultura), apresenta as tentativas modernas de conceituar precisamente “cultura”. Ele divide esses conceitos em quatro áreas e destaca a terminologia, além das questões filosóficas e de fundo que dividem os teóricos. Neste artigo, Keesing (1974), em alguns momentos, concorda e, em outros momentos, critica algumas das conceituações de cultura apresentadas, no entanto, seu objetivo, inspirado em linguístas e teorias marxistas, foi classificar as definições modernas de cultura.

Primeiramente, o autor fala da *cultura como sistema adaptativo*. Essa teoria veio da visualização de culturas na perspectiva evolucionista. Uma ponte entre os estudos de evolução dos hominídeos e estudos da vida social humana nos levou a ver mais claramente que o projeto biológico humano é ilimitado, e que sua modificação por meio da aprendizagem cultural tornou a vida humana viável. Aplicando um modelo evolutivo da seleção natural para construções culturais sobre bases biológicas, levou os antropólogos a se perguntarem com sofisticação como comunidades humanas desenvolveram determinados padrões culturais (KEESING, 1974).

Essa ideia de Keesing (1974) da *cultura como sistema adaptativo* foi

difundida por neoevolucionistas como Leslie White, Sahlins, Harris, Carneiro, Rapport, Vayda e arqueólogos da teoria da mente como Binford, Flannery, Longacre, Sanders, Pride e Meggers. Keesing (1974, p. 75-77) apresenta quatro pontos em que estes estudiosos concordam, embora tenham pensamentos diferentes em muitos outros pontos:

1. Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.
2. Mudança cultural é primariamente um processo de adaptação equivalente à seleção natural. Visto como sistemas adaptativos, culturas mudam na direção do equilíbrio nos ecossistemas; mas quando os saldos são derrubados por mudanças sistêmicas ambientais, demográficas, tecnológicas ou outros, mais mudanças de ajustamento se ramificam, pelo sistema cultural. Mecanismos de *feedback* nos sistemas culturais podem, assim, operar tanto negativamente (em direção à auto-correção e equilíbrio) e positivamente (em direção a desequilíbrio e mudança direcional).
3. A tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social diretamente ligados à produção constituem o domínio mais adaptativo da cultura. É neste domínio que usualmente começam as mudanças adaptativas que depois se ramificam. Existem, entretanto, divergências sobre como opera este processo. Estas divergências podem ser notadas nas posições do materialismo cultural, desenvolvido por Marvin Harris, na dialética social dos

marxistas, no evolucionismo cultural de Elman Service e entre os ecologistas culturais da tradição Steward dos ecologistas humanos, tais como Rappaport e Vayda.

4. Os componentes ideológicos dos sistemas culturais podem ter consequências adaptativas no controle da população, da subsistência, da manutenção do ecossistema, etc.

Em segundo lugar, Keesing (1974) fala das *teorias idealistas de cultura* e subdivide em três diferentes categorias ou abordagens. A primeira abordagem é a da *cultura como sistema cognitivo* e tem como característica o estudo dos sistemas de classificação de *folk* (sistema desenvolvido pelos próprios membros de uma comunidade). Ele diz que se cultura for assim, ela fica situada "epistemologicamente" (teoria do conhecimento) no mesmo domínio da linguagem, como um evento observável. Nessa conceituação, a linguagem é um subsistema da cultura e exploradores em antropologia cognitiva têm esperado ou assumido que os métodos linguísticos e modelos seriam adequados para outras realidades culturais; denotando uma abordagem para o estudo ou a descrição de uma língua ou cultura em particular, em termos de seus elementos internos e seu funcionamento e não em termos de qualquer esquema externo existente.

Além disso, ele produziu tentativas de mapas esquemáticos da estrutura global e organização de culturas como sistemas cognitivos. Não só a noção de uma "gramática cultural" se mostrou improdutiva e inadequada em face da riqueza impressionante e complexidade do conhecimento e da experiência humana; como os "novos etnógrafos" não estabeleceram ainda um plano de como um sistema cognitivo geral pode ser organizado, e, portanto, como os pedaços oferecidos em demonstração podem caber em um projeto mais amplo

(KEESING, 1974).

A segunda abordagem é a que considera a *cultura como sistemas estruturais*. Keesing (1974) comenta que Lévi-Strauss elaborou sua visão de mundos simbólicos dos homens e os processos mentais que eles geram; e, então as abordagens estruturalistas tiveram profundo impacto sobre muitos estudiosos treinados na tradição anglo-americana. Claude Lévi-Strass define a cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana. Ele procurou descobrir na estruturação de domínios-culturais como o mito, a arte, o parentesco e a linguagem, os princípios da mente que geram essas elaborações culturais. Lévi-Strauss, especialmente em "Mitológicas", está mais preocupado com a "Cultura" do que com "uma cultura": ele vê estruturas míticas indígenas americanas como padrões interligados sobrepostos que transcendem não apenas a organização cognitiva do indivíduo Bororo, ou atores Winnebago e Mandan, mas em um sentido de transcender os limites da linguagem e costumes que dividem os diferentes povos. Os paralelismos culturais são explicados por ele pelo fato de que o pensamento humano está submetido a regras inconscientes, ou seja, um conjunto de princípios que controlam as manifestações empíricas de um dado grupo.

A terceira e última abordagem considera a *cultura como sistemas simbólicos*. Esta abordagem foi difundida por dois antropólogos americanos: Clifford Geertz e David Schneider. Segundo Keesing (1974) a visão de Geertz de cultura, tornou-se cada vez mais sistemática. Ao contrário de Lévi-Strauss, Geertz encontra as particularidades na riqueza de pessoas reais na vida real: uma briga de galos, um funeral, um roubo de ovelhas. Seus textos não são mitos e costumes desencarnados e descontextualizados, mas, são sobre seres humanos

envolvidos em ação simbólica.

Ainda segundo Keesing (1974), Geertz considera a abordagem cognitiva dos “novos etnógrafos” como um formalismo reducionista porque, para ele, o significado não está na cabeça das pessoas. Pelo contrário, para Geertz os símbolos e significados são partilhados pelos atores, são públicos e não privados, sua visão de cultura é semiótica. Estudar a cultura é estudar códigos compartilhados de significado. Emprestando de Ricoeur um sentido mais amplo de "texto", Geertz (2011, p. 210) tratou a cultura como "um conjunto de textos".

A Antropologia se torna, assim, uma questão de interpretação, não decifração e a interpretação torna-se a "descrição densa" que deve ser profundamente enraizada na riqueza contextual da vida social. Quando ele se afastou para generalizar sobre religião, ideologia, senso comum como sistemas culturais e sobre os conceitos de tempo e os balineses, alguma imagem da relação entre os domínios culturais começa a emergir. Sua visão da padronização mais ampla de cultura emerge mais vividamente de uma extensão da analogia de Wittgenstein entre a linguagem e uma cidade velha, "um labirinto de pequenas ruas e praças" que são a precipitação do tempo, cercado por um projeto puro de seções modernas planejadas - as linguagens formais da matemática e da ciência. Geertz considera assim que a antropologia busca interpretações e que a interpretação de um texto cultural será sempre uma tarefa difícil e lenta (KEESING, 1974).

Entre os estudos brasileiros destacamos o conceito de cultura resgatado pela antropóloga Eunice Ribeiro Durham (2004). A autora comenta que, na antropologia, pergunta-se sempre sobre o significado da conduta padronizada e que os costumes não são um caos incompreensível em um

agrupamento humano. Esses costumes, que parecem incompreensíveis para nós, possuem significado para a sociedade em questão. O significado daquele costume pode ser desvendado porque a investigação antropológica tem um mecanismo de construção universal, ou seja, que é comum ao investigador e ao investigado, por mais diferenciado que seja o resultado.

A ideia central é que a vida social é ordenada por símbolos organizados em sistemas, negando, assim, a base biológica para a sociedade. Trata-se, aqui, da célebre oposição entre natureza e cultura, que funda, assim, a Antropologia Social e Cultural, implicando em uma certa “[...] concepção de natureza humana [...]” (DURHAM, 2004, p. 258).

Segundo esta concepção, “a natureza humana” fica condicionada a orientações extrínsecas, contruídas socialmente por meio de símbolos e não intrínsecas ou geneticamente programadas. O mapeamento simbólico é essencial, assim, para a organização e expressão dos sentimentos e paixões humanas. Sob esta ótica, o componente simbólico da ação humana é elemento essencial da vida social.

A dimensão simbólica constitutiva da ação humana pode ser verbalizada no discurso, cristalizada no mito, no rito, no dogma ou incorporada aos objetos, aos gestos, à postura corporal, e está sempre presente em qualquer prática social (DURHAM, 2004, p. 259).

Essa concepção básica, a qual está incorporada no conceito de cultura tem uma relação com o trabalho de campo: a observação do comportamento e o que é “dito” pelos membros do grupo aparecem indissolúvelmente unidos. Para este tipo de pesquisa então basta admitir que o comportamento humano depende da existência de um conjunto de normas que são construídas socialmente (DURHAM, 2004).

É interessante notar o que Durham (2004) comenta, apesar de fazermos análises a partir de discursos e observações fragmentadas, e embora as práticas sociais façam sentido para os atores e esses sentidos possam ser recuperados por uma construção-explicação por parte do pesquisador desses sistemas simbólicos, estes sistemas nem sempre precisam ser verbalizados e conscientes para operar. A cultura é como a linguagem, diz Durham (2004), e, tanto uma, quanto à outra, podem ser explicadas olhando-se para a estrutura que lhes dá forma, mas são utilizadas e entendidas inconscientemente pelos homens.

Durham (2004) argumenta que, desta forma, a cultura passou a ser concebida como texto, e a tarefa da antropologia é decifrar este texto, descobrir os códigos que permitem sua leitura. Que o papel do antropólogo é de desvendar as estruturas conceituais das ações dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise comum a essas estruturas.

Durham (2004) prossegue dizendo que, para evitar a ambiguidade do termo ‘norma’ prefere utilizar o conceito de ‘padrão cultural’, ao se referir à organização presente no comportamento coletivo. Os padrões culturais são construções do pesquisador sobre a lógica da conduta dos investigados. A produção da lógica, para estes padrões, depende do instrumental simbólico cristalizado nos mitos, regras que são produzidos socialmente. São estes padrões culturais (DURHAM, 2004), ou sistemas simbólicos (GEERTZ, 2011), que iremos desvendar nas investigações com os grupos que participam do campeonato de futebol amador no clube Cristóvão em Piracicaba.

Os antropólogos passaram a conceber os padrões culturais não como um molde, mas como se fossem regras de um jogo, ou seja, uma estrutura que permite atribuir significados às ações, como se fossem partidas infinitas de um

jogo. Desse modo, “a prática social adquire forma e sentido, [...] admitindo-se todo o espaço de um arbítrio, criatividade, improvisação e transformação” (DURHAM, 2004, p. 263).

O elemento simbólico presente na organização da vida social parece permitir infinitas elaborações, reduplicações, refinamentos e complexidades. Para o antropólogo, a cultura tem um certo caráter lúdico, como se estes brincassem na elaboração destas estruturas em função das práticas sociais (DURHAM, 2004).

Vimos, assim, que, conceituar cultura não é uma tarefa fácil. Os antropólogos vêm tentando estabelecer esse conceito ao longo dos tempos e Keesing (1974), no artigo sobre as teorias da cultura, propôs um esquema sobre o assunto. Para nosso estudo, nos apropriaremos do conceito de Clifford Geertz (2011) que, para nós, mais faz sentido, principalmente quando observamos nosso campo e forma de análise.

4.2 A Antropologia Interpretativa de Geertz

Clifford Geertz (2011) encabeça uma linha teórica dentro da Antropologia Social chamada de Antropologia Interpretativa. O autor argumenta que seus ensaios são em prol de um conceito mais limitado de cultura, mais especializado e crítica, assim, o complexo conceito de E. B. Tylor, afirmando que seu conceito mais confunde que esclarece.

Geertz (2011, p. 4) assume seu conceito de cultura:

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A análise então, segundo Geertz (2011), consiste na escolha das estruturas de significação ou códigos estabelecidos, algo muito parecido com a tarefa de um decifrador de códigos determinando sua base social e sua importância. Nos escritos etnográficos acabados, isto é, nossos dados de pesquisa, são a nossa construção das construções das outras pessoas, a maior parte do que precisamos compreender sobre algum acontecimento, um ritual, uma ideia ou um costume está “[...] insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente [...]” (p. 7). A pesquisa antropológica, neste caso, é uma atividade mais observadora e menos interpretativa do que realmente é (GEERTZ, 2011).

Compreender a cultura de um povo, ou no nosso caso, um grupo ou comunidade (dos participantes do campeonato de um clube), expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade e torna esse grupo acessível. É necessário para compreender o que é a interpretação antropológica, entender que nossas formulações dos sistemas simbólicos devem ser orientadas pelos atos deste grupo (GEERTZ, 2011). Para esta compreensão a Antropologia Interpretativa faz etnografia, que Geertz (2011, p. 4) define como um tipo de esforço intelectual para se fazer uma “descrição densa”, por meio de estabelecimento de relações, entrevista de informantes, transcrição de textos, mapeamento de campos, manutenção de um diário e assim por diante.

Geertz (2011) empresta a noção de “descrição densa” de Gilbert Ryle¹⁰ e nos traz um exemplo para explicar essa denominação. Ele fala de dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Em um deles é um tique nervoso, involuntário, o outro é uma piscadela conspiratória a um amigo. Os dois

¹⁰ Gilbert Ryle foi um filósofo britânico pertencente a uma geração influenciada pelas teorias de Wittgenstein sobre a linguagem. É conhecido principalmente pela sua crítica ao dualismo cartesiano (corpo/mente). Fonte: informationphilosopher.com

movimentos são idênticos e se fossem observados numa câmara, ninguém poderia dizer qual é o tique e qual é a piscadela, ou, até mesmo, se ambos eram tiques ou piscadelas. Mas, embora não retratável, a diferença entre um tique e uma piscadela é grande, e o piscador pode estar se comunicando deliberadamente, para mandar um sinal para alguém, transmitir uma mensagem específica, seguir algum código socialmente estabelecido e que não seja de conhecimento dos demais companheiros. Ao contrair as pálpebras propositalmente, “[...] quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. É tudo que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura e finalmente um gesto.” (p. 5).

Ryle continua seu raciocínio, ao supor que haja um terceiro garoto que imita o primeiro de forma grosseira e óbvia. Ele não está nem com tique nem piscando, ele está imitando alguém, com o sentido de ridicularizar. E a coisa pode ir mais além, o primeiro garoto poderia estar fingindo para levar os outros a pensar que havia uma conspiração e assim por diante. O imitador ainda pode ensaiar em frente ao espelho em dúvida da sua capacidade mímica. O caso é que o autor chama de “descrição superficial” o que o ensaiador (imitador, piscador, o que tem o tique) está fazendo (contraíndo a pálpebra direita), enquanto a “descrição densa” do que ele está fazendo (praticando a farsa de um amigo imitando a piscadela, para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração). Está aí o objeto da etnografia:

[...] uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como categoria cultural, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques, não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra (GEERTZ, 2011, p. 5).

Sendo assim, o papel do pesquisador na Antropologia Social é o de desvendar o não dito. A descrição precisa separar as piscadelas dos tiques nervosos e as verdadeiras das imitadas, o pesquisador precisa conseguir enxergar se a fala do seu informante foi sarcástica, irônica, séria, mimética etc. E como nem tudo é falado pelo informante, cabe ao pesquisador a sensibilidade em perceber, juntamente com observações quais são essas estruturas significantes.

Elaborar uma descrição densa, fazer etnografia “[...] é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”. O que interessa não é a interpretação e explicação dos fatos isolados, mas o conjunto, como ele está sendo vivido e transmitido, perpetuado pela adaptação de quem chega e se insere nesta trama de significados, sejam eles corretos, ridículos, inocentes, cruéis e assim por diante (GEERTZ, 2011, p. 7).

A cultura, chamada por Geertz (2011) de documento de atuação, é pública, visível pelo outro, compartilhada, não é uma identidade oculta. Ao ver o comportamento humano como ação simbólica (uma ação que significa como a fonação na fala, a ressonância na música, a linha na escrita), a cultura como conduta padronizada ou um estado da mente, ou as duas coisas juntas perde o sentido. Usando o exemplo das piscadelas a questão não é saber sua natureza mas qual a sua importância: o que está sendo transmitido com ela e por meio dela, seja algo simples ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho, em outras palavras, o que aquele “símbolo” (a piscadela) significa, sua interpretação.

Geertz (2011) prossegue dizendo que há diversas maneiras de se obscurecer a cultura. Uma delas é imaginar que a cultura é uma realidade

superorgânica com forças e propósitos em si mesma, ele chama essa forma de reificação da cultura. Outro modo é alegar que ela é o padrão bruto dos acontecimentos comportamentais que observamos, isso é reduzi-la. Mas a principal forma de obscurecer a cultura na antropologia contemporânea é afirmar que a cultura está localizada na mente e no coração dos homens. Chamada de etnocência ou análise componencial, essa escola de pensamento afirma que a cultura se trata de estruturas psicológicas, por meio das quais os indivíduos guiam seu comportamento.

Geertz (2011, p. 9) diz que “[...] a cultura é pública porque o significado o é.”. Voltando ao exemplo das piscadelas, você não pode piscar sem saber o que é considerado uma piscadela, ou como contrair fisicamente suas pálpebras. Concluir que saber como piscar é piscar é revelar uma confusão tão grande como identificar piscadelas com contrações de pálpebras. Segundo o autor, a falsidade cognitivista que a cultura consiste em fenômenos mentais que podem ser analisados por meio de métodos similares aos da matemática e da lógica, “[...] é tão destrutiva do uso do conceito como são as falácias ‘behaviorista’ e ‘idealista’ [...]” (GEERTZ, 2011, p. 9).

Sobre isso, Geertz (2011) esclarece que a cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidas, nas quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração, ou se aliam, ou percebem insultos e assim por diante e que isso não é mais do que dizer que isso é um fenômeno psicológico ou uma característica da mente. Ele cita Wittgenstein, ao dizer que um ser humano pode ser um enigma completo para outro ser humano.

Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, o que é mais, mesmo que se tenha domínio total do idioma do país. Nós não compreendemos o povo (e não por não compreender o que eles falam entre si. Não

nos podemos situar entre eles (WITTGENSTEIN apud GEERTZ, 2011, p.10).

Geertz (2011) destaca a questão do situar-se. O autor comenta que isso só acontece parcialmente, que é a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. O texto antropológico como empreendimento científico é o estar situado e ele ainda enfatiza que não é a intenção do pesquisador tornar-se nativo ou copiá-los, o que procuramos é conversar com eles, o que considera muito mais difícil.

Geertz (2011) nos explica que o objetivo da antropologia, visto por esse viés, é o alargamento do universo do discurso humano além da “[...] instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano.” (p.10). O autor destaca que esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta bem.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (p. 10).

A famosa questão antropológica com o exótico para nós é um artifício para deslocar o senso de familiaridade embotador de um modo compreensível. Procurar o comum em lugares onde existem formas não-usuais ressalta, não apenas a arbitrariedade do comportamento humano, mas o grau no qual o significado varia.

Compreender a cultura de um povo expõe sua normalidade sem reduzir sua particularidade. [...] Nada mais necessário para compreender o que é a interpretação antropológica, e em que grau ela é uma interpretação do que a compreensão exata do que ela se propõe – ou não se propõe – de que nossas formulações dos sistemas simbólicos de outros povos devem ser orientadas pelos atos (GEERTZ, 2011, p.10-11).

No clube, durante nossas observações, nos orientamos pelos atos das pessoas. Isto significa que, quando fazemos as descrições de determinadas culturas de algum grupo, estas são nossas construções baseadas em observações e falas dos sujeitos, não significa que sejam elas mesmas, são partes da realidade, são antropológicas, ou seja, partem de um sistema de análise científica. Estas construções devem ser encaradas como interpretações às quais as pessoas submetem sua experiência e são antropológicas porque são os pesquisadores que professam essas experiências e conseqüentemente suas descrições (GEERTZ, 2011).

Geertz (2011) ainda faz uma comparação quanto a essas interpretações, ao dizer que o objeto de estudo é uma coisa e o estudo é outra, o mundo físico não é a física. Ele argumenta assim que:

[...] como no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto – isto é, começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las – a linha entre a cultura como um fato natural e cultura como entidade teórica tende a ser obscurecida (p.11).

O que Geertz (2011) quer dizer com isso é que os textos antropológicos são interpretações de segunda e terceira mão, pois somente um “nativo” faz em primeira mão, pois é sua cultura, são interpretações de “algo construído”, “algo modelado” (p.11). Desta maneira, o autor enfatiza que a exigência de atenção de um relatório etnográfico não está em captar os fatos dos lugares, mas em que grau esse relatório é capaz de esclarecer o que acontece nos lugares, reduzindo a perplexidade. Para Geertz (2011), se a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são aqueles que fazem a descrição, não importa como é escrita, mas a capacidade do pesquisador de separar as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas.

A cultura é tratada puramente como sistema simbólico isolando seus elementos e especificando as relações internas entre esses elementos caracterizando o sistema, de uma forma geral, “[...] de acordo com os símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou os princípios ideológicos nos quais ela se baseia.” (GEERTZ, 2011, p.12). Com isso, o autor afirma que essa já é melhor explicada do que falar em cultura como comportamento aprendido e fenômeno mental, mas por outro lado. existe o perigo da análise cultural se afastar do seu objetivo, que é a lógica informal da vida real. Para isso, deve-se atentar para o comportamento, porque que, é por meio do fluxo do comportamento ou da ação social que as formas culturais se articulam. Geertz (2011) argumenta, inclusive, que, embora essas formas ainda se encontrem em artefatos e estados de consciência, o *significado* emerge do papel que desempenham, ou seja, o uso no padrão de vida decorrente.

A coerência não pode ser o principal teste de validade de uma descrição cultural, embora os sistemas culturais tenham que ter um mínimo de coerência, a interpretação antropológica tem que construir uma leitura do que acontece, tem que permitir descobrir o que significa uma determinada trama, tem que nos levar exatamente ao que nos propomos interpretar. A análise cultural deve ser uma “[...] adivinhação dos significados [...]” (p.14), uma avaliação de hipóteses ou suposições e, assim, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores hipóteses (GEERTZ, 2011).

Geertz (2011) afirma que a estrutura conceitual de uma interpretação cultural não tem razão para ser menos suscetível a aprovação do que uma observação biológica ou um experimento físico. Em vez de seguir uma curva

ascendente de achados cumulativos, a análise cultural se separa numa sequência desconexa, porém coerente. Os estudos constroem-se sobre outros estudos, no sentido de aprofundamento nas mesmas coisas. Fatos anteriormente descobertos são mobilizados, conceitos desenvolvidos são usados, hipóteses testadas.

Geertz (2011) comenta que não se pode escrever uma “Teoria geral de interpretação cultural” porque o papel da construção teórica não é codificar regularidades que são abstratas, mas tornar possível as descrições detalhadas, minuciosas, não generalizando através dos casos, mas dentro dos casos. Generalizar dentro dos casos na medicina, por exemplo, é uma inferência clínica. Isso quer dizer que se começa com um conjunto de significantes (presumíveis) e tenta-se enquadrá-los de forma inteligível, os sintomas são assim escrutinados, diagnosticados baseados nestas previsões. No estudo da cultura, “[...] os significantes não são os sintomas ou conjunto de sintomas, mas atos simbólicos ou conjunto de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social.” (p.18). A interpretação cultural é feita assim *post facto*.

A formulação teórica, embora tenha a tarefa de gerar interpretações de assuntos já sob controle, não se ajusta somente a realidades passadas, mas tem que sobreviver às realidades por vir. A base teórica em que é feita uma interpretação deve ser capaz de continuar a render interpretações defensáveis por muito tempo, na medida em que surgem novos fenômenos sociais. Ninguém começa intelectualmente vazio, as ideias teóricas não aparecem novas a cada estudo, mas são adotadas de outros estudos, refinadas e aplicadas a novos problemas interpretativos (GEERTZ, 2011).

Esta visão de como a teoria funciona na ciência interpretativa mostra a diferença entre as ciências observacionais ou experimentais, enquanto nestas

últimas se ‘explica’ e se ‘especifica’, nas primeiras se ‘descreve’ e ‘inscreve’ (descrição densa). Nossa tarefa, na ciência interpretativa é dupla: descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise, o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas, porque são o que são, como se destacam de outros determinantes do comportamento humano. “Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (p.19). A vocação essencial da Antropologia Interpretativa não é responder à questões mais profundas do ser humano, mas colocar à disposição as respostas que outros deram e incluir em um registro de consultas sobre o que o homem falou (GEERTZ, 2011).

A Antropologia Interpretativa tem contribuído com as pesquisas na área da Educação Física e do Lazer. Um desses exemplos é o de Daolio (2006), pesquisador na área da Educação Física, que tem como base, em seus estudos as obras dos antropólogos Marcel Mauss, com as técnicas corporais e a noção de cultura de Clifford Geertz. Daolio comenta que, para Geertz, a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos, é produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações. Embora seja um processo singular e privado, é também plural e público.

Daolio (2006, p. 12) continua destacando algumas características da cultura conforme o pensamento de Geertz:

[...] é universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz. A cultura ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico.

Daolio (2006) ao citar a briga de galos¹¹ descrita por Geertz (2011) em seu livro “A Interpretação das Culturas”, diz que podemos fazer certas comparações entre a briga de galos e o futebol, desde que olhemos para estes fenômenos sociais com a consciência que cada um expressa dados de sua própria cultura.

A questão fundamental aqui, e que se torna relevante para nossa pesquisa é que Geertz (2011) olhava para a briga de galos como um fenômeno social, algo que acontecia em Bali e era mais que um simples jogo entre galos. No mesmo sentido, ao olharmos para os jogos de futebol amador no clube podemos observar que este também é um fenômeno social, com uma dinâmica cultural própria, e que é “verdadeiramente real” (p. 31) para quem está envolvido nela.

Geertz (2011) ainda afirma que, no caso da briga de galos balinesa ou qualquer outra estrutura simbólica coletivamente, organizada, se enfrenta o problema da semântica social. Ele quer dizer que a questão é: o que realmente se aprende examinando a cultura como uma reunião de textos?

No caso da briga de galos balinesa, tratá-la como texto, segundo Geertz (2011), é salientar o principal aspecto dela, que analisando-a como um rito ou passatempo seria obscurecer a sua utilização para fins cognitivos. Todos os sentimentos e emoções proporcionados pela briga de galos é para o balinês uma espécie de “educação sentimental” (p. 210). No entanto, a briga de galos não é a vida balinesa, como não são as touradas para os espanhóis, e podemos acrescentar como não é o futebol para os brasileiros. A cultura de um povo ou de um grupo é um conjunto de textos, que o “[...] antropólogo tenta ler por sobre os

¹¹ A briga de galos é um fenômeno social descrito e analisado por Geertz (2011) no livro a Interpretação das Culturas, no capítulo “Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa”. Neste capítulo, o autor conta em detalhes como era a dinâmica cultural das brigas de galos em Bali, Indonésia.

ombros daqueles a quem eles pertencem.” (p. 212). Geertz (2011) finaliza seu pensamento dizendo que “[...] qualquer que seja o nível em que se atua, [...] o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas” (p. 213).

No capítulo seguinte trazemos alguns estudos antropológicos de autores brasileiros que tiveram como objeto de pesquisa a prática e a assistência ao futebol.

5 A PRÁTICA E A ASSISTÊNCIA AO FUTEBOL NO CLUBE COMO UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL

Para tratarmos do objeto de nossa pesquisa, o futebol vivenciado no clube, precisamos, antes, trazer algumas características desse tipo de jogo de maneira geral. Para isso, utilizamos autores que têm como base o referencial cultural e que trabalham com o conceito antropológico de cultura. Em nossa busca encontramos três autores brasileiros estudiosos do futebol a partir do referencial cultural, com ampla produção nacional: Marco Paulo Stigger, Simoni Lahud Guedes e Édison Luís Gastaldo. O fato de nos basearmos nessa quantidade de autores pode ser considerado um fator limitante do estudo, no entanto, podemos dizer que esses são representantes da linha teórica cultural para o estudo do futebol. Talvez outras pesquisas poderão ser realizadas no sentido de incluir também autores internacionais, o que poderá ampliar a quantidade de referências sobre o tema.

Ao lançarmos luz a esses autores e algumas de suas pesquisas relacionadas ao tema futebol, tanto do ponto de vista da prática como da assistência, temos como objetivo visualizar e entender os significados deste elemento da cultura para alguns grupos ou sujeitos, mas não com uma visão de fora, e sim, “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p. 11). Ao trazermos estes estudos, também poderemos ter elementos para compreender melhor as questões relacionadas à sociedade e à cultura, proporcionadas por uma visão heterogênea de esporte. Esses estudos servirão de base e contribuirão para a análise da pesquisa de campo.

Um dos autores que destacamos é Marco Paulo Stigger (1997), que vem há alguns anos investigando o esporte como estilo de vida. Um de seus

trabalhos se trata de uma pesquisa realizada com jogadores de futebol veteranos que utilizam os espaços públicos de Porto Alegre aos finais de semana. No caso dos veteranos, foram observados grupos que, aproveitando seus períodos de não trabalho (lazer), praticavam o esporte de sua preferência (no caso o futebol). Nesses ambientes, os sujeitos se encontravam semanalmente, construindo suas redes de relações sociais por meio da prática esportiva.

Nesse sentido, estarei optando por privilegiar a interpretação do esporte a partir do contexto onde ele acontece, buscando compreender o seu significado para os seus praticantes. Tentarei, como Magnani (1984, p.11), "[...] deixar de lado uma postura etnocêntrica e observá-los de perto e em seu próprio contexto, pois se existem é porque possuem um significado para aqueles que os praticam" (STIGGER, 1997, p. 53).

O estudo de Stigger (1997) foi uma análise etnográfica do movimento dos veteranos de futebol que jogam em espaços públicos de Porto Alegre, o qual teve como objetivo identificar o seu universo de significações. Os sujeitos da pesquisa de Stigger jogavam o futebol desde crianças; não raro, alguns com experiências profissionais ou semiprofissionais - encontravam-se em busca de saúde ou "por prazer"; para recuperar-se da semana de trabalho, e até vendo nessa prática uma forma de retardar o envelhecimento. Evidenciava-se também, como motivação, encontrar-se "pela turma" onde "o futebol é uma desculpa".

As características de organização, regras entre outros elementos, eram bem parecidas com os do futebol profissional, no entanto, com medidas de campo e tempo de jogo diferentes do profissional. No caso dos participantes da pesquisa de Stigger (1997), eles também praticavam um futebol com características bem próximas do que está frequentemente no imaginário da maior parte das pessoas e difundido via mídia, com muitas regras oficiais da FIFA, tais como: o tamanho do campo, número de jogadores, tempo de jogo, tipo de arbitragem entre outras.

Além dessas características, próximas do futebol oficial, facilmente identificáveis por um olhar de fora, ao observar-se por dentro, percebe-se que os veteranos praticavam o futebol dando especial importância ao resultado do jogo e aos fatores que determinavam esse resultado. Os comentários antes e depois dos jogos eram bastante direcionados no sentido de avaliação/julgamento no que se refere à *performance* dos participantes e do time como um todo.

Gozações eram corriqueiras e, muitas vezes, se referiam à produtividade no jogo, constituindo-se uma forma irônica de avaliação, como podemos observar em algumas falas: "o Caco fez o primeiro (gol) da vida dele"; "o Haroldo (que havia faltado) não deixou saudades"; "o Mineiro jogou contra, perdeu uma pá de gols"; "o Tadeu não jogou nada"; "Ademir virou cobra cega, não acertou um bote" (STIGGER, 1997, p. 55). Para este grupo havia a necessidade de saber jogar bem futebol, mas também, de levar na brincadeira as gozações como sendo uma forma de relacionamento e de aceitação no grupo.

Em um trecho de seu estudo, Stigger (1997) conta que estava esperando os jogadores chegarem para uma partida, enquanto conversava com um deles. Ele comenta que todos os jogadores eram recebidos com gozações, independente do time em que iriam jogar. O que prevalecia naquele momento era a confraternização, todos pertenciam a um mesmo grupo social. Porém, o autor diz que, apesar do clima festivo, pouco antes do início do jogo, quando os jogadores se reuniam para a escalação e concentração antes da partida, o ambiente de seriedade começava a aparecer. Havia uma preocupação na escalação dos jogadores em suas determinadas posições decorrentes do seu preparo físico e qualidade técnica, bem como se organizavam em termos táticos para tentar vencer o time adversário.

Ao mesmo tempo em que foram identificados momentos bastante lúdicos nas gozações, havia também muita seriedade. O jogo em si era levado a sério e com o objetivo de vitória. Essa perspectiva de prática esportiva vai ao encontro do pensamento de Rybczynski (2000, p. 37) quando considera que muitos comportamentos de hoje refletem uma atitude diferente em relação ao jogo: "[...] a maioria dos esportes de rua agora são levados com alto grau de seriedade". O uso de equipamentos especiais, a busca de resultados, uso de terminologia específica, a degradação da palavra "amador" (hoje com sentido pejorativo), seria, para ele, uma espécie de escravidão em obter sempre coisas certas, assim como um fator que desvirtuaria a ideia de liberdade no lazer, aproximando-o do mundo do trabalho, "[...] um tipo de dedicação laboriosa [...]" (p.38).

Na pesquisa de Stigger (1997), identificou-se ainda que eram os jogadores mais novos, e não os veteranos, que brigavam. A competição esportiva era o momento mais sério de uma convivência que se mantém oscilando entre o sério e o não sério. Em um certo momento havia o companheirismo, a amizade, mas dentro de campo estes mesmos amigos podiam ser adversários e daí o momento era sério. Naquele ambiente estavam presentes outros significados além do que acontecia dentro do campo e no tempo de jogo. Eles estavam naquele lugar também em busca de momentos alegres, do encontro com amigos, onde ficava evidente o sentimento de pertencer.

Fica claro, também, que eles buscavam algo além do resultado e da vitória. Stigger (1997) comenta isso usando Elias e Dunning (1992, p. 137), os quais dizem ser uma "[...] agradável tensão-excitação, como peça fundamental de satisfação no lazer". Apontam ainda, citando o exemplo do futebol, que se a

[...] tensão, se o tónus do jogo se torna demasiado fraco, o seu valor enquanto fato de lazer diminui [...], se a tensão se torna demasiado elevada, pode proporcionar bastante excitação aos espectadores, mas também ocasiona [...] graves riscos para jogadores e espectadores (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137).

A pesquisa de Stigger (1997) teve seu foco em dois grupos diferentes. Apesar dos dois grupos praticarem o futebol por sua escolha e no seu tempo "livre", o autor utiliza o pensamento de Elias e Dunning (1992) para categorizá-los. Em um dos grupos, o da Redenção, prevalecia um "ethos amador" cujo "[...] componente principal é o ideal da prática de esportes 'por divertimento' [...]" (p.313), "[...] dirigidos para si próprio ou egocêntrico [...]" (p.312) e "[...] que têm o seu acento tônico no prazer [...]" (p.321). Seria o jogar por jogar, o jogar por prazer.

Stigger (1997) prossegue utilizando a perspectiva de Elias e Dunning (1992) dizendo que os sujeitos do segundo grupo, o Ararigbóia, praticavam um futebol com um foco nos resultados, onde "[...] as formas de participação são dirigidas para os outros [...]" (p. 317), seus adversários. A participação destes sujeitos pesquisados era uma escolha que ressaltava um sentimento de pertencer bastante presente, mas aponta para "[...] constrangimentos que atuam contra a criação de um prazer imediato, de curta duração, que vão contra a prática desportiva encarada como um 'fim em si mesmo', levando, pois, à sua substituição por objetivos a longo prazo [...]" (p. 322). É o jogo levado mais à sério, visando o rendimento e o resultado, a busca pela vitória.

O autor considera os limites da pesquisa, concluindo que há dificuldade de se explicar um fenômeno social e cultural, reduzindo-o a análises que não consideram a multiplicidade de processos que ocorrem, tanto dentro, como fora do campo de jogo. Ele ainda comenta que, baseado nas falas dos sujeitos e sustentado nas apropriações que os atores fazem e no sentido que dão ao

futebol, pode-se identificar interpretações que ora confirmam, ora contradizem, ora complementam as que estão mais em evidência no meio da Educação Física Brasileira. “Mais do que apenas praticar futebol, esses homens encontram, nessa prática, algo que - junto com outras experiências - faz parte do seu estilo de vida” (STIGGER, 1997, p. 64).

Outra pesquisadora que pode contribuir para falarmos sobre o futebol é Simoni Lahud Guedes (1997). Em seu livro “Jogo de Corpo”, ela retrata a experiência social dos trabalhadores e moradores de um bairro popular de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. A partir do trabalho etnográfico, a pesquisa procurou focar as concepções de homem e trabalhador no processo de construção social de trabalhadores, e por meio disso, a construção da Pessoa. O que nos chama atenção nesta obra são, essencialmente, dois destaques dados por Guedes. O primeiro é a ênfase etnográfica na construção da identidade “masculina” e o segundo é a presença do futebol, pois entendemos que estas duas questões estão relacionadas.

Sobre o futebol, Guedes (1997) começa sua narrativa, bem como, suas análises, pensando no espaço do jogo dos trabalhadores de São Gonçalo. O clube local, Unidos Futebol Clube, deve ser compreendido como a demarcação mais formal do espaço público como espaço de exibição e negociação da masculinidade. Organizado por homens e para homens, ele se insere, juntamente com os bares, em um território reservado às interações masculinas e que, na maioria das vezes, só pode ser observado de longe pelas mulheres.

Guedes (1997) continua sua argumentação comentando que o espaço do jogo é um espaço de relacionamento entre homens, que possui uma separação de terreno, tanto simbólico quanto físico, dentro do qual os homens se

co-produzem e se reproduzem, resultando em novos homens. Este território é apenas parte do espaço exclusivamente masculino da sociedade brasileira, não sendo uma especificidade deste grupo observado apenas.

A acentuação da relação entre homens se concretiza em espaços considerados segregados, que Guedes (1997) denomina como uma espécie de “laboratório secreto masculino” (p. 132), em que as transações simbólicas obedecem a regras específicas, sendo o primeiro mandamento justamente excluir as mulheres. Mesmo com essa exclusão elas são essenciais na relação homem/mulher, mas aparecem neste espaço como representação, mediando a relação entre os homens. Neste “laboratório secreto”, muito da posição de cada homem depende do modo como é interpretada sua relação com as mulheres.

Na perspectiva da prática, ao analisar o local dos jogos na pesquisa de Guedes (1997), a atividade é exclusivamente masculina. No caso da assistência, isso se reproduz, porém de modo menos radical, aumentando ou diminuindo, conforme o horário e principalmente quanto à avaliação dos que estão jogando e a importância do torneio. Há espectadores mais interessados no jogo, que ficam em pé ao lado do campo, acompanhando os lances, participando verbalmente do jogo, estimulando ou criticando os jogadores, conversando com alguns que ficam mais próximos às laterais do campo e criticando o juiz. Mais afastados um pouco, há a assistência nos bares no entorno do campo, onde se encontram pequenos grupos conversando, aparentemente menos interessados com o que ocorre dentro do campo. Em todos os casos, a presença masculina é esmagadoramente maior que a feminina.

Guedes (1997) afirma que é bastante significativo que os campos de futebol sejam rodeados por bares, território este ainda mais marcadamente

masculino. É extremamente raro observar mulheres nestes bares. Os jogos dos homens são marcados pela luta corporal agressiva, pela posse de um objeto, o que propicia o contato físico com os jogadores, os quais, como homens, devem ser fortes, duros, valentes, comportamento sempre exigido pelos companheiros e pela assistência. Esta agressividade corporal do jogo autoriza a exibição de corpos desnudos, antes e após os jogos. Porém, esta agressividade requerida gera eventuais brigas e confusões, é o jogo ultrapassando seus próprios limites. A agressão física pode ocorrer a qualquer momento, a partir de uma jogada considerada desleal ou de insultos considerados insuportáveis pelo ofendido, dentro do padrão conhecido nos jogos de futebol no Brasil.

Guedes (1998), ao falar do futebol e das redes de sociabilidade masculinas nos apresenta a definição da *pelada*, que segundo a autora é o termo utilizado para os jogos de futebol amador seguindo-se as regras oficiais do jogo, porém, com livres adaptações. Ainda segundo a autora, há uma contraposição entre a pelada e seus times e os jogos profissionais. No caso o contraponto mais importante é a característica da pelada com relação ao divertimento, à brincadeira. É muito comum que os nomes dos times amadores tenham quase sempre nomes com um toque de auto-ironia como Barrigudos ou Pé na Cova. “Transformar-se num peladeiro significa abdicar das possibilidades de profissionalização através do futebol, ou seja, abrir mão do seu lado sério, e investir na dimensão lúdica da atividade” (p.85).

Guedes (1998) fala que se trata de uma brincadeira séria. A autora argumenta que isso ocorre, não apenas pelo envolvimento emocional que as pessoas têm com a atividade, mas porque as peladas possuem aspectos de redes de sociabilidade masculinas, com múltiplos investimentos sociais e culturais

que cercam as relações locais. Nestas redes de sociabilidade jogam-se, negociam-se para além do futebol, ideias, informações sobre trabalho, valores. É um importante espaço de transmissão de saberes masculinos, incorporando diversas gerações.

Sobre o público que vai assistir aos jogos de futebol, Giulianotti (2002) utiliza o termo "pós-torcedor", ou seja, eles são semi-especialistas no assunto, mais do que torcer, possuem um interesse estético pelo futebol. Há também um grande número de pessoas (provavelmente a maioria) que participam dos acontecimentos desse futebol com outros interesses. O autor ainda comenta que, ao observar os sujeitos que estão em torno do campo de futebol, muitos estão pouco atentos ao jogo. Para eles, os jogos de fins de semana são, prioritariamente, espaços de sociabilidade, momentos para encontrar a turma, conversar, paquerar, fazer novas amizades e se divertir. Essa é mais uma possibilidade do futebol amador, de funcionar como um espaço para as atividades do contexto do lazer e a sociabilidade que aglutina jogadores e torcedores.

Outro autor que podemos trazer para nossa discussão é Édison Luís Gastaldo (2006). Em um de seus trabalhos "Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas", podemos destacar alguns pontos relevantes para nossa pesquisa, especialmente com relação à assistência. Gastaldo (2006) tece alguns apontamentos utilizando o método etnográfico, sobre as relações e a *performance* masculina nos bares de Porto Alegre, onde são transmitidas partidas de futebol. O fenômeno discutido por Gastaldo (2006) se refere a uma combinação complexa entre mídia, jogo, sociabilidade e *performance*: a sociabilidade estabelecida em torno do consumo coletivo de jogos de futebol e a tematização dos fatos do jogo em interações

sociais cotidianas, evidenciadas em *performances* ocorrentes nos locais pesquisados.

No caso desta modalidade de interação há um problema a ser discutido: o papel do gênero masculino. Gastaldo (2006) afirma que, embora tenha havido, nos últimos anos, um notável crescimento da participação feminina no universo futebolístico, o mundo do futebol no Brasil ainda é hegemonicamente um território masculino.

A participação em jogos, competições e desafios é um traço característico do papel de gênero masculino nas mais diversas culturas. O fenômeno analisado por Gastaldo (2006) nesse estudo diz respeito a um tipo especial de *performance*, seja em atitude, desafio ou teatralização, em que a regra é “[...] manter o bom humor, mesmo – e principalmente – na derrota, suportando com paciência ou, de preferência, com uma resposta afiada e engraçada, as alfinetadas dos oponentes.” (p. 4).

O autor ainda comenta que essa interação durante um evento esportivo é uma forma de sociabilidade competitiva – ou como ele denomina - “relação jocosa futebolística” (GASTALDO, 2006, p. 5). Este tipo de relação toma uma forma teatral e performática, para evidenciar pública e humoradamente o alinhamento dos participantes à situação.

A pesquisa de Gastaldo (2006) foi realizada em alguns bares da cidade de Porto Alegre, o que diferencia da nossa pesquisa em questão, que foi realizada presencialmente no clube. Porém, o ponto que destacaremos aqui não será o tipo de assistência vivenciada, observando-se uma recepção midiaticizada ou presencial, a questão será a assistência como forma de recepção de um evento esportivo.

Em um dos bares pesquisados, durante a partida final do campeonato gaúcho de 2004, entre Internacional e Ulbra, os limites da sociabilidade ficaram bastante claros: um torcedor gremista, um senhor de seus 60 anos, cercado de colorados, zombava abertamente dos quase 30 torcedores adversários sentados em torno dele quando a Ulbra abriu o placar. O Internacional empatou e, ao virar o marcador, um outro senhor – colorado – sentado à sua frente ergueu uma cadeira pelo encosto, ameaçando bater no gremista – com um indisfarçável sorriso. O garçom repreendeu-o, ao que o torcedor comentou: “que é isso, meu, é só brincadeira!” De fato, no exato instante em que o árbitro apitava o final do jogo, dando o título ao Internacional, o gremista levantou-se da cadeira e, generosamente, estendeu a mão ao “adversário”, felicitando-o (GASTALDO, 2006, p. 5).

A cena destacada é um dos exemplos de como funciona esse tipo de relação jocosa. Em um dado momento, pode parecer que haveria uma briga, porém, notamos o comentário do torcedor, dizendo que “é só brincadeira”, e logo em seguida, houve o cumprimento ao torcedor adversário.

Gastaldo (2006) ainda cita Eco (1984, p. 223) e a expressão “falação esportiva”, relatando que as conversas sobre compra e venda de jogadores, especulações sobre resultados e tabelas têm sido matéria-prima de interações de sociabilidade masculina por todo o país.

Gastaldo (2006, p. 5) relata que as *performances* masculinas que ocorrem nos ambientes pesquisados são uma “[...] manifestação interacional cotidiana de aspectos profundos da cultura masculina no Brasil.”. Ele ainda argumenta que estas relações jocosas podem reduzir confrontos físicos e a violência, e que, nos locais de sua pesquisa, nunca houve, de fato, uma briga. No entanto, ficou evidente, baseado nas falas dos sujeitos pesquisados, que o importante era saber “levar na esportiva” a gozação do oponente, pois só assim se poderia participar neste jogo.

Um pouco diferente dos bares, o estádio também tem essas características, mas que talvez ofereça condições para a emergência de

situações de violência simbólica e física mais acentuadas. Gastaldo (2006) destaca que, no estádio, as torcidas antagônicas estão separadas fisicamente, enquanto no ambiente dos bares, muitas vezes, o torcedor oponente está sentado na mesa ao lado, e ainda, há as relações pessoais com o estabelecimento comercial, e que esses pontos talvez amenizem a violência no sentido de favorecer sua expressão sob a forma de jocosidade, ironia e gozação.

Gastaldo (2006), ao falar sobre a assistência nos bares, coloca em questão três aspectos da recepção: a presença como conduta, os desafios verbais e a teatralização jocosa. A primeira, a presença como conduta, se refere a estar presente no ambiente do bar e isso subentende em você ser torcedor de algum dos times que estão jogando. É ter coragem de se expor ao risco, enquanto quem fica em casa é porque quer ser protegido, lugar feminino, sendo a rua, lugar de correr riscos, lógica masculina.

O segundo aspecto, os desafios verbais, é o que o autor denomina como o “falar para todos”, frases curtas e mordazes, faladas em voz alta, na maioria das vezes carregadas de bom humor. No entanto, um dos pontos que também pertence a este aspecto é a questão da “homofobia”. É comum nesta modalidade de sociabilidade masculina a desqualificação do outro sob a “acusação” de homossexualidade, com expressões como “bichona”, bichinha”, “viado”, “mulherzinha”, “joga de salto alto”. Esse tipo de conduta reitera o aspecto da construção da identidade masculina, desvalorizando a feminilidade, e que, ao atribuir traços “femininos” a um homem, o desqualifica perante os outros homens (GASTALDO, 2006).

O terceiro aspecto da recepção é a teatralização jocosa, que vai além dos desafios verbais, ultrapassando os limites da fala ou das provocações com

palavras. Como exemplos, podemos citar a preparação de faixas, organização dos locais de assistência, como colocar um ventilador virado para a televisão para “secar” o time adversário, ou a simulação de hostilidades, como citado anteriormente no caso do torcedor que “fingiu” quebrar uma cadeira nas costas do adversário (GASTALDO, 2006). Essas relações, bem como as características da recepção do futebol midiático, têm se mostrado como o universo simbólico do futebol e proporciona aos participantes a escolha por vivenciar momentos que são diferentes dos profissionais, familiares, legais e religiosos.

Após o levantamento destes três autores, que têm um referencial cultural, e que também utilizam para suas análises o olhar antropológico, teremos elementos para fazer aproximações com nossa pesquisa de campo. Essas pesquisas nos mostraram o modo como os sujeitos se organizam e se relacionam ao nível da prática do futebol amador em parques públicos, como se dão as relações entre os jogadores trabalhadores de fábricas e como é a assistência a esse tipo de jogo, bem como os elementos destacados na recepção/assistência aos jogos de futebol no bar. Os grupos investigados por esses pesquisadores são diferentes, mas, essas pesquisas têm em comum o objetivo de descobrir e interpretar as relações das pessoas com o futebol.

As pesquisas destacadas neste capítulo demonstram que o futebol é uma construção cultural e significativa para as pessoas. Os significados são diferentes para cada grupo, mas podemos identificar alguns ‘códigos’ ou categorias de análise que são presentes ou comuns a esses grupos, como por exemplo, a presença considerável de homens em relação às mulheres, os xingamentos, a posição da mulher, as relações de amizade, o beber com os amigos entre outras.

No próximo capítulo, trataremos do local da pesquisa, trazendo, ao mesmo tempo, a análise e as interpretações das relações decorrentes deste espaço.

6 ENTRANDO EM CAMPO: O CAMPEONATO DE FUTEBOL SOCIAL LIVRE DO CLUBE CRISTÓVÃO

Neste capítulo iremos apresentar as características gerais do clube Cristóvão e do Campeonato Livre de Futebol Social, e nossas observações. Não seguimos o tempo linear para apresentarmos os acontecimentos observados, utilizamos categorias relacionadas aos significados para que o leitor possa compreender a dinâmica cultural do campeonato.

6.1 O cenário

O clube escolhido para a pesquisa foi o Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo (C.C.R.C.C.) localizado na cidade de Piracicaba/SP. Este clube é o quarto maior do estado de São Paulo e conta com mais de 17 mil associados. Nos dias da semana (segunda a sexta), tem uma movimentação de aproximadamente mil pessoas e, aos fins de semana, mais de três mil frequentadores associados¹².

Também conhecido simplesmente por “Cristóvão”, o clube possui duas sedes. A primeira delas, localizada na Rua Prudente de Moraes, no centro de Piracicaba, é cenário de encontros, jantares, eventos e ainda tem fixa a Galeria Colombo – um espaço que abriga exposições e mostras de arte. A segunda e maior sede, localizada na Avenida Professor Alberto Vollet Sachs, reúne o prédio administrativo e uma imensa área construída com salas para aulas de ginástica, academia, parque aquático, salão social, ginásio e as mais diferentes quadras

¹² Fonte: cristovao.com.br

espalhadas pelos 167 mil metros quadrados de área¹³.

O clube possui uma infraestrutura composta por quatro estacionamentos, divididos em duas portarias e um terreno anexo, com um exclusivo para motos. Na área esportiva são nove quadras de tênis, duas poliesportivas e duas quadras de vôlei de areia. São onze campos de futebol com iluminação, ginásio de esportes coberto, numa área de dois mil metros quadrados de construção. Ainda conta com pista de corrida, salão de jogos com bocha, sinuca e carteados, vestiários e bares nos campos de futebol e academia de musculação com 500 metros quadrados¹⁴.

O Cristóvão também tem um parque infantil, sete quiosques, fraldário, além do salão social, onde são realizados bailes, jantares, shows e diversos eventos. O balneário, construído e inaugurado em 2009, oferece saunas (seca e úmida), lanchonete, vestiários, piscina, hidromassagem, bar, ducha escocesa¹⁵, sala de massagem e sala de descanso. O parque aquático conta com nove piscinas, numa área de 15 mil metros quadrados. Existe uma piscina semi-olímpica de 25 por 25 metros e duas piscinas de oito por quatro metros para a prática de biribol, todas aquecidas. As piscinas Gêmeas, a Olímpica, com 50 metros, a Feijão, Oval, Golfinho e Efeito's¹⁶ completam o cenário do parque aquático.

O clube investigado é uma associação ou sociedade civil, sem fins lucrativos, representado pelo seu estatuto. Por fazer parte do setor corporativo, se mantém por meio de mensalidade paga por cada pessoa que possua um título no

¹³ Fonte: cristovao.com.br

¹⁴ Fonte: cristovao.com.br

¹⁵ A ducha escocesa consiste em um tipo de banho propiciado por uma máquina de alta pressão capaz de disparar um forte jato d'água em uma pessoa, tradicionalmente utilizado como uma forma de massagem.

¹⁶ Os nomes das piscinas se baseiam no formato e funcionalidade delas.

clube. Como apresentamos anteriormente, há uma gama completa de equipamentos e espaços de lazer para oferecer aos associados.

O que mais nos interessou no clube investigado, especificamente, foi um dos seus principais eventos relacionados ao esporte, o Campeonato Livre de Futebol Social. Embora durante o ano vários campeonatos sejam organizados, esse é o de maior duração e conta com um maior número de participantes, além, é claro, de sua tradição. Por exemplo, podemos citar a edição de 2013, a qual, contou com 6 divisões, 1500 atletas, mais de 100 times e cerca de 630 jogos durante o torneio. Esse evento reúne em seus times homens de idades variadas, que jogam futebol, além de centenas de pessoas que vão ao clube para assistir a esses jogos¹⁷.

As finais deste campeonato chegaram a ser transmitidas pela televisão, por um canal de TV local. A popularidade é tão grande que, em 2013, foi lançado um álbum de figurinhas (álbum fotográfico da Liga Cristóvão de Futebol Social) com 85 times, 914 atletas, 112 páginas, 34 patrocinadores com objetivo de ser um registro histórico para o futebol piracicabano e colaborar com as entidades FUNJAPE e Projeto Avanço¹⁸.

Os jogos do Campeonato Livre de Futebol Social do clube Cristóvão acontecem aos sábados e domingos. São 9 campos de futebol social (dimensões menores que do futebol oficial), e os jogos são em sequência, com todos os campos sendo usados simultaneamente. Aos sábados são 27 jogos, 9 em cada horário: 13h45min, 15h00 e 16h00 (com o horário de verão, os jogos são alterados para: 14h45min, 16h00 e 17h00). Aos domingos são 18 jogos, 9 em cada horário: 8h45min e 10h00 da manhã. O tempo de duração de uma partida é

¹⁷ Dados retirados do site cristovao.com.br

¹⁸ Dados retirados do site cristovao.com.br e página oficial do Facebook (Liga Cristóvão de Futebol Social) disponível em: <https://www.facebook.com/ligacristovaodefutebolsocial?fref=ts>.

de 60 (sessenta) minutos, divididos em dois períodos de 30 (trinta) minutos, com 10 (dez) minutos de intervalo¹⁹.

Os primeiros jogos de ambos os dias geralmente começam com 15 minutos de atraso. Os jogos de sábado e domingo juntos formam uma rodada. São 6 divisões sendo a 1ª divisão com 10 equipes, a 2ª, 3ª, 4ª, e 5ª divisões com 12 equipes cada e a 6ª divisão com 4 grupos de 8 equipes cada (32), totalizando 90 equipes participantes em 2014²⁰.

Os 9 campos possuem grama, alguns têm condições melhores que os outros, uns possuem irregularidades na grama e não têm local adequado para que os espectadores se sentem para assistir aos jogos, outros não têm sombra nas arquibancadas. Os campos com condições melhores, e melhor localizados, geralmente recebem os jogos das 1ª e 2ª divisão, como por exemplo, o campo 6 conhecido como o campo da TV por ter o melhor gramado, receber os melhores jogos e ter uma visão privilegiada, contando com uma grande arquibancada em sua lateral e podendo ser visto do bar do clube.

Todos os campos são fechados nas quatro laterais com alambrados de aproximadamente 4 metros de altura. Os campos possuem um portão para a entrada e saída de jogadores e árbitros. Em frente a esse portão em cada campo ficam 2 “seguranças” chamados de apoio. O apoio controla a entrada e saída de jogadores e técnicos, impedindo que pessoas que não estejam inscritas entrem nos campos de jogo. É papel do apoio, além deste controle, proteger o árbitro, caso seja necessário. Quando acontecem brigas, com agressão física, o apoio deve preparar, juntamente com os envolvidos um relatório para a diretoria do evento sobre o acontecido, para que as devidas providências sejam tomadas.

¹⁹ Dados retirados a partir de observações e do regulamento do campeonato de 2014.

²⁰ Idem.

Pelas descrições sobre o campeonato, podemos observar algumas similaridades com o jogo de alto rendimento. Nas competições de futebol profissional, sempre existe a presença de seguranças e policiais para se manter a ordem e proteger árbitros e dirigentes. Mesmo que sejam jogos de futebol amador, no caso pesquisado, há também a necessidade dessa proteção, porque, da mesma forma que no futebol profissional, acontecem brigas e agressões físicas (em geral entre os jogadores e não com a torcida) e punições também são aplicadas.

Dentro de cada campo existe um mesário. O papel do mesário consiste em trocar o placar de acordo com o número de gols de cada equipe, conferir se todos os jogadores em campo estão inscritos no campeonato corretamente e anotar na súmula, após o jogo, o resultado e as informações passadas pelo árbitro, como cartões amarelos e vermelhos. Esse é o papel do quarto árbitro nas grandes competições de futebol do estado de São Paulo.

Assim como nos grandes jogos profissionais, existem os gandulas, no clube, observamos a presença de vários meninos com idade aproximada entre 8 a 12 anos. Eles têm como função buscar as bolas que saem do perímetro dos campos e devolvê-las aos campos correspondentes.

Há, também, disponível no clube, durante os jogos, uma ambulância para eventuais emergências e 3 fisioterapeutas/massagistas, que ficam do lado de fora dos campos, com uma caixa de isopor com gelo, água e *spray* para dor, para contusões leves. Quando algum jogador se machuca, o árbitro autoriza a entrada deste profissional em campo. Notamos que este fato acontece de forma semelhante ao futebol profissional, no caso do alto rendimento, cada equipe possui sua equipe médica composta por médicos, fisioterapeutas e massagistas.

No clube Cristóvão, embora esses profissionais não sejam exclusivos em cada equipe, há a presença deles no local, bem como a obrigatoriedade assim como nas competições de futebol profissional, de uma ambulância.

Tanto em nosso caso como na pesquisa de Stigger (1997), podemos notar algumas aproximações no sentido da similaridade do espaço de jogo e regras com o futebol profissional. Embora Stigger (1997) não traga pormenores sobre o espaço de jogo na sua pesquisa, ele comenta que o tamanho do campo, o número de jogadores, tempo de jogo e arbitragem são bem próximos do futebol profissional e do imaginário da maior parte das pessoas sobre esse jogo.

Observando a estrutura e organização do campeonato investigado, podemos fazer algumas considerações com as configurações elencadas por Damo (2003), sobre os modelos de futebol. Notamos, aqui, que o futebol jogado no clube se aproxima com a configuração estética do autor do “futebol comunitário”. Esse modelo se caracteriza por ser jogado no tempo disponível dos participantes, os campos são padronizados, mas diferentes dos profissionais, e alguns times possuem um técnico que não recebe por seu trabalho com a equipe. Ao falar desta configuração de futebol, o autor afirma que este é conhecido também como “futebol de várzea” ou “futebol amador”. Como dito anteriormente, nesta pesquisa preferimos o termo “amador” por ser o termo mais utilizado e compreendido pelos participantes da pesquisa.

Além disso, Damo (2003) afirma que esse modelo do “futebol comunitário” ou “amador” é uma espécie de circuito fechado, e o que notamos no clube é que o mesmo acontece, ele é fechado pois só pode participar jogando quem está inscrito na competição desde o início, a única exceção são os

espectadores, que não precisam estar inscritos, mas, de qualquer forma, precisam ser sócios do clube.

Damo (2003) diz que essa configuração não demanda o mesmo capital do futebol profissional, mas não podemos nos esquecer que, para se participar neste campeonato do clube Cristóvão, especificamente, é necessário o investimento financeiro nos uniformes e chuteiras, além de pagar a mensalidade do clube e a inscrição no campeonato.

Com relação aos espectadores, é comum ver muitas pessoas tentando assistir aos jogos, procurando por um local com sombra por causa do forte calor na época da primavera/verão, estação em que é realizado o campeonato. Este é um ponto no qual identificamos diferenças entre assistir ao futebol amador no clube e no estádio, por exemplo. Ao assistir a um jogo profissional em um estádio, os espectadores têm que sentar em um determinado local (área ou assento), enquanto no clube investigado, eles podem sentar nos gramados laterais, nos bancos, no chão, nas arquibancadas, podem ficar circulando de um local para o outro, escolhendo o jogo que querem ver, no clube existe maiores possibilidades de escolhas.

Aos sábados, o público que assiste é maior que aos domingos, principalmente nos horários das 15h00 e 16h00 horas. Aos domingos, após as 10h00 da manhã, notamos um bom público assistindo aos jogos, antes desse horário, a maioria é de jogadores que chegam para os jogos das 8h45min. Muitos ficam nas arquibancadas ou nos arredores dos campos.

Nos dois dias de jogos, o bar que fica num local mais alto, possibilitando a visão da maioria dos campos, reúne muitas pessoas. A maioria fica em pé, conversando em duplas ou pequenos grupos, com uma cerveja ou um

refrigerante na mão, assistindo aos jogos do alto. Praticamente, não há mulheres na maioria dos dias, exceto nas semifinais e finais.

Esta descrição do clube investigado, do posicionamento das pessoas no bar, tem as mesmas características dos locais de jogo da pesquisa de Guedes (1997). Assim como em sua pesquisa, em São Gonçalo no Rio de Janeiro, em nosso caso, também há uma assistência mais interessada no jogo, que são as pessoas que ficam em pé ao lado dos campos, e acompanham mais atentamente os lances, alguns participando verbalmente do jogo, estimulando ou criticando os jogadores, conversando com alguns que ficam mais próximos às laterais do campo e xingando o juiz.

Na pesquisa de Guedes (1997) existem os espectadores nos bares no entorno do campo, reunidos em pequenos grupos conversando, aparentemente menos interessados sobre o que ocorre dentro do campo. Em todos os casos, a presença masculina é, incontestavelmente, maior que a feminina. Notamos o mesmo no bar do clube com muitos bebendo cerveja e conversando, mas não parecendo tão atentos aos jogos e, além disso, destacamos também a quantidade de homens muito maior em relação às mulheres.

No dia das semifinais, 27 de novembro, havia um grande público presente, maior que em todos os outros dias até então. A presença feminina foi muito pequena e os espectadores sentados nas arquibancadas gritavam muito. Quando algum dos times fazia gol em um dos campos e os jogadores começavam a comemorar, essa exaltada comemoração chamava a atenção dos espectadores, os quais se levantavam para ver onde foi o gol. Alguns saíam do seu lugar para ver qual time tinha feito o gol, já que não havia *replay* e, de longe, nem todos os placares são visíveis. Vale destacarmos aqui a fala de Guedes

(1997) sobre a assistência aos jogos, que vai aumentando ou diminuindo, conforme o horário e, principalmente quanto à avaliação dos que estão jogando e a importância do torneio. No caso de nossa pesquisa, é provável que o público seja maior, por ser a semifinal do campeonato.

6.2 Pré-jogo

Seguindo o regulamento do campeonato, todas as equipes devem estar uniformizadas, com camisa, calção e meias iguais para todos os jogadores (somente o goleiro deve ter a roupa diferente). Todas as camisas e alguns calções possuem, além do logotipo do time, o número do jogador nas costas e patrocínios de uma ou mais empresas.

Há uma variedade de cores e modelos de camisas. Alguns uniformes são quase réplicas de uniformes de grandes times profissionais, ou seleções, como Barcelona, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Canadá entre outras. Esses elementos nos mostram o desejo de alguns times de se parecerem, pelo menos esteticamente, com grandes equipes de futebol, para impor respeito e autoridade, mostrar admiração, demonstrar que jogam tão bem quanto a equipe inspiradora do uniforme, ou que ironizam a si mesmos, por saberem que jogam mal em comparação com estas.

Os nomes dos times chamaram a nossa atenção. Alguns nomes são vinculados a algum patrocinador, outros têm um caráter cômico, como Engov, Los Kanalhas, Os Problemas, Mercenários, Caras de Pau, Sai Não Futebol Society, Porkada F.C., SR Enfartados, FC Bar100Lona, Dypylek, Cachaçamba, Só Canelas, entre outros. Ao escolherem estes nomes para suas equipes, vemos

que os participantes deste campeonato reinventam o jogo, rindo e brincando consigo mesmos, ironizando o futebol e a forma que jogam, demonstrando que o jogo é também lúdico e que não existe seriedade o tempo todo.

Essa gozação deles mesmos, por não serem como os jogadores do alto rendimento, demonstra o caráter lúdico no jogo, conforme evidenciado por Marcellino (1990), quando afirma que o lúdico permite criar e recriar a cultura, vivenciando valores e papéis externos a ela. Os valores do alto rendimento, como a seriedade, competitividade e vitória a qualquer custo, são ressignificados por esses participantes quando inventam nomes para seus times concernentes a elementos considerados engraçados ou divertidos, com relação a bebidas alcoólicas (Engov, Dypylek, Cachasamba, FC Bar100Lona), à honestidade (Os Problemas, Mercenários) ou à condição física (SR Enfartados).

Guedes (1998) também salienta algo nesse sentido, quando mostra um contraponto entre os peladeiros (amadores) e seus times e os jogos profissionais. Esse contraponto destacado pela autora é a característica da pelada com relação ao divertimento, a brincadeira. No caso de sua pesquisa em São Gonçalo, Rio de Janeiro, os times também tinham nomes com um toque de auto-ironia como Barrigudos ou Pé na Cova e ela destaca que isso significa abdicar das possibilidades de profissionalização, “[...] abrir mão do lado sério e investir na dimensão lúdica da atividade.” (p. 85).

Antes dos jogos começarem, é comum ver os jogadores alongando ou aquecendo, alguns batem bola, enquanto outros entram em campo sem aquecer e já começam a jogar. Interessante notar que este aquecimento pré-jogo realizado por alguns jogadores é muito parecido com alguns movimentos dos aquecimentos de jogos profissionais. Mas, diferente do profissional, não há nesse campeonato

somente o modelo de corpo que vemos no alto rendimento, com os jogadores fortes, magros e musculosos. Observamos que alguns são fortes, magros e musculosos, mas, no entanto, muitos times têm jogadores considerados gordos ou fora dos padrões atuais dos atletas de futebol de alto rendimento.

Embora nos aquecimentos e preparativos eles se pareçam com os profissionais, ao organizarem os times com diferentes pessoas, diferentes corpos, eles priorizam a sociabilidade, o estar junto entre amigos para jogar bola, não importando a forma física, não dando tanta importância ao desempenho ou *performance* dos jogadores. Isso fica evidente quando observamos alguns dos jogos deste campeonato nas diferentes divisões. Os times costumam ter jogadores que jogam bem e outros que jogam mal. Não observamos nenhum time que tenha somente jogadores de alto nível técnico, mesmo os da primeira divisão, quando comparados aos jogos do alto rendimento.

Antes do início de cada jogo, os jogadores se reúnem em um círculo, abraçados, rezando em voz alta uma oração, geralmente o Pai-Nosso, e logo em seguida fazem um 'grito de guerra', por exemplo: "1, 2, 3, *Atômicos!!!*". A maioria dos times faz esse 'ritual' quando o jogo termina, ganhando ou perdendo. Muitos jogadores, ao entrarem no campo, se abaixam, tocam a grama e fazem o sinal da cruz. Esse tipo de comportamento é observado da mesma maneira entre os jogadores de futebol profissional, que se reúnem antes dos jogos, e ao entrarem em campo, costumam realizar algum tipo de 'ritual' religioso.

Esses rituais realizados antes e depois dos jogos no clube fazem parte do universo do futebol, segundo Daolio (2006). Esse universo sobrenatural destacado pelo autor com os galhos de arruda, dentes de alho, rezas no gramado, promessas, repetições de gestos e trajes associados à vitória

demonstram que o futebol é inseparável da vida das pessoas, ele expressa os sentimentos, emoções, regras, moralidades, religiosidades que integram a sociedade na qual se insere.

6.3 O beber e o fumar

Muitos participantes do campeonato investigado consomem cerveja. Isso acontece, tanto no bar do clube próximo ao campo, como no entorno dos vários campos de futebol. A cerveja é consumida, tanto pelos espectadores, como por jogadores que saem de campo, ou até mesmo, os que ainda vão jogar. Este é um fato que acontece de forma diferente no clube e no futebol profissional, a relação com o consumo de bebidas alcoólicas, mais especificamente, a cerveja.

Os espectadores de competições de partidas de futebol profissional não podem consumir cerveja durante esses eventos, exceto em casos especiais como na Copa do Mundo no Brasil em 2014²¹. Em alguns estádios há cerveja sem álcool sendo comercializada. No entanto, no clube, o consumo por parte dos espectadores é livre, pode-se comprar e consumir em qualquer local e qualquer quantidade. Quanto aos jogadores profissionais, seria praticamente impensável beberem cerveja minutos antes de entrarem em jogo, ou mesmo, no intervalo, no entanto, os jogadores amadores no clube consomem cerveja antes dos jogos, e muitos deles logo após também.

Um estudo de Martins (2006), sobre a relação entre as drogas e os

²¹ O Brasil conta com dois documentos proibitivos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas nos estádios. O primeiro foi publicado em 2008: a Resolução 1/2008 da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que torna ilegal a venda e consumo das bebidas “nos estádios que sediem partidas de futebol integrantes de competições coordenadas pela CBF, cujas partidas são organizadas pelas federações e pelas entidades de prática desportiva detentoras do mando de jogo (clubes).” O segundo é a Lei 12.299/2010, mais conhecida como Estatuto do Torcedor. O artigo 13A do texto considera ilegal a entrada e permanência nas arenas com “bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência”.

jovens estudantes de uma cidade de médio porte, no interior do Estado de São Paulo, detectou o uso de álcool nos fins de semana e em eventos como festas populares, festas com amigos, bar ou boate e festas em família. Pode-se afirmar, assim, que, como essas atividades correspondem a situações de livre adesão e realizadas no tempo disponível, o uso do álcool se dá, preferencialmente, em situações relacionadas ao lazer. Em outro estudo, Romera (2008) aponta o elevado consumo de bebidas no contexto de jovens torcedores de espetáculos esportivos.

Temos que considerar que as características da vivência do tempo disponível são a busca pela liberdade, a possibilidade de expressão das emoções socialmente reprimidas e conquista de prazeres, tornando-se, assim, ocasião favorável para a experimentação e o uso de drogas lícitas e ilícitas. Porém, não podemos “acusar” que as atividades de lazer sejam responsáveis pelo uso e consumo de álcool. Como fenômeno que sofre influências diretas da sociedade, nota-se que o lazer possibilita, especialmente com os eventos relacionados ao futebol, o consumo de cerveja, que se apresenta como uma das opções para a obtenção do prazer. O tempo disponível das pessoas para a escolha das atividades do contexto do lazer pode ou não conter o uso de drogas e álcool. Não podemos afirmar que esse fenômeno seja o facilitador do uso destas substâncias.

Embora tenhamos observado pouquíssimas pessoas fumando, algumas o faziam livremente ao lado dos alambrados, ao redor dos campos e, outros, nas arquibancadas e no bar. Um dos momentos que chamou nossa atenção foi quando observamos um jogador, já uniformizado, que estava prestes a entrar em campo, acender um cigarro na arquibancada. Observando a cena, um espectador, provavelmente amigo dele, começa a dizer alguns insultos sobre o

ato dele estar fumando. O homem diz: “*Que é isso rapaz, você tá fumando antes de jogar?*” e ele responde: “*Cala a boca, não é você que sustenta meu vício, vai tomá no cú*”. Em seguida, o fumante dá uma piscada para o amigo, mostrando que era brincadeira e os dois caem na risada, assim como várias pessoas que estão ao redor deles e observam a conversa (Retirado do diário de campo - 18/10/2014).

Nesta cena, podemos notar que, embora o jogador estivesse praticamente pronto para entrar em campo e jogar, ele resolve fumar um cigarro. A cobrança do amigo ao insultar o fumante é uma forma de ironizar a recomendação médica de que fumar faz mal à saúde. De qualquer maneira, eles não se importam se o ato de fumar interfere no rendimento do jogo, pelo menos o jogador fumante não parece se importar com isso.

Da mesma forma como a cerveja e outras bebidas alcoólicas, o uso do cigarro se dá especialmente no tempo disponível das pessoas. Fumar em locais públicos tem sido algo cada vez mais raro em um momento em que, na nossa sociedade, existe atualmente uma proibição para o ato na maioria dos espaços de lazer como *shoppings*, bares e restaurantes. O clube Cristóvão, por ser um local aberto e não ter a proibição do uso de cigarros, se mostra oportuno para o usufruto do mesmo.

Além disso, o jogador que fuma está em um momento que ele se permite fazer isso, que é o momento destinado às atividades do âmbito do lazer, que têm esse significado da inversão de valores da lógica da sociedade contemporânea. O lazer proporciona a oportunidade de vivências mais espontâneas, de sair da rotina do trabalho do cotidiano.

6.4 Xingamentos e falação

Um espectador próximo ao alambrado diz ao árbitro, antes do jogo começar: *“Trata de apitar esse jogo direito cara, senão eu vou pegar você”*. O juiz responde: *“Vai tomá no seu cú seu idiota”*, e os dois riem alto. Assistindo a esta cena, outro espectador diz: *“Olha o palavreado do árbitro, esse clube está perdido mesmo”* (em tom de brincadeira) (Retirado do diário de campo - 02/11/2014). Esse tipo de relação do árbitro para com os espectadores é inexistente no futebol profissional e embora estes árbitros do clube sejam federados, seu papel ali tem um tom muito mais leve do que em um jogo profissional. Notamos, assim, que os espectadores também reinventam o jogo, permitindo algumas ações diferentes do modelo de futebol profissional.

No modelo profissional, os árbitros devem ser neutros, cumprindo apenas seu papel de mediadores do jogo, em geral, não se pronunciando ou conversando com os espectadores. Diferente do futebol profissional, os árbitros no caso do clube investigado, também participam dessa dinâmica teatralizada das relações jocosas com participação nas brincadeiras, nas provocações, com bom humor (GASTALDO, 2006), não só com os jogadores, mas também, com os espectadores.

São comuns as conversas dos jogadores sobre futebol quando saem de campo, especialmente sobre os jogos do campeonato, como por exemplo: *“Na hora que ele me deu aquele corte”*, *“Você viu que lindo o gol do Rafa?”*, *“Se eu tivesse visto que o goleiro estava adiantado deixava a bola cair”*, *“você viu o chapéu que o Biro tomou?”*. Mesmo depois do fim do jogo as conversas sobre futebol não param. Isso nos mostra que o futebol é tematizado o tempo todo, e

que a participação no campeonato envolve mais elementos do que somente a prática do jogo em si.

Os sujeitos não se limitam a vivenciar o jogo somente durante o tempo regulamentar. Depois do jogo essas conversas são muitas vezes o motivo para continuarem juntos, falando de futebol, indo tomar cerveja, eles admiram os colegas, imaginam o que poderiam ter feito diferente em determinada jogada e alguns chegam a ironizar os amigos com brincadeiras. O mesmo aconteceu na pesquisa de Stigger (1997), na qual as gozações eram corriqueiras e, em geral, se relacionavam à produtividade do jogo, sendo assim, uma forma irônica para se avaliar a *performance* de alguns. O autor ainda destaca que existe a necessidade de saber jogar futebol mas para ser parte do grupo, é preciso levar na brincadeira essas relações como uma forma de relacionamento e de aceitação desse grupo.

Gastaldo (2006) cita a expressão “falação esportiva” utilizada por Umberto Eco (1984, p. 223), ao falar das conversas sobre compra e venda de jogadores e especulações de resultados. Podemos extrapolar o sentido dessa expressão para as conversas antes e depois dos jogos no clube, pois elas são da mesma forma, matéria prima para as interações de sociabilidade.

Ao considerarmos algumas questões de gênero, ao realizarmos nossas observações no clube, notamos que a maioria dos presentes é de homens. Guedes (1997) fala que os ambientes relacionados ao futebol são marcadamente masculinos e, embora em nossas observações essa característica também possa ser comprovada (a rara presença de mulheres), uma delas parece ter papel fundamental em uma das equipes.

Observamos uma mulher dando instruções aos jogadores da equipe Pedra Preta: “*Fica Carlinho, olha a esquerda, olha o ladrão*”. Ela está do lado de

fora do campo, fica dando voltas no alambrado e sua conduta parece a de um técnico de futebol dando instruções aos jogadores. Ela prossegue gritando após um jogador receber o cartão amarelo: “*Vai entrar no jogo dele palhaço*”. Em alguns momentos ofende os jogadores do time adversário: “*Joga a bola seu cachorro*” (Retirado do diário de campo - 12/10/2014).

Podemos notar que, neste caso, embora seja uma das raras mulheres além de nós assistindo a esse jogo, ela não demonstrava uma conduta somente de observação ou de mera coadjuvante, como algumas pesquisas entendem o papel da mulher nestes ambientes. Isso denota uma particularidade do nosso campo, neste clube, embora a frequência seja predominantemente masculina, esta mulher se destaca por sua conduta diferenciada, usando os mesmos códigos permitidos aos homens nesse local, como por exemplo, os xingamentos aos jogadores.

Esta mulher atua por meio da assistência, não agindo passivamente ou de forma conformista, demonstrando que a possibilidade da assistência está relacionada, não à passividade, mas à atividade, no sentido da conduta assumida pela pessoa. Este comportamento está de acordo com Marcellino (2012), quando afirma que, tanto a prática, como o consumo, podem ser ativos ou passivos. O autor questiona a valorização como “inferior” ou “superior”, em relação a se participar passivamente ou praticar uma atividade. Para o autor, o que é determinante é o modo como o indivíduo age em relação à prática ou ao consumo.

6.5 Os “profissionais”

Um grupo começa a andar em direção a um jogador que estava

jogando, mas que sai do campo por um momento para tomar uma ducha. O grupo diz: “*Vem aqui Álvaro Pereira*”, e o jogador ri. Eles dizem isso para o colega, provavelmente por ele se parecer fisicamente com o jogador uruguaio (ele tinha o mesmo porte físico, a mesma cor de pele, rosto semelhante e usava o mesmo corte de cabelo do Álvaro Pereira, jogador do São Paulo na época da pesquisa), e ainda dizem: “*não vai cair com a cara no chão, hein!*”, se referindo a uma ocasião de dividida de bola, na qual o jogador do São Paulo caiu com o rosto no chão e desmaiou (Retirado do diário de campo - 12/10/2014).

No jogo entre as equipes São Dimais e Palestra, os jogadores ficam exaltados após uma jogada polêmica em que quase acontece o gol do São Dimais, mas o jogador do Palestra defende com a mão (um que não era goleiro) e o juiz não marca a infração. Logo em seguida, em outro lance, aparentemente a bola entra e seria então o gol do São Dimais, mas um jogador do Palestra embaixo do travessão chuta a bola para fora e o juiz não valida o gol. A discussão entre as equipes é se a bola havia passado a linha ou não. Na sequência, um jogador do São Dimais faz um gol e comemorando tira a camisa, rodopiando-a na mão e vai ao encontro de alguns torcedores. Segundo as regras da maioria das competições profissionais de futebol, tirar a camisa é uma infração passível de cartão amarelo e, seguindo esta mesma regra este jogador recebe o cartão. Não se importando com isso, o jogador olha para seu time e faz a pose com o corpo desnudo, mostrando os músculos peitorais, igual a como o jogador português Cristiano Ronaldo costuma fazer (Retirado do diário de campo - 16/11/2014).

As duas cenas anteriormente expostas mostram os próprios jogadores no clube fazendo piadas e se comparando aos jogadores de futebol profissional. Eles fazem isso, não de forma a imitarem sua *performance* dentro do campo, mas

tentando se aproximar em relação à estética, usando a mesma barba e cabelo de um jogador, ou fazendo uma pose reconhecidamente pertencente ao outro. Podemos aproximar estas cenas à teatralização jocosa, como citada por Gastaldo (2006), a qual ultrapassa o limite das palavras. No primeiro caso, por parte dos espectadores em relação ao jogador amador se parecer com o profissional (Álvaro Pereira) e as risadas e gestos indicarem que ele não desmaiasse da mesma maneira. No segundo caso, essa teatralização acontece por parte do jogador, que não precisou falar, apenas imitou a pose de Cristiano Ronaldo para provocar seus adversários se vangloriando de um gol que fez.

Dezoito de outubro de 2014, primeiro dia da 11^a rodada, a última antes das eliminatórias. Muitos assistem aos jogos uniformizados o que podemos deduzir que ainda jogariam naquela tarde. A conversa ao nosso redor é que esse é o melhor campeonato e que muitos times da primeira e da segunda divisão pagam para alguns ex-jogadores de times profissionais para jogarem para eles, por exemplo, o Amaral, ex-jogador do Palmeiras. Ainda falam que para alguns jogadores, o time paga a mensalidade do clube e outros ainda ganham um salário mensal.

Estas equipes que “contratam” ex-jogadores profissionais, ou pagam a mensalidade do clube para terem bons jogadores, demonstram uma preocupação com o desempenho, enfocando a competitividade. Podemos observar, assim, que, da mesma forma que na pesquisa de Stigger (1997), existem grupos que têm como característica a sociabilidade, o jogar pelo prazer, para se estar entre os amigos fazendo o que gosta, por outro lado, existem grupos ou equipes que têm como foco principal um caráter mais “sério”. Isso não quer dizer que, pertencendo a um tipo de grupo ou outro, há sempre a postura séria ou sempre lúdica. Esses

propósitos se misturam de uma forma não completamente percebida pelos participantes, os quais, ora estão cobrando o desempenho dentro do campo, ora estão fazendo piada de uma jogada engraçada, ou do nível de sua *performance*. Embora este não seja o sentido do futebol amador, este tipo de competitividade por parte dos participantes aparece mesmo durante os jogos recreativos, especialmente entre estes jogadores do Cristóvão, que são “contratados” por algumas equipes.

Interessante notar nesta categoria que, no caso do campeonato investigado, há uma forma de jogar futebol, ou pelo menos de jogadores de futebol, com características muito próximas do alto rendimento. Embora o clube seja um espaço de lazer, no qual o futebol recreativo acontece e onde subentende-se o lúdico, o prazer, a não-seriedade, o caráter desinteressado, a livre escolha, ele também é um espaço para a prática de futebol similar ao de rendimento. Podemos observar, assim, a multiplicidade humana, e uma dinâmica cultural que promove certa tensão, entre os que estão ali pelo prazer, pelo jogar por jogar, pela diversão enquanto outros, estão pelo jogo sério, competitivo, com foco em resultados.

6.6 Brincadeiras e ironias

No clube, observamos também algumas questões relacionadas à homofobia no ambiente do jogo de futebol. Guedes (1998) comenta que esse tipo de espaço favorece a construção da identidade masculina e, de acordo com Gastaldo (2006), um dos elementos que também pertence a este aspecto é a questão da “homofobia”. Segundo o autor, é comum, nesta modalidade de

sociabilidade masculina, a desqualificação do outro sob a “acusação” de homossexualidade, na qual são utilizadas expressões como “bichona”, bichinha”, “viado”. Também é comum o uso de expressões que desqualificam a mulher, utilizadas como xingamento aos homens. É como se fosse um código aceito no futebol, como qualquer outro xingamento ou ironia. Isso pode ser notado nas três cenas relatadas a seguir.

Ao término de um jogo vemos alguns jogadores de equipes adversárias se cumprimentando. Um espectador começa a gritar com um jogador de uma das equipes que ainda estava em campo após o fim do jogo: “*Sai Juninho, o que é que é isso meu, tá que nem putinha, tá amiguinha deles?*” isso porque o jogador Juninho estava cumprimentando os adversários no fim do jogo (Retirado do diário de campo - 12/10/2014).

Um espectador ri e grita com os jogadores de um time, chama um e diz que é feio, o outro que é lindo, palpita pra tirar determinado jogador quando, então, o técnico do time dobra a barra do seu *shorts* e o espectador, ao ver esta cena, começa a gritar: “*De perninha de fora biscate, coisa linda*” (Retirado do diário de campo - 12/10/2014). Note, neste trecho, a ironia para com o técnico, ele é chamado de ‘biscate’ por levantar um pouco o *shorts*, os jogadores ironizam esse participante.

Outra cena pertinente a este assunto acontece durante um jogo das finais. Um dos times com maior torcida durante as finais é o Bate Bola. Os espectadores gritam quase durante todo o tempo de jogo: “*Eeeehh Bate Bola!*” mas, quando querem reclamar de alguma decisão do juiz ou xingar algum jogador adversário, gritam num único coro “*Ooooooo bicha!*” (Retirado do diário de campo - 07/12/2014).

As três cenas em destaque corroboram Gastaldo (2006), que diz que, durante a construção da identidade masculina que permeia estes locais de sociabilidade, acontece essa manifestação homofóbica com certa frequência. Além disso, o código dos xingamentos, sejam eles homofóbicos ou não, dos estádios de futebol são aceitos entre os torcedores do clube, conforme nos diz Toledo (1996), ao citar Mauss (1979):

[...] todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica [...] (MAUSS, 1979, p.153).

Toledo (1996) afirma que a utilização de palavrões não pode ser pensada como destituída de sentido, ou como uma agressividade gratuita. Eles fazem parte de padrões de conduta e comunicação, na expressão dos conflitos, negociações e protestos. É uma maneira dramática de se comportar verbalmente.

Um homem (espectador) começa a gritar com outro que está mais afastado, dizendo o placar de um jogo, parece feliz, animado, talvez porque seu time estava ganhando, então, pergunta para ele o porquê de não estar jogando e ele responde que está suspenso. O homem diz sorrindo: “*Jogador indisciplinado hein!*” e ele responde: “*Que nada!!! O empresário do time tem uma tática, tá me preservando pro mata-mata semana que vem*” (ele se refere à próxima fase do campeonato que quem perder está desclassificado) e ainda acrescenta: “*Jogador bom é isso!!!!*” (Retirado do diário de campo - 19/10/2014).

Nesse tom de brincadeira, podemos destacar a cena a seguir. Alguns espectadores começam a gritar com um jogador do time Pedra Preta: “*Ei Peruca*

(o jogador é completamente careca), *achou seu lugar Peruca! Ano que vem só vem treinar o time, hein!*" (Eles fazem este comentário porque o Peruca estava no banco de reservas e se movimentava como se estivesse instruindo o time), e caem na risada. O Peruca, respondendo às brincadeiras, abre os braços e também ri, olhando em direção a este grupo. Peruca é o goleiro reserva e como o Pedra Preta já garantia sua classificação com um placar elástico (com grande diferença de gols), o técnico coloca Peruca para jogar. A torcida vai à loucura, e não para de gritar "*Perucaaaa, dá-lhe Peruca*". (Retirado do diário de campo – 29/11/2014).

Estas duas cenas retratam momentos diferentes de brincadeira e, principalmente, ironia. Na primeira cena, o jogador ironiza o fato de ter sido suspenso (em geral são casos de punição por cartão amarelo e vermelho) enfatizando que está sendo poupado para os jogos decisivos. Essa conduta de poupar jogadores para partidas importantes é um fato comum no futebol de alto rendimento.

Na segunda cena, jogadores/espectadores (estão uniformizados) ironizam o fato de o jogador Peruca ser um goleiro ruim, sendo melhor ele ficar instruindo o time do que jogando. Mas, logo em seguida, quando o jogador é colocado em campo para atuar como goleiro, os companheiros espectadores torcem de forma enfática por ele. Ambas as cenas destacam as teatralizações jocosas citadas por Gastaldo (2006), as quais são códigos aceitos pelos pertencentes destes grupos, quando o assunto é futebol. O tom de brincadeira e bom humor permeia essas relações, mas sempre com a intenção de uma crítica ou 'alfinetada'.

6.7 A final

Domingo de manhã, 7 de dezembro, é o dia da grande final. Logo cedo, há muita gente assistindo aos jogos, algumas mulheres e crianças, mas, de qualquer forma, a presença masculina é predominante à feminina. O clima, de maneira geral, é muito diferente dos outros jogos, sendo, neste dia, muito mais festivo do lado de fora, o público grita com mais frequência, canta, batuca, alguns têm faixas com os nomes dos times. Dentro de campo, os jogos também parecem diferentes dos outros dias, parecem mais emocionantes, disputados, agitados, nervosos. Quando alguns jogos terminam, os jogadores saem de campo falando alto, gritando, comemorando.

Neste dia, além das finais de cada uma das seis divisões, acontecem mais dois jogos especiais. Um deles, no campo 4, é um jogo com crianças sub-11 (menores de 11 anos). Interessante notar que, embora seja um jogo amistoso, as crianças, ao saírem de campo no intervalo, são abordadas por seus pais que fazem o papel de técnicos, dizendo *“faça o que tem que fazer”*, *“você tem que jogar mais centralizado”*, *“você não pode deixar ele nas suas costas”*, eles instruem as crianças. Há por parte dos pais uma cobrança do desempenho. As crianças jogam sorrindo, gritando, se divertindo, enquanto os pais levam o jogo mais a ‘sério’.

No campo 3, acontece outro jogo comemorativo, entre os veteranos com seus times de existência longa dentro do clube. Ao nos aproximarmos para assistir a esse jogo, notamos que quase não há cobranças em relação ao desempenho, por outro lado, são muitas risadas e brincadeiras entre os jogadores do mesmo time e também com relação aos adversários. Ouvimos frases como: *“corre seu véio”*, *“vai barrigudo”*, *“num vai enfartar e morre hoje, hein”* sempre

seguidas de muitas risadas. Essas relações entre eles ironizam o fato de estarem jogando futebol, mesmo estando com mais idade. O clube mostra, assim, ser um espaço de possibilidade de vivenciar momentos lúdicos na vida adulta. Diferente dos meninos menores de 11 anos de idade, que eram cobrados por seu desempenho, os veteranos ‘brincam com a realidade’ (DEBORTOLI, 2002) de não terem o mesmo corpo de quando eram jovens, demonstram que o clube é um espaço para a vivência do futebol de diferentes maneiras e ressignificam sua existência.

A pesquisa de Stigger (1997), realizada com veteranos, identificou dois momentos em que os grupos Redenção e Ararigbóia se comportavam de maneira diferente. Baseado em Elias e Dunning (1992), Stigger (1997) categoriza o grupo da Redenção de forma semelhante ao grupo dos veteranos anteriormente citados, onde prevalece o caráter amador, no qual o componente principal é o divertimento e o prazer. No entanto, nosso grupo de veteranos vai além disso. Eles ironizam e gozam de sua idade mais avançada, brincando ao dizer que devem ter cuidado para não enfartar (“*corre seu véio*”, “*num vai enfartar e morre hoje, hein*”) ou sua forma física (“*vai barrigudo*”).

No último domingo do campeonato, dia das finais, há a expectativa da “grande final”, jogo entre as duas melhores equipes da primeira divisão. Todos estão muito agitados e fazendo muito barulho. Os espectadores na arquibancada estão comemorando, cantando e gritando. A tão esperada final da primeira divisão é entre as equipes Lajes Romanini e Pedra Preta. Algumas crianças chegam com uma bandeira e os dizeres “Torcida Jovem Romanini”.

Começamos a perceber que muitos que jogavam em outros times, mas que foram eliminados, chegam para assistir às finais, alguns sozinhos, outros com

filhos e alguns poucos com namoradas e esposas, mas, a maioria deles com as camisas de seus times, ou de times de futebol profissional. Uma cena que nos chama a atenção é a de um pai e seu filho vestidos com uma camisa com os dizeres “SD+ desde 2006”, em homenagem ao time São Dimais. As iniciais do time, SD, ficam dentro de um brasão, que lembra o formato do símbolo do uniforme do superhomem (super-herói das histórias em quadrinhos). Esse tipo de escudo ou símbolo, parecido com o de um super-herói, demonstra força ou “superpoderes”.

Enquanto nos outros dias os jogadores chegavam, em sua maioria, já vestidos com os uniformes de jogo, no dia da final, os da equipe Lajes Romanini chegaram juntos, parecendo profissionais nos estádios, um atrás do outro, todos com uma mala com o logotipo do time e sem o uniforme oficial de jogo. A maioria destes jogadores está bem produzida, com seus cabelos arrumados, brincos brilhantes, bonés, e uma camisa que não é a do jogo, mas estampa o nome do time, comportamento bem parecido com os profissionais. Eles fazem esta produção visual intencionalmente, para demonstrarem prestígio e se sentirem como se fossem jogadores de grandes equipes de futebol. Ao se organizarem como os profissionais, esses jogadores demonstram atuar com a mesma eficiência e nível destes, tornando isso uma estratégia para intimidar o time adversário.

Em nenhum dos outros dias de jogo do campeonato fica claro que as equipes tenham uma torcida específica ou numerosa, mas, na grande final, isso fica evidente, com muitos espectadores se identificando com as duas equipes finalistas, sejam utilizando as camisas das equipes, as cores, ou carregando bandeiras e faixas e gritando o nome do time.

A torcida do Romanini incentiva muito o time e, quando o time faz gol, eles acendem algo parecido com fogos, que faz muito barulho e lança para o ar papel picado colorido, além de alguns potinhos, os quais são acendidos com fogo e liberam uma fumaça verde. Já a torcida do Pedra Preta tem bumbos e pandeiros e não para de batucar e cantar várias músicas relacionadas ao time, além de alguns sambas e pagodes. Esse comportamento das torcidas dos times amadores no clube também é semelhante ao das torcidas organizadas, com cantos, batuques, hinos e liberação de fumaça. Lajes Romanini termina como o campeão desta grande final e, enquanto os jogadores do time ainda estão dentro de campo pulando, se abraçando e comemorando a vitória, os jogadores dos outros times, bem como a maioria dos espectadores, começam a deixar o local dos jogos e se dirigem para o bar debaixo (principal) no clube, onde é realizada a premiação.

O dia das finais tem uma configuração diferente dos outros dias do campeonato. Esse momento possui uma grande quantidade de elementos similares ao alto rendimento, como a postura dos jogadores, como observamos aqui com as roupas, maneira de agir, e os participantes que assistem aos jogos que se organizam da mesma forma das torcidas nos estádios com faixas, hinos, batuques, fogos e sinalizadores, uniformes com as cores dos times que apóiam. Além disso, os times da final têm um aprimoramento técnico maior e, por isso, atraem um público maior. Giulianotti (2002) denomina de semi-especialistas, que são torcedores com um interesse estético pelo futebol.

Neste dia, fica clara a tensão existente no ambiente do clube com relação ao futebol. A final apresenta tanto elementos do alto rendimento como por exemplo, toda a organização da competição e a forma de agir das equipes

finalistas similares aos dos times profissionais, bem como, o modo de torcer de muitos espectadores, também similar aos das torcidas profissionais. Por outro lado, existem muitos elementos do contexto do lazer, como a possibilidade de escolha: pode-se escolher qual jogo assistir, a grande final dos times da primeira divisão, ou um jogo entre veteranos e, até mesmo, escolher ficar conversando no bar; a prática e assistência: pode estar participando de algum jogo ou apenas assistindo a eles; e o interesse social do lazer: encontro dos amigos, famílias assistindo aos jogos juntos.

Ao chegarmos no bar principal do clube, após o jogo, já não existem mais cadeiras nem mesas disponíveis, todas estão ocupadas com as pessoas comendo e bebendo em grupos pequenos e grandes. A única mesa com cadeiras disponíveis está reservada para o time campeão da primeira divisão (Lajes Romanini), uma mesa grande e várias mulheres já sentadas, animadas, conversando e rindo muito. Esta mesa tem baldes com gelo e dezenas de garrafas de cerveja, garrafas de tequila, *vodka*, *whisky* e energético.

O grande bar em forma de galpão possui um palco e alguns instrumentos musicais de um grupo de samba/pagode. Em frente ao palco há uma mesa grande com troféus de todos os tipos e tamanhos, para cada time campeão de sua divisão, além de várias categorias de premiação como goleiro menos vazado, artilheiro do campeonato etc. Para evitar que as pessoas do bar se aproximem do palco e dos troféus, uma fita amarela impede o acesso das pessoas, além de um segurança em cada lado da mesa.

Após quase uma hora depois do fim do último jogo, inicia-se a cerimônia de premiação. Quando o time campeão da primeira divisão chega na mesa reservada a eles, as pessoas ali começam a saudá-los. Os times são

chamados à frente, um a um, recebem seu troféu, levantam, gritam, pulam e comemoram. O ambiente é festivo, com as pessoas sorrindo, brincando e se divertindo. Após a entrega dos troféus, o grupo de samba começa a tocar e parece que ninguém vai embora, pelo contrário, o bar fica cada vez mais lotado, uma grande festa.

Este é o momento de encerramento do campeonato, episódio que coroa e marca o fim desta grande dinâmica de relações que têm como pano de fundo o jogo de futebol. Porém, o campeonato não pára por aqui. Nesta grande festa, já se ouvem alguns participantes falando de suas estratégias para o próximo ano, como mudar as táticas de jogo, convidar outros amigos para as equipes, desfazer um time, inscrever outro.

Neste capítulo trouxemos algumas cenas, bem como, análise e interpretações das observações do campo de nossa pesquisa, englobando o clube e o campeonato a nível organizacional, como também, observações de jogadores e espectadores. No próximo capítulo, utilizando as entrevistas semiestruturadas, abordaremos especificamente as falas dos participantes do campeonato no clube Cristóvão.

7 OS SIGNIFICADOS DA PRÁTICA E ASSISTÊNCIA AO FUTEBOL PARA FREQUENTADORES DO CLUBE CRISTÓVÃO

Neste capítulo damos voz aos sujeitos da pesquisa. Trazemos as entrevistas e a análise do que os participantes do Campeonato Livre de Futebol Social nos disseram. Separamos as falas e análise em três grupos, a seguir: os jogadores, os espectadores e os que são jogadores e também espectadores.

7.1 Os jogadores

Este primeiro grupo a ser analisado, dos jogadores, é referente aos participantes que, ao perguntarmos se jogam, assistem ou jogam e assistem, nos responderam que somente jogam o campeonato no clube. Para abordar esses que diziam só jogar, ficávamos próximos aos grupos uniformizados e atentas à saída destes jogadores do campo, no fim do jogo, para que tivéssemos a chance de falar com eles, pois a grande maioria jogava e, em seguida, ia embora. Alguns ficavam em grupos conversando por rápidos momentos. Neste grupo entrevistamos 20 homens. No quadro 1, apresentamos os entrevistados deste grupo com nomes fictícios, para que fosse mantido o sigilo dos mesmos, sua idade, há quanto tempo participam jogando o campeonato e qual a frequência de participação neste ano. Com relação à frequência que jogam, todos os entrevistados responderam “toda rodada” (TR), isso quer dizer que jogam pelo menos um dos dias (sábado ou domingo) do fim de semana.

Quadro 1 – Características dos jogadores

NOME	IDADE	TEMPO	FREQ
Franco	25	2 anos	TR
Pedro	23	1 ano	TR
Saulo	19	1 ano	TR
Davi	25	7 anos	TR
Fagner	25	3 anos	TR
Humberto	28	4 anos	TR
Rafael	37	10 anos	TR
Elias	24	6 anos	TR
Felício	33	16 anos	TR
Iuri	26	3 anos	TR
João	32	16 anos	TR
Jonas	37	7 anos	TR
Luan	29	7 anos	TR
Laerte	39	7 anos	TR
Lisandro	23	8 anos	TR
Max	18	1 ano	TR
Otávio	39	7 anos	TR
Rodolfo	31	11 anos	TR
Wilson	34	12 anos	TR
Renan	32	10 anos	TR

Como respostas à pergunta “Você joga, assiste aos jogos ou você joga e também assiste aos jogos do campeonato?” praticamente todos os sujeitos responderam somente dizendo que jogam o campeonato. Com exceção de dois entrevistados, Felício e Elias, os quais complementaram a resposta dizendo que depois saem para tomar cerveja.

“Não, só venho jogar, eu venho jogar e depois vou tomar cerveja”
(Felício).

“No meu caso eu venho só pra jogar, jogo meu jogo e depois desço pra tomar uma cerveja no bar, conversar e falar sobre o jogo, não costumo ficar pra assistir nenhum outro jogo não”
(Elias).

Estas duas falas em destaque começam a nos revelar o interesse dos jogadores no campeonato, relacionado não somente ao conteúdo físicoesportivo

do lazer, mas também ao encontro com os amigos, portanto, com o conteúdo social do lazer.

Sobre a pergunta “Você participa/participava de outros campeonatos em outros locais ou em outros clubes?” os entrevistados Franco, Pedro, Saulo, Davi, Humberto, Felício, Lisandro e Renan disseram que não participam nem participaram de algum outro tipo de campeonato de futebol amador. Fagner, Rafael, Elias, João, Jonas, Luan, Laerte, Otávio, Rodolfo e Wilson disseram que já participaram anteriormente de outros campeonatos, alugando quadras particulares, em campinhos da prefeitura, em outros clubes da cidade e assim por diante. Apenas dois entrevistados afirmam jogar além do campeonato no Cristóvão em outro local. Max participa de campeonatos comunitários no bairro onde mora e Iuri joga também na cidade onde mora, Saltinho. Isso demonstra um comprometimento da maioria dos entrevistados com as equipes nas quais jogam no clube.

Sobre a pergunta “Quais os significados de se participar de um campeonato de futebol amador?” obtivemos diferentes respostas. Os entrevistados Franco, Pedro, Saulo, Fagner, Felício, Jonas, Otávio, Rafael e Wilson, não hesitaram em responder que o significado era a diversão, entre outras respostas.

“Ah, a diversão, a competição, estar com os amigos” (Rafael).

Vários entrevistados desse grupo responderam como sendo um dos significados de se jogar o campeonato a questão do prazer de jogar futebol, amar jogar bola, gostar muito de futebol, gostar de praticar esporte, como Humberto, Felício, Iuri, Jonas, Luan e Max .

“O prazer de jogar futebol, é muito bom, faz bem pra minha saúde, pro meu corpo, e gosto da competição também e pela amizade, aqui é fácil de encontrar os amigos” (Humberto).

“O prazer de jogar bola, tem uma disputa em si, quem não gosta de disputar alguma coisa, então é mais por causa disso e por causa da amizade, você vem com seu time, encontra os amigos, vem bater uma bola, diversão” (Felício).

No caso destes entrevistados vemos a aproximação com alguns grupos destacados por Stigger (1997) em sua pesquisa com os veteranos, os quais comentam que jogam por prazer, pela diversão com os amigos. Em nosso caso, fica claro o interesse na sociabilidade e o objetivo de se estar participando do campeonato. Pode parecer, em uma primeira e rápida análise, que muitos deste grupo que dizem somente estar ali para jogar, afirmando que não ficam para assistir outros jogos e que o objetivo está somente no jogo, ao olharmos mais de perto, notamos em suas falas o interesse social do lazer. Quando dizem que somente jogam e dizem não assistir aos outros jogos, mas que, depois, gostam de tomar uma cerveja com os amigos, eles demonstram o interesse no conteúdo físicoesportivo do lazer quanto ao gênero da prática, parecendo não valorizar igualmente a assistência, porém, claramente demonstrando o interesse social.

Isso pode ser destacado, porque, praticamente todos os entrevistados citaram a questão do encontro com os amigos, da amizade e companheirismo (Franco, Pedro, Saulo, Fagner, Humberto, Rafael, Felício, Iuri, João, Laerte, Max, Rodolfo e Wilson) e, mesmo que não respondessem especificamente, era visível sua empolgação ao encontrar os companheiros de time e a animação durante as conversas.

“O significado maior é a amizade, o companheirismo, meu time conta só com pessoas que conhecemos há muito tempo, então conciliamos a amizade com o que mais gostamos que é o futebol” (Rodolfo).

“Ah é gostoso porque tá todos os amigos jogando junto, montamos um grupo unido ali, daí eu venho jogar todo final de semana” (Iuri).

Muitos que também responderam que jogar no clube significa o encontro com os amigos, e incluíram em suas respostas o “tomar uma cervejinha depois”, foram Davi, Fagner, Felício e Wilson.

“Pra mim eu tenho como a minha diversão, eu trabalho a semana inteira então é uma forma de diversão que eu tenho e de encontrar os amigos e depois sair pra tomar uma cervejinha” (Fagner).

“Pra mim só lazer, só pra descansar a cabeça e eu jogo com meus amigos de infância e depois saímos pra tomar uma cerveja” (Davi).

Alguns responderam como um dos significados a questão da saúde, de fazer exercício, de cuidar do corpo e do físico como Wilson, Rafael, Jonas e Humberto.

“O prazer de jogar futebol, é muito bom, faz bem pra minha saúde, pro meu corpo, e gosto da competição também e pela amizade, aqui é fácil de encontrar os amigos” (Humberto).

“Ah, uma primeira é a saúde né, pra fazer um exercício, e outra é a diversão, a competição” (Wilson).

“Mais é por causa do físico e porque eu gosto também, e pela diversão” (Jonas).

As respostas desses sujeitos, quando dizem que os significados de se jogar se referem à saúde, ao físico, ao fazer bem para o corpo, vão no sentido de concordar com o discurso de que praticar esporte faz bem à saúde. No entanto, ao nos responderem o complemento dessa resposta, quando falam em encontrar amigos, diversão e tomar cerveja os entrevistados, se mostravam muito mais eufóricos do que quando falavam em saúde.

Muitos dos entrevistados também falaram sobre gostar da competição, gostar de ganhar, de jogar sério, sem brincadeira. Este foi o caso de Humberto, Rafael, Lisandro, Rodolfo, Wilson, Renan e João.

“Você tá entrevistando uma pessoa meio difícil, eu não gosto de perder, eu levo mais a sério do que deveria, deveria levar menos a sério” (João).

“Na verdade eu sempre gostei muito de esporte, todos os tipos de esporte, fiz Educação Física, e como meu esporte é mais musculação eu sinto falta de uma coisa mais de grupo, né, de uma coisa que você não faz sozinho, então a gente vem buscar aqui a diversão e eu sou muito competitivo, gosto de competição, gosto de competir, e eu entrei num time que gosta de competir também que quer chegar que quer ganhar, isso tem muito característica de time, né, tem time que vem só pra jogar brincar, tem time que vem pra chegar ganhar (Lisandro).

“Eu gosto de competição, faz bem para mim competir, quando eu falo competir não é apenas participar é jogar para ganhar. Estas disputas em alguns momentos trazem satisfação pessoal. Jogar competindo é o que eu gosto, não gosto de jogar na brincadeira” (Renan).

Estes entrevistados se aproximam dos sujeitos investigados por Stigger (1997), que levam ‘a sério’ o jogar futebol. Não só jogar por prazer, mas com o objetivo da competição, com o enfoque na *performance*, buscando a vitória e ainda nos lembrando da perspectiva de Elias e Dunning (1992), dos que têm foco nos resultados, onde “[...] as formas de participação são dirigidas para os outros.” (p.317), seus adversários.

Notamos que, comumente, fala-se em competição em oposição à atividades recreativas, como se, no tempo disponível, só pudéssemos realizar jogos ou atividades cooperativas. Principalmente quando pensamos no esporte, seja recreativo ou de rendimento, a competição está envolvida e proporciona prazer para a maioria dos participantes.

Luan, Davi, Laerte, Fagner e Lisandro comentaram também como significados “descansar a cabeça”, “extravasar”, “tirar o estresse do trabalho e do estudo”, “relaxar”.

“Pra mim eu tenho como a minha diversão, eu trabalho a semana inteira, então é uma forma de diversão que eu tenho, de extravasar, e de encontrar os amigos e depois sair pra tomar uma cervejinha” (Fagner).

Quando os entrevistados falam em diversão porque trabalham a

semana inteira, ou em descansar a cabeça, podemos destacar a concepção ainda dominante da atividade do âmbito do lazer como sendo compensatória, ou seja, ser uma possibilidade de evazão à rotina e *stress* impostos pelo mundo do trabalho. Esse tipo de comentário se aproxima muito do conceito funcionalista de lazer, no entanto, essa é uma possibilidade relacionada a uma visão muito presente na atualidade. Com a rotina crescente de trabalho, que visa à produtividade, muitas pessoas precisam escolher atividades para que relaxem, descansem ou extravasem. O clube possibilita uma série de espaços e atividades no lazer, para escolha dos associados e, no caso destes sujeitos, o jogar o campeonato foi a escolha de como usar o seu tempo disponível.

Uma das falas bem diferentes entre todos os entrevistados foi a de Elias. Ele diz que se frustrou por não ter conseguido ser jogador profissional de futebol e afirma ter no clube, neste campeonato, a oportunidade de jogar de modo competitivo e poder dar o melhor de si:

“Pra mim significa esse negócio que ficou faltando eu acho de não ter conseguido ser jogador, então eu acabo usando o clube, o campeonato amador como uma forma de competição, de como posso falar, tipo pra tirar essa decepção de não ter chego num lugar mais alto no futebol, então a gente chega aqui e acaba dando o máximo, se entregando mesmo, porque é uma coisa que a gente gosta muito de fazer, faz desde que se entende por gente, então acaba que é um momento tanto de lazer como de extravasar mesmo, curar essa decepção de criança de não ter chego a ser jogador” (Elias).

A resposta anteriormente exposta mostra a escolha de participação da modalidade baseada na frustração e, com o campeonato, a possibilidade de se aproximar o máximo possível do nível profissional. Esta também é outra maneira de se vivenciar e praticar o futebol no clube.

Nossa última pergunta “Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o tema abordado?” teve como respostas “Não”.

No próximo tópico trazemos as falas dos espectadores do Campeonato Livre de Futebol Social do Cristóvão.

7.2 Os espectadores

O segundo grupo a ser analisado, dos espectadores, é referente aos participantes que, ao perguntarmos se jogam, assistem ou jogam e assistem, nos responderam que somente assistem ao campeonato no clube. Neste grupo, entrevistamos 14 mulheres e 6 homens. No quadro 2, apresentamos os entrevistados deste grupo com nomes fictícios, para que fosse mantido o sigilo dos mesmos, sua idade, há quanto tempo participam do campeonato na modalidade assistência e qual a frequência de participação no campeonato deste ano.

Quadro 2 – Características dos espectadores

NOME	IDADE	TEMPO	FREQ
Sibele	34	12 anos	todos os fins de semana
Melissa	22	1 ano	1x por mês
Monica	28	10 anos	1 a 2x por mês
Patricia	29	1 ano	aprox. 1 x por mês
Adriana	28	12 anos	1x por mês
Clara	18	1 ano	todos os fins de semana
Fernanda	23	3 anos	todos os fins de semana
Kelly	37	3 anos	1 a 2x por mês
Leandra	26	2 anos	todos os fins de semana
Laura	48	2 anos	2x por mês
Amanda	31	1 ano	1 a 2x por mês
Catarina	25	1 ano	todos os fins de semana
Cláudia	25	2 anos	2x por mês
Fabíola	27	3 anos	muito pouco, mais nas decisões
Fernando	36	4 anos	pouco, 1x por mês
Maurício	49	2 anos	todos os fins de semana
Marcos	44	2 anos	quase todos os fins de semana
Fausto	22	3 anos	raro, mais nas decisões
Danilo	35	1 mês	todos os fins de semana
Cleiton	54	10 anos	todos os fins de semana

Embora comentamos que a presença feminina seja rara, no caso desse grupo, podemos justificar um número maior de mulheres entrevistadas do que homens, pelo motivo de, ao abordarmos os que estavam assistindo aos jogos, muitos respondiam que também jogavam e, portanto, irão compor o terceiro grupo, do qual falaremos a seguir, de pessoas que jogam e assistem aos jogos.

Entre as 14 mulheres tivemos respostas muito similares ao perguntarmos sobre “Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?”. Todas as 14 entrevistadas disseram que o significado de se assistir ao futebol no clube era para apoiar a família, marido, filho, pai, namorado etc., mostrando que esses significados são uma obrigação familiar ou social e não uma opção de atividade no lazer, como podemos observar nas falas a seguir:

“Assim, eu acho legal, eles levam muito a sério, venho pra assistir, dar apoio pra família e pros amigos que jogam com eles, né”
(Monica).

“No clube eu venho mais pra prestigiá-los, pra ver o pessoal que a gente conhece, eu tenho vários amigos que vêm jogar aqui, mas especificamente eu venho pra assistir meu pai e meu marido”
(Adriana).

Somente Fernanda afirmou que, além desse apoio familiar, também gosta de futebol. Patrícia, Laura e Amanda disseram que, além de apoiar os maridos, levam seus filhos para assistir o pai jogando, ou porque o pai gosta de ser um exemplo para o filho, ou porque a criança gosta de futebol.

“Qual a frequência que você assiste aos jogos deste campeonato?”
Venho de vez em quando, meu marido joga daí às vezes trago meu filho pra assistir ao pai jogar, ele fica feliz de ver o pai jogar.
Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?

Meu marido fica feliz acho que de ser um exemplo pro nosso filho, e é gostoso porque encontro os amigos e depois daqui vamos pra piscina” (Patricia).

Notamos, assim, o papel da família com relação à educação, principalmente em um momento considerado como tempo disponível desses sujeitos. Há, aqui, a oportunidade de se ensinar, não somente a apreciação da prática do futebol, mas, principalmente, como assistência, pois, durante este campeonato, somente os adultos podem participar. Além disso, Patrícia comenta o encontro com os amigos, demonstrando, assim, também o interesse social do lazer.

Laura, uma das mulheres que, ao responder sobre os significados de se assistir aos jogos diz que é um incentivo para o filho, e mesmo quando perguntamos novamente, ela prossegue falando de trabalho e sobre o filho de novo.

“Quais os significados de se assistir aos jogos de futebol amador no clube?

Pra dar empolgação pra ele (filho), deixa ele mais animado...ele tem uma participação maior, um incentivo, e ganhar ou perder importante é estar aqui pra fazer uma atividade esportiva.

Você falou mais em relação a ele, mas o que significa para você?

Pra mim, eu sou professora de Educação Física, eu gosto bastante de esporte e eu gosto de futebol, trabalho no meio disso também, eu gosto de ver, eu aprendo muitas coisas olhando, vejo certo, vejo o errado, as dificuldades e to empenhada na área esportiva mais por causa dele (filho)” (Laura).

Nesta fala anterior, notamos mais uma vez a questão da apreciação ao futebol também como assistência ao jogo, a contemplação, Laura afirma gostar de assistir aos jogos. No entanto, ela mostra em sua fala a importância do aprendizado para o filho.

No caso dos homens, dois dos entrevistados, entre outras respostas, dizem que os significados de se assistir aos jogos de futebol no clube também são relacionados aos filhos. Cleiton tem dois filhos que jogam, por isso, vai

assisti-los e Maurício costumava levar seu filho para assistir os jogos, mas atualmente, ele já tem idade para jogar e, por isso, Maurício vai para apoiá-lo.

“Ah dá aquela vontade de jogar também, é a empolgação, o incentivo, a gente que tá olhando de fora, dando toques, maior parte é incentivar mesmo, essa convivência aqui, cada time, cada jogo, sempre é diferente, você percebe no rosto deles, por exemplo semana passada eles perderam de 6 a 0, e nem por isso eles saíram brigando, eles saíram dando risada, saíram tranquilos, hoje tão ganhando de 4, perdendo ganhando, não tem confusão, é aquela situação gostosa de assistir, você não fica tenso pensando que vai sair confusão ou uma briga porque um brincou com o outro, um bateu mais forte que o outro” (Maurício).

Tanto no caso dos homens como das mulheres que falam que os significados de se assistir aos jogos de futebol no clube estão relacionados a dar exemplo aos filhos, levá-los para ver o pai jogar entre outras respostas nesse sentido demonstram uma forma de educar. Esta forma de educação é uma transmissão cultural de pai/mãe para filhos em que se ensinam os códigos do futebol, como é o jogo, o que é jogar futebol, que pode estar relacionado também à construção do papel masculino dos filhos no meio em que se vive. Essa relação intergeracional também acontece na outra via, filhos/pais, no entanto, não nos aprofundaremos nessa questão na presente pesquisa.

O processo de humanização se dá a partir das interações com os outros sujeitos na vida social, sendo que os seres humanos, aprendem, de fato, a partir da relação com o outro e dos significados que recebem e produzem no meio em que vivem. Essas interações se iniciam de muitas maneiras na vida humana, uma delas – talvez a principal – é por meio da Educação.

No caso do clube observamos que essa educação se dá por meio da instituição da família que, de acordo com Brandão (2002), é uma das principais instituições de educação, além dela estão a comunidade e a escola. O autor explica que no mundo familiar é o acesso dos sujeitos ao processo de Educação,

é a instância em que o ser humano poderá viver momentos de socialização, estando no lar ou em um meio mais próximo a isso. Esse ambiente propiciará aos sujeitos o convívio em um mesmo círculo de cultura cotidiana, que será a base para a constituição de outros círculos mais amplos. Podemos imaginar que é na interação com a família que os sujeitos aprendem a torcer por determinado time de futebol, aquele que é o favorito do pai ou do irmão, e ser um potencial torcedor desse elemento da cultura.

Com base nas três instituições que envolvem o processo de Educação a que se refere Brandão (2002), compreendemos que a assistência aos jogos de futebol ou a contemplação a tais jogos é mediada por um processo educativo, como afirma Damo (2007):

A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais (pp. 43-44).

Assim, a assistência aos jogos de futebol, seja pela televisão, em estádios ou no clube, pode mobilizar um conjunto de significados por parte dos espectadores/torcedores, que podem ser atualizados à medida que esses sujeitos interagem com outros espectadores/torcedores, em um contínuo processo de aprendizagem acerca da assistência. Neste caso, podemos tratar da educação pelo lazer (MARCELLINO, 2007b), no sentido de considerar esta atividade do contexto do lazer, a assistência aos jogos de futebol, como potencialidade para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. As atividades do âmbito do lazer proporcionam o desenvolvimento pessoal, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade ou cumprindo objetivos, como o relaxamento e o prazer. Podem, também, contribuir para o desenvolvimento social pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, o aguçamento das sensibilidades,

o auto-aperfeiçoamento e o desenvolvimento de sentimentos de solidariedade (MARCELLINO, 2007b).

Ao considerarmos as variáveis tempo e espaço, podemos dizer que a educação pelo lazer faz parte da educação não-formal. Segundo Gadotti (2005), a educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Por outro lado, a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática, não precisando seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão” e pode ter duração variável.

A educação não-formal utiliza principalmente jogos e atividades lúdicas. No interior destes processos educativos, Schwartz (1998) comenta que as reflexões sobre a utilização do jogo ou de atividades lúdicas têm evidenciado o surgimento de uma pedagogia pelo jogo ou do jogo, de sua utilização educativa e dos meios para seu emprego eficaz, tendo conservadas suas características essenciais, como o caráter lúdico e a participação voluntária.

Fernando, Marcos, Fausto e Danilo dizem que o significado de se assistir aos jogos de futebol no clube seria para encontrar os amigos e por amarem o futebol. Isso demonstra o interesse no conteúdo físicoesportivo do lazer, mas também, o interesse social do lazer e o clube como possibilidade de encontro, de sociabilidade, mesmo para os que não participam jogando.

“Pra mim é um lazer, venho ver meus amigos, mas eu gosto muito de futebol também” (Danilo).

“Venho pelos amigos, e porque eu adoro futebol em qualquer lugar e de qualquer tipo” (Fernando).

Ainda podemos destacar a resposta de um dos entrevistados, Marcos, que diz que os significados de se assistir aos jogos no clube são para “*distrair a cabeça, relaxar*”. Essa fala demonstra em uma primeira análise, a visão

funcionalista de lazer, mas, como já discutido no tópico anterior, na atual sociedade, o clube pode ser uma possibilidade de escolha para que se vivencie as atividades do contexto do lazer de forma crítica e/ou criativa e não somente conformista ou como recuperação do trabalho.

No próximo tópico, trazemos as falas dos entrevistados que afirmaram jogar e assistir aos jogos do Campeonato Livre de Futebol Social do Cristóvão.

7.3 Os jogadores/espectadores

O terceiro e último grupo é relativo aos participantes que responderam que jogam e também assistem às partidas de futebol do Campeonato Livre de Futebol Social do Cristóvão. Neste grupo, entrevistamos 20 homens e, assim como nos grupos anteriores, substituímos seus nomes verdadeiros por fictícios para manter o sigilo. No quadro 3, apresentamos os sujeitos do grupo jogadores/espectadores, sua idade, tempo que participam do campeonato e a frequência que jogam e que assistem aos jogos de futebol no clube.

Quadro 3 – Características dos jogadores/espectadores

NOME	IDADE	TEMPO	FREQ JOGAR	FREQ ASSISTIR
Amauri	36	5 anos	Toda rodada	Toda rodada
Denis	28	3 anos	Toda rodada	Toda rodada
Felipe	27	5 anos	Toda rodada	Alguns fins de semana
Lucas	32	5 anos	Toda rodada	Toda rodada
Mauro	32	1 ano	Toda rodada	Toda rodada
Paulo	36	6 anos	Toda rodada	1 a 2x por mês
Thiago	34	10 anos	Toda rodada	Toda rodada
Walter	38	13 anos	Toda rodada	Toda rodada
Alan	32	1 ano	Toda rodada	Toda rodada
Diogo	29	1 ano	Toda rodada	Toda rodada
Fabiano	21	5 anos	Toda rodada	Toda rodada
Fúlvio	23	3 anos	Toda rodada	Toda rodada

Gustavo	26	9 anos	Toda rodada	Toda rodada
Lorenzo	24	1 ano	Toda rodada	Toda rodada
Luiz	24	1 ano	Toda rodada	Toda rodada
Leonel	42	20 anos	Toda rodada	Toda rodada
Roberto	37	7 anos	Toda rodada	1 a 2x por mês
Túlio	27	10 anos	Toda rodada	Toda rodada
Teo	48	20 anos	Toda rodada	alguns jogos
Wallace	32	9 anos	Toda rodada	Toda rodada

Com exceção de Felipe, Paulo, Roberto e Téo, os quais disseram não ficar para assistir aos jogos toda rodada, os outros sujeitos respondem estarem presentes todos os fins de semana, para, além de jogar, também assistirem às partidas. Os participantes que jogam estão presentes em toda rodada, ou seja, um dia por fim de semana (sábado ou domingo), pelo menos. A maioria fica para assistir os jogos no dia em que acontece o jogo de sua equipe, mas dois entrevistados, Diogo e Gustavo, disseram vir em outros dias além dos do seu jogo (por exemplo, jogam sábado e vão no domingo assistir).

Ao perguntarmos se jogam, assistem, ou jogam e assistem, dois entrevistados deste grupo, Walter e Leonel, ficam para assistir aos jogos, com a finalidade de encontrar os amigos ou para prestigiá-los.

“Eu jogo toda rodada, e assisto toda rodada praticamente também porque sempre chego um pouco antes do meu jogo ou fico um pouco depois pra prestigiar os amigos, tenho muitos amigos aqui, já joguei em vários times” (Walter).

“Eu fico às vezes, eu tô assistindo agora porque meu jogo é depois desse, mas bom mesmo é depois de jogar ir tomar cerveja lá no pagode, mas depois do meu jogo tem mais uma rodada daí a gente fica tomando uma aqui e depois desce lá no pagode” (Leonel).

No caso desse grupo, também podemos verificar o interesse social do lazer. Eles afirmam gostar de assistir aos jogos dos amigos, acham melhor poder estar juntos com os mesmos para tomar uma cerveja e confraternizar.

Outros entrevistados como Felipe e Fúlvio justificam que assistem aos jogos quando eles consideram que aquele jogo será bom, argumentando que “bom” é um jogo de melhor nível técnico. Estes demonstram apreciar a contemplação do jogo no clube escolhendo jogos que consideram de melhor desempenho ou maior nível técnico. A questão aqui é que devemos valorizar a possibilidade de escolha de qual jogo assistir e de apreciar os jogos do campeonato investigado. Podemos apreciar os jogos de futebol do alto rendimento, mas podemos fazer o mesmo com os jogos amadores no clube.

“Venho todo fim de semana, raramente falto, e fico pra assistir quando tem algum jogo bom.

O que é jogo bom pra você?

Ah, normalmente jogos da primeira divisão, jogo de time que tem jogador bom, e também jogos mais finais do campeonato.

E porque você gosta de assistir especificamente aos jogos da primeira divisão?

Ah, a técnica, o nível do jogo é muito melhor do que nas outras divisões que o pessoal é que nem eu, vem pra brincar, tudo perna de pau” (Felipe).

“Porque você gosta de assistir especificamente aos jogos da primeira divisão?

Ah, técnica, né, o jogo é bem melhor, pelo nível” (Fúlvio).

Interessante notarmos, na fala de Felipe, que ele considera os jogos da primeira divisão de melhor nível técnico, enquanto ironiza sua forma de jogar e dos seus companheiros, dizendo que vem para brincar e que são “*tudo perna de pau*”. Isso mostra, também, que não existe uma única forma correta de se jogar futebol. Alguns jogos têm técnicas mais aprimoradas, mas isso não quer dizer que todos tenham que jogar desta maneira porque são diferentes.

Na pergunta “Quais os significados de se assistir e jogar futebol amador no clube?” obtivemos diferentes respostas. Amauri, Denis, Felipe, Alan, Mauro, Thiago, Luiz, Túlio, Diogo, Fabiano, Gustavo e Leonel disseram amar jogar futebol, adorar o jogo.

“É meu lazer, eu amo futebol não consigo ficar sem jogar” (Felipe).

“Ah, o gosto mesmo, né, tanto por jogar como por assistir futebol, eu adoro” (Alan).

Outros como Fúlvio, Lucas, Paulo e Téo, dizem que os significados são para eles lazer e diversão. Eles falam isso sorrindo, indicando que o jogar é uma brincadeira. Já Roberto afirma que o significado é a diversão mas ele explica como se dá isso para ele.

“É uma diversão, mas na minha opinião uma diversão um pouco séria, porque se fosse só pra brincar eu brincaria numa chácara, mas o espírito do nosso time é sempre ficar campeão, joga pra ficar campeão, porque se fosse só pra brincar eu não jogaria” (Roberto).

Sobre esta resposta notamos que os entrevistados se apropriam do conceito de lazer de forma diferente do conceito acadêmico. Eles associam o lazer somente à diversão ou ao prazer, no entanto, nem tudo que é próprio do lazer é necessariamente prazeroso.

Enquanto para alguns a diversão é no sentido do prazer, da brincadeira, para outros, ela tem o mesmo sentido que do grupo Ararigbóia que Stigger (1997) destaca em sua pesquisa em Porto Alegre, que não jogam só pelo prazer, mas que não se limitam a atuar só por um prazer imediato, de curta duração. É o jogo levado mais a sério, visando ao rendimento e ao resultado, a busca pela vitória.

O encontro com os amigos, as conversas, a festa e a confraternização também foram alguns dos significados citados pelos sujeitos desse grupo. Amauri, Lorenzo, Túlio, Téo, Fabiano, Luiz e Leonel respondem nesse sentido. Walter (fala citada anteriormente) diz que o significado para ele é de prestigiar os amigos, enquanto Mauro fala da confraternização e da possibilidade do futebol unir as pessoas.

“Eu amo futebol, e eu mudei no começo do ano pra Piracicaba então procurava algum esporte pra fazer, e futebol é o melhor, né, então assim que fiquei sócio do clube já fui procurar um time pra jogar e daí to começando a fazer novos amigos aqui na cidade, é bem legal, o futebol une as pessoas, é festa, confraternização” (Mauro).

O entrevistado citado comenta amar o futebol, ele vê no futebol uma possibilidade de união de pessoas, de festa e confraternização, quando diz que o “futebol une as pessoas” e que por causa do futebol ele está conhecendo novas pessoas, o que indica que ele identifica o papel social do jogo e vê o clube como oportunidade para a sociabilidade.

Uma das respostas que também foi frequente, citada por Denis, Amauri, Lucas, Walter, e Túlio, foi que o campeonato é um espaço para “desestressar”, “relaxar”, aliviar.

“Pra mim é diversão, é esquecer dos problemas, do stress da semana, pra desestressar mesmo, porque a gente compete, dá o sangue daí é gostoso. E tem também os amigos, é legal encontrar e depois daqui tem o samba lá embaixo, por o papo em dia” (Lucas).

“Eu gosto muito, porque eu gosto muito de futebol, né, meu, pra mim o futebol é o primeiro esporte a ser praticado, então a sensação é um alívio, e um desestresse do dia a dia, da semana corrida de trabalho, então pra mim é um lazer, uma forma de lazer” (Túlio).

Assim como nos outros grupos, esta resposta quanto aos significados serem relacionados ao relaxar e desestressar se aproximam da visão funcionalista de lazer, em que se escolhe uma atividade ou vivência no lazer para compensar a semana de trabalho, assim se recuperar para o retorno a este. Mas, podemos notar que, mesmo os que dizem isso, sempre incluem os significados ligados à sociabilidade ou ao interesse social do lazer. Isso demonstra que, além da visão funcionalista, os sujeitos compreendem que o clube proporciona um espaço de escolha para o encontro e as relações pessoais e o campeonato estudado pode ser uma das escolhas no lazer destes sujeitos, não de forma

conformista, mas consciente, crítica, por construírem valores que priorizam a amizade, o estar com o outro, a sociabilidade.

Denis e Leonel comentam que para eles um dos significados de se participar do campeonato de futebol amador no clube é a saúde e o corpo.

“Venho porque gosto de praticar esportes, pra saúde mesmo, porque não curto musculação” (Denis).

“Jogar é gostoso pelo corpo, já tá no sangue da gente” (Leonel).

Denis escolhe o futebol como prática por afinidade, pensando na saúde e afirmando não gostar de musculação. Isso identifica uma proximidade com o discurso do senso comum que diz que praticar esportes faz bem à saúde, mas esse discurso não leva em consideração as condições, a frequência, então ele prefere escolher um ‘esporte’ que goste, que tenha afinidade. Já Leonel, ao falar que *“jogar é gostoso pelo corpo”* e que *“está no sangue”*, batia no braço como querendo dizer que o futebol está em suas veias. Isso demonstra a escolha do entrevistado pela vivência do futebol.

Um dos entrevistados, Wallace, nos traz uma explicação um pouco diferente em relação à maioria sobre os significados de se assistir e jogar futebol amador no clube. Embora nossa pergunta seja especificamente sobre o jogo no clube, ele começa sua fala insinuando que no futebol profissional há o que se costuma chamar de manipulação de resultados, enquanto o futebol amador “é mais realista”. Wallace ainda comenta sobre sua insatisfação com relação à primeira divisão do campeonato, à qual pertencia.

“Ah, eu acho que o futebol amador é mais realista né, não tem como manipular que nem a gente vê nos jogos da televisão, que de repente um time é franco favorito e vai perder pro lanterna, isso só acontece no futebol brasileiro, no futebol europeu se o líder pega o lanterna ele faz 5 ou 6 gols e aqui é diferente, aqui eu acho que é bem manipulado.

Isso você se refere ao profissional, mas você acha que aqui isso também acontece?

Eu jogava num time que era de primeira (divisão), no SR Infartados, parei porque tinha um pessoal do meu time que recebia pra jogar, ganhava título (do clube) pra jogar e não vinha em todos os jogos. Eu vinha em todos os jogos e não recebia nada, mas eu vinha pelo prazer de jogar.

Hoje eu jogo a sexta divisão, que não é tão brigado, a primeira divisão tem muita briga, e pra mim vir aqui e me machucar e segunda feira ter que trabalhar é complicado, eu prefiro vir pra brincar do que pra competir se der pra ganhar óbvio que a gente vem pra ganhar mas se não der a gente pára, vai no bar tomar cerveja com os amigos e acabou” (Wallace).

Este sujeito acredita que, no futebol amador não há manipulação, mas se sente insatisfeito com relação ao pagamento a alguns jogadores. Quando ele comenta que participa do campeonato pelo prazer de jogar ressalta sua valorização do jogo como atividade no lazer. Outro ponto de destaque é a questão do seu medo de se machucar jogando, então, optou por uma divisão que ele acha menos “brigada”, prefere jogar sem tanta competitividade para estar apto para o trabalho na segunda feira. Isso demonstra que a relação entre lazer e trabalho não se dá de maneira oposta, porque, se ele se machucar no tempo disponível, não poderá trabalhar, assim, o lazer e trabalho se relacionam, um influenciando o outro.

Wallace também gosta da competitividade entre amigos. Isso fica claro, quando perguntamos novamente a ele sobre o que significa jogar o campeonato amador no clube:

“Eu venho pela diversão, pelo esporte, é bom praticar um esporte e é bom você ter um ambiente diferente pra jogar, eu jogo também de terça-feira, ali é só amigo e a competição é diferente.

É maior ou menor que aqui?

Menor, porque ali é só amigo, ali se um time tá ganhando de 5 a 0, a gente troca 2 ou 3 pra ficar equilibrado, daí joga só pra brincar, aqui não, aqui é mais gostoso porque aqui é competição, você não pode dar mole, você vem com outro espírito jogar um campeonato do que você vai jogar uma pelada” (Wallace).

Ainda sobre a competitividade e a rivalidade, outros sujeitos, como Denis, Gustavo, Lorenzo e Walter, nos responderam como sendo alguns dos significados atribuídos ao futebol amador no clube.

“Eu adoro futebol e toda a coisa de competir” (Denis).

“Jogar é gostoso, é a emoção, bom estar com os amigos, a rivalidade, o desafio” (Gustavo).

Assim como no grupo dos que somente jogam o campeonato, os sujeitos que jogam e assistem também gostam da competição e da rivalidade, nos lembrando do grupo enfatizado por Stigger (1997), que gosta de jogar ‘sério’, que tem o foco não somente no prazer em se jogar, mas valorizam o competir. No entanto, ao mesmo tempo que há este apreço pela competitividade, há também o desejo e apreço de se estar entre os amigos. Aqui temos um exemplo de que, no campeonato do clube estudado, nem sempre há uma definição clara ou precisa dos significados que os participantes têm sobre os jogos, muitos estão lá tanto pela competitividade como pelo encontro com os amigos e a sociabilidade, o jogo ‘sério’ e, ao mesmo tempo, ‘por prazer’.

Mais especificamente sobre a assistência, Paulo, Thiago e Gustavo comentam que ficam no clube para assistir aos jogos por causa dos amigos.

“Eu assisto pra ver os meus amigos e depois falar mal dos caras que jogam muito mal (risos). Mas depois a gente sai pra tomar umas e daí só risada” (Thiago).

“Costumo ficar pra assistir aos jogos de alguns amigos, principalmente pra cornetar” (Paulo).

“É pra dar risada, ver gente fazendo gol bonito, fazendo cagada, é gostoso de assistir, e tem diferença jogar e assistir, quando você assiste de fora parece mais fácil, já dentro do campo a coisa é mais pegada” (Gustavo).

Assistir para “depois falar mal dos caras que jogam muito mal”, “cornetar” e “ver gente fazendo cagada e dar risada”, são falas que mostram que

o futebol promove as relações jocosas no clube também, assim como citado por Gastaldo (2006), como acontece nos bares. Thiago ainda enfatiza que sai depois com estes amigos para dar risadas, ressaltando que essas relações jocosas têm um tom bem humorado e aceito pelos envolvidos. Essa ironia por parte dos sujeitos com relação à forma de jogar também demonstra que, não há somente uma maneira de jogar futebol, e que jogar “mal” também é uma forma de se praticar o futebol, sendo mais uma possibilidade nas atividades do contexto do lazer.

Ao perguntarmos se gostariam de dizer mais alguma coisa, dois dos entrevistados quiseram, e ambos em tom de desabafo e crítica com relação à diretoria do clube e à dinâmica de organização do campeonato.

“Acho que cada vez mais vai diminuir os sócios e as equipes pro próximo ano no campeonato porque chegaram os boletos dia 31/10 e o plano familiar está 300 reais, pouca gente pode pagar isso e o clube não oferece nada demais, eu, por exemplo, só pago por causa do futebol, depois de meses hoje minha esposa e filha estão vindo no clube na piscina, a academia tem horário fixo, é lotada e com aparelhos velhos, aqui se ameaça chuveirar já cancelam a rodada, um absurdo que cancelaram a rodada por causa da eleição!” (Gustavo).

“A gente chega num tipo de idade, tentando acompanhar pra ver se essa molecada prestigia mais o futebol do clube que tá caindo. Há anos atrás isso aqui tava lotado, agora caiu muito, acho que umas 2.500 pessoas que participavam não estão mais no clube. [...] tem muita molecada que tá começando hoje nervosinho, estourado, [...] a molecada agora só quer saber de diversão, de bagunça, se eles jogam e ganham eles ficam contentes, de repente se jogam e perdem nem ligam vão embora, não participa de um extra campo e de nada do clube, aí o Cristóvão perdeu muito com isso” (Téo).

Téo comenta, em suas observações, que nota ser cada vez mais são mais frequentes os grupos/sujeitos que vão ao clube somente para jogar e não ficam para se assistir aos outros jogos, demonstrando assim que alguns não se importam, de certa forma, com as questões da sociabilidade, algo significativo para ele. Nesta fala, Téo evidencia que, participar do campeonato no clube vai

além da prática, do jogo em si. Ele valoriza a apreciação do jogo por meio da assistência e critica os que não valorizam esse tipo de vivência.

O entrevistado Gustavo, se queixa das poucas ofertas em atividades no lazer que o clube oferece para ele e diz que paga a mensalidade por causa do futebol, mesmo fazendo uma reclamação quanto ao valor que considera alto. Ainda comenta sua insatisfação com os cancelamentos de rodada. Isso mostra sua frustração em se investir tempo e dinheiro indo ao clube e, por força maior, o evento ser cancelado, impossibilitando sua vivência.

Além da insatisfação de Gustavo sobre a posição da diretoria em relação aos preços cobrados no clube, Paulo reclama da posição da organização do campeonato em relação às brigas e condutas punitivas. Em um dos dias de jogo, ao chegarmos próximas de um alambrado para observar uma partida, começou uma briga, mas como tudo aconteceu no meio do campo não conseguimos ver exatamente o que era. Quando as coisas se acalmaram um pouco, o jogador que tinha sido expulso por causa da briga, sai de campo, senta em um banco ao nosso lado e começa a conversar com uma amiga que estava vendo o jogo. Aproveitando a oportunidade perguntamos o que havia acontecido. O seu time era Pistão Travado e ele contava sobre a briga:

“O juiz deu o amarelo pro Dani, e na primeira saída de bola eu abaixei pra pegar a bola e cobrar o lateral e o técnico deles me deu um soco e um tapa na cara, daí não aguentei, fui pra cima dele, velho folgado. O pior é que os seguranças do clube não fizeram nada, eu fui falar pro responsável pra fazer a reclamação formal pra expulsar esse cara do clube e ele nem deu bola pra mim, foi como se nada tivesse acontecido ou se a culpa fosse minha” (Retirado do Diário de Campo – 12/10/2014).

Estas duas cenas demonstram diferentes tipos de violência. Tanto a briga em si, bem como as questões do aumento de preço da mensalidade e o descaso da diretoria são considerados diferentes tipos de violência (PALHARES,

2015). Para o autor, a violência vai além de questões físicas ou verbais. A violência física é chamada de direta enquanto o descaso dos dirigentes e o aumento dos preços é a violência estrutural.

[...] a violência direta se faz mais notável por ser observável e por sua facilidade de ser verbalmente expressa. A vítima deste tipo de violência percebe sua ação e reclama da mesma, fato que, geralmente, não ocorre com a violência estrutural. Neste tipo de violência, a vítima é persuadida a não perceber a ação deste tipo de violência, encarando esta situação violenta como normal, natural (e, conseqüentemente, não violenta) (PALHARES, 2015, p. 230).

Para todos os grupos, perguntamos se gostariam de dizer mais alguma coisa sobre o tema ou sobre o campeonato e, com exceção dos casos citados anteriormente neste grupo, de Téo e Gustavo, nenhuma pessoa quis acrescentar nada mais. No entanto, percebemos vários comentários negativos em relação aos diferentes tipos de violência citados, na página do *Facebook*[®], porém, não entramos em contato com esses sujeitos, embora sejam participantes do campeonato.

Estas foram as falas dos três grupos entrevistados na pesquisa. No próximo capítulo apresentaremos as considerações finais da pesquisa sobre os resultados obtidos, tanto nas entrevistas, como nas observações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é, sem dúvida, um elemento da cultura e na atualidade tem sido a principal referência quando tratamos de práticas corporais. No Brasil esse jogo tem destaque por ser discutido, praticado, assistido e tematizado o tempo todo. O futebol pode ser vivenciado de diferentes maneiras, como esporte de rendimento e atividade do contexto do lazer. A maioria dos estudos sobre lazer enfoca a vivência do futebol no sentido da prática, muitas vezes desconsiderando a assistência e o conhecimento. Neste trabalho destacamos as possibilidades de vivência do futebol em dois gêneros, a prática e a assistência.

Nossa pesquisa de campo se deu dentro de um clube sociorrecreativo situado na cidade de Piracicaba/SP, observando especificamente o Campeonato Livre de Futebol Social. Os clubes têm se mostrado como uma das opções de espaços/equipamentos de lazer com uma grande diversidade de materiais e espaços para a vivências representativas dos diferentes conteúdos culturais do lazer, incluindo o físicoesportivo e o social. No caso do clube Cristóvão, são piscinas, quadras, campos de futebol, bocha, academia entre outros espaços, que ficam à disposição dos sócios para sua escolha de vivência das atividades do âmbito do lazer. No entanto, notamos que o Campeonato Livre de Futebol Social é o evento com maior participação de sócios.

Nosso principal objetivo foi analisar a dinâmica cultural deste campeonato realizado no clube. Este tipo de análise enfoca o comportamento, porque é a partir da ação social que as formas culturais se articulam. O significado “aparece” no uso do padrão de vida decorrente. Utilizamos, desta forma, a interpretação antropológica, para que tivéssemos condições de construir

uma leitura do que acontece neste campeonato e descobrir o que significa a “trama” que envolve os sujeitos pesquisados.

Em nossas observações durante o campeonato procuramos descobrir as estruturas conceituais nos atos dos nossos sujeitos, e assim, pudemos construir um sistema de análise: o que é genérico a essas estruturas?; O que pertence a elas?; Como se destacam de outros comportamentos humanos? Para isso, separamos as observações e sua análise em categorias, com base nas estruturas de significados, como por exemplo, o beber e o fumar, os xingamentos e a falação, as brincadeiras e as ironias e assim por diante.

Nas observações, pudemos notar semelhanças e diferenças do futebol amador ou recreativo vivenciado no clube, com o futebol praticado de forma profissional. Algumas similaridades com o alto rendimento são: a forma como são confeccionados os uniformes, as regras, as formas de punição e a arbitragem, o aquecimento dos jogadores bem como seus gritos e rituais. Por outro lado, notamos muitas diferenças em relação ao futebol profissional como: os nomes dos times os quais os sujeitos ironizam eles mesmos, as piadas, as brincadeiras e conversas, o uso (abertamente) de álcool e cigarro por parte dos jogadores e da assistência, mostrando que o futebol praticado no clube é uma invenção daqueles sujeitos que prezam pela sociabilidade e pelas diferentes possibilidades de vivência do lazer, com destaque para o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social.

Não colocamos aqui o futebol de alto rendimento em oposição ao esporte amador. São formas diferentes de se vivenciar o futebol, no entanto, ser amador não significa que não há rendimento envolvido. Destacamos nesta

pesquisa características observados no grupo pesquisado e as relacionamos como similares ou diferentes do futebol de alto rendimento.

De acordo com a interpretação antropológica, especialmente o que nos diz Geertz (2011), da tentativa de salvar o “dito” num discurso capaz de fixá-lo em formas pesquisáveis, realizamos as entrevistas de três grupos de participantes do campeonato. Com relação às entrevistas, notamos que os três grupos entrevistados: os que somente jogam o campeonato (jogadores), os que somente assistem aos jogos (espectadores) e os que jogam e assistem (jogadores/espectadores), nos deram diferentes respostas quanto aos significados de sua participação nos jogos.

O grupo dos que somente jogam destacou nas entrevistas as possibilidades de diversão, o prazer em se jogar bola, o encontro com os amigos, algumas questões de saúde, o gosto pela vitória, o prazer em competir. Já os que somente assistem aos jogos, responderam que os significados têm relação ao amor ao futebol, ao encontro com os amigos e à possibilidade de descanso e divertimento (no caso dos homens entrevistados) e ao apoio aos maridos e oportunidades de educação relacionada ao esporte e valores (no caso das mulheres entrevistadas). O grupo que além de jogar também assiste aos jogos destacou em sua fala a possibilidade do encontro com os amigos, a oportunidade de assistirem jogos de boa *performance* técnica, o amor ao futebol, o descanso e divertimento, e, também, como um momento para se ironizar e brincar com os amigos. Apenas poucos deste grupo fizeram críticas ao campeonato com relação à violência, aumento de preços de mensalidade e descaso da diretoria do clube com relação ao campeonato.

Assim, um dos pontos que observamos em comum nos três grupos foram os significados relacionados ao encontro com amigos, à oportunidade de beber juntos, confraternizar, festejar. Isso nos mostra o fator em comum relacionado à sociabilidade. O clube, desta forma, proporciona uma oportunidade não só da vivência do conteúdo físicoesportivo do lazer, mas também, do conteúdo ou interesse social.

Outro ponto de destaque em comum nos três grupos foram as respostas relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas. Isso nos indica uma questão moral envolvida nesse ambiente do clube. Muitos usam este espaço das atividades do âmbito do lazer para o consumo de álcool por ser uma forma aceita moralmente e socialmente. Uma coisa é ir diretamente para um bar e beber, outra é ir para um clube, praticar um esporte, encontrar os amigos e então beber. Moralmente essa situação se mostra mais ser aceita pela sociedade, enquanto a pessoa que vai para o bar pode sofrer certo desprestígio social ou mesmo ser alvo de preconceito.

Mais um ponto em comum aos três grupos foi a questão dos significados relacionados à desestressar, relaxar, aliviar, distrair a cabeça. Esse ponto denota a visão funcionalista, que considera o lazer como uma oportunidade para se recuperar e, assim, se preparar para o trabalho. No entanto, além da vivência no lazer de forma funcionalista, o clube proporciona outras possibilidades. A competição e o desejo da vitória foram pontos citados pelos jogadores ou jogadores espectadores. A diversão também foi um ponto citado comum a todos os grupos.

O clube mostra ser um espaço importante para o exercício de estados subjetivos, estados de humor e emoções, tanto pela necessidade de

gerenciamento emocional em determinadas circunstâncias, utilizando, inclusive o lúdico como um escudo para isto, quanto para a expressão emocional real (raiva, ansiedade, etc.), quando o foco recai no estímulo da vitória ou da derrota. São emoções presentes na vida cotidiana, como na situação de trabalho e nas relações familiares. O lúdico por estar associado ao prazer, ao jogo, ao 'não-sério' permite a transgressão, como o xingar, o gritar, o beber, o fumar, etc.

Com relação a um dos nossos problemas de pesquisa, a prática como "ativa", em detrimento da assistência como "passiva", notamos no grupo de jogadores, que muitos deles, em suas falas, enfatizam que estão no clube somente para jogar, desconsiderando o gênero da assistência, entretanto, não desconsideram o interesse social do lazer, pois falam que depois dos jogos gostam de encontrar os amigos e tomar uma cerveja juntos.

No grupo dos espectadores, um ponto diferente foi, além da presença das mulheres, seus comentários sobre os significados de se assistir aos jogos. A maioria delas não fala das atividades do âmbito do lazer como opção, apenas uma entrevistada cita a questão da sociabilidade. As entrevistas indicam obrigação familiar e social, ao dizerem que vão para assistir aos maridos, filhos e amigos jogarem. É interessante notarmos nesta pesquisa a forma como as mulheres aparecem. Não há a opção delas jogarem, não há um campeonato de futebol feminino neste clube. Elas apenas têm a opção de assistirem ou não aos jogos. Essa posição reforça algumas questões do futebol com relação à forte presença masculina em contraponto com a feminina, mostrando assim que no clube estudado a prática do futebol é só para os homens.

Outro ponto foram as falas de alguns sujeitos (homens e mulheres) que demonstraram assistir aos jogos para ensinar aos filhos a apreciação do futebol,

no sentido da educação, de uma transmissão cultural, uma possibilidade de se ensinar como é o jogo de futebol, como são as relações com as pessoas e quais os códigos do futebol. Essas falas enfatizam uma possibilidade da educação pelo lazer, uma vez que o futebol seria o fator que desencadearia discussões sobre valores éticos, regras, etc. Sobre os códigos do futebol, por exemplo, as respostas levam a uma reflexão sobre a construção dos papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira, assim como de problemas sociais - a homofobia.

O terceiro grupo, dos jogadores e também espectadores teve dois pontos citados somente por sujeitos desse grupo. Um deles é com relação à escolha em se assistir jogos de melhor nível técnico, o que mostra uma preocupação com a estética do jogo e a possibilidade da apreciação do esporte. Ainda, este grupo diz que, por meio da assistência aos jogos dos amigos, podem “zuar” os que jogam mal, falar mal deles e dar risada disso, ressaltando as relações jocosas recheadas de bom humor e aceitas como códigos do futebol no clube. Mais uma vez, o lúdico aparece como um elemento para suavizar a agressividade, na gozação existe a necessidade de mexer com o outro, de apontar falhas, mas, de modo velado ou mesmo permitido. Esse tipo de ‘brincadeira’ talvez não pudesse acontecer em outros momentos da vida cotidiana. Do mesmo modo que xingam dando risada, como forma de brincadeira, eles também xingam de verdade. Há aí uma duplicidade de gerenciamento emocional para não ofender os amigos, utilizando a forma lúdica de gozação, que é apontar as falhas dos outros de forma suavizada.

Os significados atribuídos à participação no campeonato, jogando e/ou assistindo, são baseados no divertimento e no descanso, mas não podemos

desconsiderar o desenvolvimento pessoal e social, que, embora muitos não tenham consciência de que aconteça, notamos estar presente quando ressignificam valores, brincam com o modo de jogar, ensinam os filhos sobre o jogo. A sociabilidade, as redes de contato, as trocas de experiências, a vivência do lúdico, mostram que há, sim, possibilidades de desenvolvimento. Esta dinâmica também demonstra como é possível uma educação pelo lazer, com oportunidades de auto-aperfeiçoamento, demonstrações de solidariedade, o contato e a percepção com a realidade entre outros fatores.

Ao analisarmos as observações e interpretarmos as falas dos sujeitos participantes do campeonato, pudemos fazer diversas aproximações com a literatura, especialmente com pesquisas de autores que investigaram o futebol, seja ele de forma amadora como prática ou assistência. No entanto, ao fazermos essas referências à literatura, notamos características que são próprias do grupo pesquisado. Isso nos mostra que, por mais proximidades e semelhanças que possamos estabelecer ao estudarmos o tema futebol, os significados desta vivência se diferenciam de acordo com o grupo e as relações estabelecidas. Enquanto no futebol profissional podemos tecer um modelo, tanto de jogo como de relações, no futebol amador, essas relações são construídas conforme vivenciadas pelos sujeitos no seu tempo disponível.

O jogo no clube mostra ser uma construção cultural. Os jogadores, espectadores e jogadores/espectadores reiventam uma nova maneira de participar, que tem componentes 'sérios', especialmente com relação à competitividade, semelhantes ao jogo profissional com suas regras e normas, porém, eles riem de si mesmos, se auto ironizam, ironizam os amigos, há, sem

dúvida, a presença do lúdico, e a vivência dos diferentes gêneros (prática e assistência) do lazer.

Notamos, assim, que o tempo todo, durante o campeonato, existe o tensionamento dos modelos do jogo profissional com o jogo recreativo, entre o sério e o lúdico, entre a cooperação e a competição, o prazer e a *performance*. Os sujeitos participantes do campeonato de futebol no clube em alguns momentos se orientam pelos valores do esporte de alto rendimento, que são os mesmos valores que predominam na sociedade atual, no entanto, tais sujeitos tensionam esses valores, à medida que priorizam a sociabilidade, o jogar junto com o outro – amigos ou parentes, fazer parte de um time que ironiza o futebol profissional pela própria denominação que possui. Vemos aí o processo cultural, dinâmico, construído cotidianamente.

Como esta tensão está sempre presente, não podemos considerar o espaço do clube somente como possibilidade de prática de esporte de rendimento e dizer que o futebol praticado neste espaço é igual ao dos profissionais. Por outro lado, também não podemos afirmar que o espaço do clube seja exclusivamente cooperativo, espaço para brincadeiras, onde o jogo competitivo não existe. A forma como este campeonato é organizado e gerido, e como as pessoas participam nele, mas, principalmente, qual o significado que atribuem ao campeonato são os fatores essenciais para desvendarmos uma dinâmica cultural própria do grupo investigado.

Desta forma, esta pesquisa pode contribuir para os campos do Lazer e da Educação Física, demonstrando que as instituições como o clube são espaços privilegiados para o desenvolvimento de ações pedagógicas da educação para o lazer e, especialmente, uma educação pelo lazer. Novos estudos podem ser

realizados tendo como base o campeonato estudado, evidenciando como podem atuar os profissionais de Educação Física e do Lazer neste espaço específico, ou seja, como essas ações podem realmente ser desenvolvidas.

A educação para e pelo lazer pode ensinar valores éticos. Algumas atividades de lazer podem contribuir para o ensino deste tipo de valor, como no caso da pesquisa em questão, as regras do jogo de futebol no clube podem significar uma maneira de se ensinar a regra social, ensinando o respeito, a tolerância das diferenças, os contrapontos entre a competitividade e a cooperação, a solidariedade, honestidade, entre outros.

Este trabalho propõe, desta maneira, que os clubes desenvolvam uma programação de atividades do contexto de lazer fundamentada na educação para e pelo lazer, levando-se em consideração todos os conteúdos culturais do lazer, seus diferentes gêneros (prática, conhecimento e assistência) para que alcancem os níveis crítico-criativo.

A análise cultural apontou que as questões da sociabilidade são significativas para estes sujeitos e o clube com suas atividades pode propiciar a seus associados a vivência de valores que não são os predominantes na sociedade – o companheirismo, a solidariedade, o coletivo, a responsabilidade e o respeito pelo outro e pelas diferenças sociais. Os estudos antropológicos foram fundamentais para desvendarmos essa dinâmica cultural e educativa. O levantamento realizado sobre o conceito de cultura nos proporcionou entender que a cultura é aprendida socialmente e não uma herança biológica, além do ser humano ser produtor e reproduzidor de cultura. A Antropologia Interpretativa de Geertz (2011) nos ajudou a compreender e interpretar os significados que os participantes atribuem ao campeonato de futebol amador no clube. Olhando para

este grupo, especificamente, descobrimos diferentes modos de agir, de pensar e de viver, que podem nos proporcionar novas formas de ver o mundo e respeitar as diferenças.

Concluimos que as atividades do contexto do lazer no clube, como o campeonato estudado, proporcionam às pessoas a construção de valores que tensionam o modelo de futebol profissional, assim como outros valores que predominam na sociedade atual. Assim, ocorre no clube um processo cultural e de educação pelo e para o lazer.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARRETO, S. L. C. Associativismo no Brasil. **Boletim de Intercâmbio**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 30, p. 44-53, 1987.
- BEATTIE, J. **Introdução à Antropologia Social**: objetivos, métodos e realizações da antropologia social. São Paulo: Editora Nacional, USP, 1971.
- BOBBIO, N. et al. **Dicionário de política**. Brasília: EdUnB, 1986.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BRUHNS, H. T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papyrus, 1993.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- BRAMANTE, A. C. Realinhamento dos fatores críticos de sucesso na gestão de clubes social-recreativos baseado no conhecimento dos sistemas internos e externos: o caso das AABBs. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, pp. 29-45, 2003.
- CAMARGO, O. L. **Recreação Pública Cadernos de Lazer**. 4a Ed. São Paulo: SESC, p. 29-36, 1979.
- CABI, A. H. C. Lazer e esporte nos clubes social-recreativos de Araraquara. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba.
- DAMATTA, R. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. (org.). **Universo do Futebol**: Esporte e sociedade brasileira, Pinakothek, 1982.
- _____. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 129-156, maio/agosto, 2003.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2007.

DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

DEBORTOLI, J. A. O. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, A. et al. (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, 2002, p.73-76.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, Campinas, n.115, p. 139-154, março, 2002.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo, Sesc, 1980.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DURHAM, E. R. Cultura e Ideologia. In: THOMAZ, O. R. (Org.) **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia/ Eunice Ribeiro Durham. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.256-279.

ECO, H. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

GASTALDO, E. L. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005.

_____. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 3, p.1-16, jul/out, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed., 6 reimpressão, São Paulo: Atlas, 2014.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, C. L. Lúdico. In: _____. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p 141-146.

GUEDES, S. L. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

_____. Que “povo brasileiro” no campo de futebol?. **Revista Razón y Palabra**, Cidade do México, n.69, 2009. Disponível em:

<<http://www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>>. Acesso em 15 set 2012.

HAVILAND, W. A. et al. **Princípios de Antropologia**. Tradução da 2a. edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning Edições, 2011.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva/ EDUSP, 1986.

KEESING, R. M. Theories of culture. **Institute of Advanced Studies**, Australian National University Canberra A.C.T., Australia, 1974.

MACEDO, C. C. Algumas observações sobre a questão da cultura do povo. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J. J. (Org.) **A cultura do povo**. São Paulo: EDUC, 1982, p. 34-39.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, nº 49, p. 1-20, junho, 2002.

MAGNANI, J. G. C.; AQUINO, J. D. A etnografia não é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa..., que se pode usar de qualquer maneira. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, p. 252- 266, 2012.

MAIR, L. **Introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. **Para tirar os pés do chão**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Lazer e Cultura: algumas aproximações. In: **Lazer e Cultura**. _____. (Org.). Campinas, SP: Editora Alínea, p. 9-30, 2004.

_____. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. **Revista Iberoamericana**, v.1, n.2, p. 1-20, mai./set., 2007a.

_____. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 2007b.

_____. **Estudos do Lazer**: uma introdução. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARTINS, R. A. Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sócio-moral em adolescentes que bebem excessivamente. 2006. **Tese** (Livre-Docência em Psicologia da Educação) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2006.

MAUSS, M. A expressão obrigatória de sentimentos. In: OLIVEIRA, R. C. (org.). **Mauss**. São Paulo: Ática, 1979, p. 147-153.

- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MISKIW, M. Nas controvérsias da várzea : Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. **Tese** (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escola de Educação Física, 2012.
- OLIVEIRA, P. S. É o brasileiro associativo? **Leituras Celazer**. São Paulo: SESC, 13 mar., 1981.
- ORIGUELA, M. A. Futebol e Cultura: Assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba/SP. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, 2014.
- ORIGUELA, M. A.; LOPES DA SILVA, C. Futebol e o bar: assistência ao esporte nacional brasileiro. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**; Brasília, vol. 22, n. 4, p. 55-67, 2014.
- _____.; _____. Lazer e futebol: o torcedor no estádio. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, vol. 14, n. 1, pp. 81-88, 2015.
- PALHARES, M. F. S. Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.
- PEREIRA, L. C. B.; GRAU, N. C. Entre o estado e o mercado: O público não-estatal. In: PEREIRA, L. C. B. GRAU, N. C. **O público não-estatal na reforma do Estado**. Caracas: CLAD: Paidós, 1998.
- PINTO, L. M. S. M. Lazer: Vivência privilegiada do lúdico. In: PINTO, L. M. S. M. **O lúdico e as políticas públicas: realidade e perspectivas**. Belo Horizonte: PBH/SMRS, 1995, p.18-26.
- PIRES, F. F. Roteiro sentimental para o trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 143-148, 2011.
- REQUIXA, R. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- ROMERA, L. A. Juventude, lazer e uso abusivo de álcool. 2008. **Tese** (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 2008.
- RYBCZYNSKI, W. **Esperando o fim de semana**. Record, Rio de Janeiro; 1ª ed., 2000.
- SANTOS, D.; AZEVEDO, A. A. Os torcedores nos bares do DF: secundarização, identificação e sociabilidade na capital. In: AZEVEDO, A. A. (Org). **Torcedores**,

mídia e políticas públicas de esporte e lazer no Distrito Federal. Brasília: Thesaurus, 2008.

SCHWARTZ, G. M. O processo educacional em jogo: algumas reflexões sobre a sublimação do lúdico. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 66-76, 1998.

_____. Atitude e conduta lúdicas: a emoção em jogo. In: _____. (Org.).

Dinâmica Lúdica, Barueri, SP: Manole, 2004, p. 205-217.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, M. R. **Lazer nos clubes sociorrecreativos**. São Paulo: Factash Editora, 2009.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, ano IV, n.7, p. 52-66, 1997.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa qualitativa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, C. L. G. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.15-56.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil”